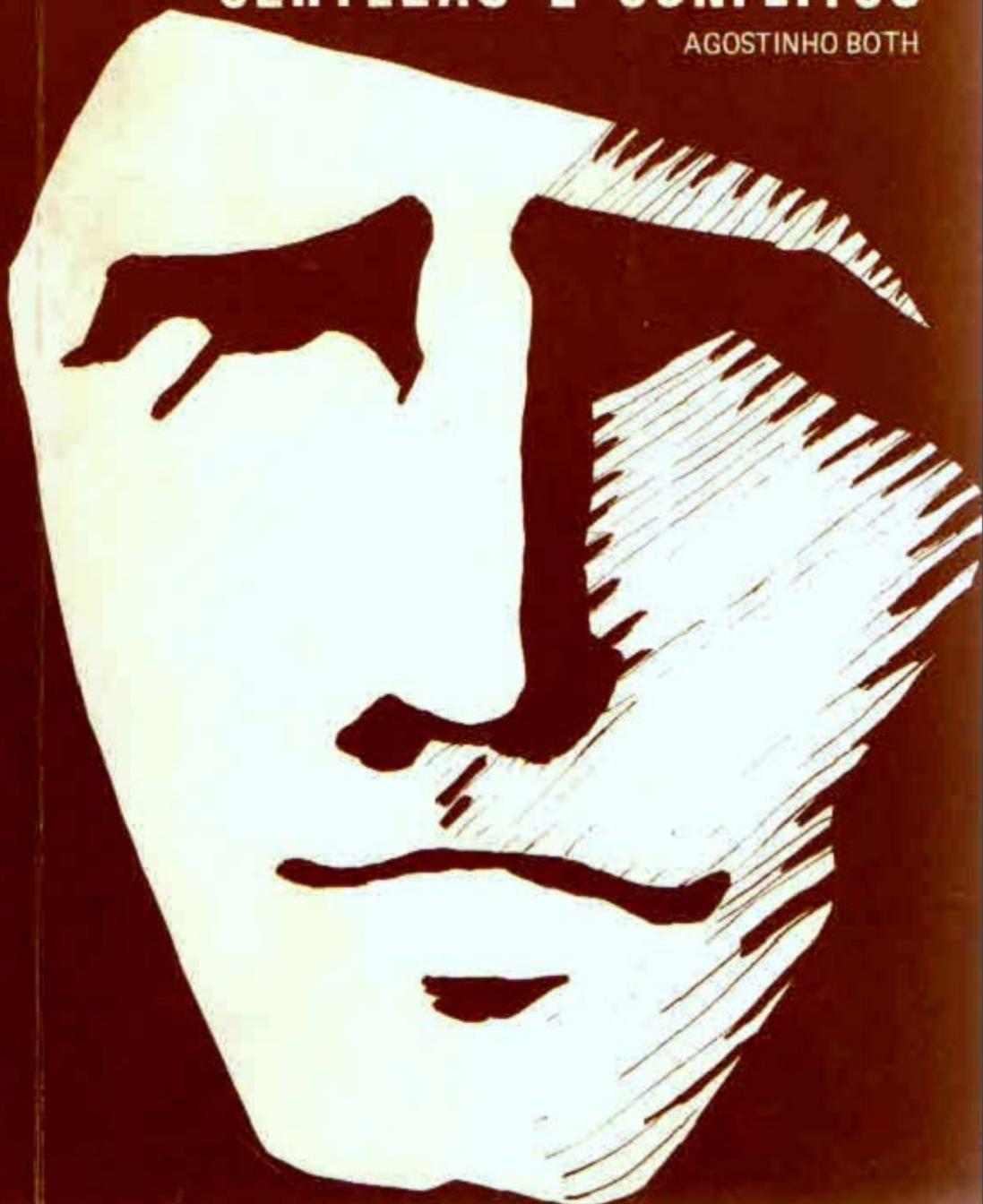


**PEDAGOGIA SEMINARÍSTICA:
CERTEZAS E CONFLITOS**

AGOSTINHO BOTH



O Livro "Pedagogia Seminarística: Certezas e Conflitos" pretende, em sua narração, revelar a pedagogia cristã nas três etapas da experiência dos seminários religiosos (menor - noviciado - maior). Apresenta o período de transição entre o regime de restrita liberdade até a abertura concedida pelo espírito da época do Concílio Vaticano II.

Busca o autor apresentar, em estilo dinâmico, as ideias e acontecimentos de uma época ainda não superada. As escolas de educação superior estão servidas, em sua maioria, de educadores que tiveram decisiva influência da pedagogia seminarística. Mesmo os problemas de filosofia e organização educacional estão presos às raízes de uma proposta cristã ainda sem plena identidade.

Agostinho Both

**Pedagogia seminarística
certezas e conflitos**



Projeto
Passo Fundo
Apoio à cultura

2013

Agostinho Both

**Pedagogia seminarística
certezas e conflitos**

Passo Fundo
Projeto Passo Fundo
2013

Projeto Passo Fundo

Página na internet: www.projetopassofundo.com.br

e-mail para contato: projetopassofundo@gmail.com

Disponível no formato eletrônico /E-book.

Do livro: Educação, Religião. -Passo Fundo: Editora UPF, 1986. 148p.; 21cm.

Todos os direitos reservados ao Autor.

O conteúdo deste sitio NÃO pode ser reproduzido, copiado, gravado, transcrito ou transmitido por meios mecânicos, fotográficos ou eletrônicos, sem a citação de autoria, nos termos da licença

[Creative Commons Atribuição-Compartilhualgal 3,0 Nao Adaptada.](#)

Para ver uma cópia desta licença, visite:

creativecommons.org/licenses/by-sa/3.0/deed.pt_BR ou envie uma carta para Creative Commons, 444 Castro Street, Suite 900, Mountain View, Califórnia, 94041, USA.

Revisado pelo Autor em: 03/04/2013

Capa de: Maria Lucina Bueno

B749p Both, Agostinho

Pedagogia seminarística [recurso eletrônico] : certezas e conflitos / Agostinho Both. – Passo Fundo : Projeto Passo Fundo, 2013.

E-book (formato PDF).

ISBN 978-85-64997-87-5

Modo de acesso: World Wide Web

<<http://www.projetopassofundo.com.br>>.

1. Seminários teológicos católicos – Rio Grande do Sul.
2. Seminaristas – Rio Grande do Sul. I. Título.

CDU: 37.018

CERTEZAS E CONFLITOS

Aos companheiros de memória e escrita:

Canísio Spies – Guido Casildo Henz – Anselmo Berwanger – Osvaldo
João Ranzi – Hermeto Lunkes – Hilário Spies – Arduino Brun – Júlio Ritt.

Aos amigos que incentivaram a publicação:

Solange Longhi e Pe. Elli Benicá.

Sumário

INTRODUÇÃO.....	11
PREFÁCIO.....	13
PRIMEIRA PARTE.....	17
O SEMINÁRIO MENOR.....	17
SEGUNDA PARTE.....	98
O NOVICIADO.....	98
TERCEIRA PARTE.....	143
O SEMINÁRIO MAIOR.....	143
BIBLIOGRAFIA.....	176

INTRODUÇÃO

O trabalho que ora é divulgado tem a intenção de representar o pensamento e ação da Universidade de Passo Fundo e seu compromisso regional.

A educação que se faz na região do Distrito Geo-Educacional 38 que vai do Noroeste ao Nordeste do Estado do Rio Grande do Sul é praticada nas Instituições de Ensino Superior por homens que tiveram, em sua maioria, contato direto com a vida seminarística. O trabalho, portanto, pretende contribuir com a identidade dos educadores desta região e com suas angústias e certezas.

O estilo pretende ser, propositadamente, pessoa. A verdade, não necessariamente, se revela apenas em expressivas obras científicas. Em diálogos, meditações, cartas, anotações e outras formas buscou-se revelar as memórias da experiência seminarística que dizem das grandezas e limites da pedagogia cristã nos últimos 40 ou 50 anos.

A experiência do personagem Solano criado como aglutinador da vida de vários seminaristas e seus reais companheiros reúne, nos anos de 56-60-63 as três etapas da vida seminarística: o seminário menor – Santo Ângelo – resumindo em 56; o noviciado – Palma Sola – em 60 e o seminário maior – Passo Fundo –, com os estudos filosóficos e teológicos, resumido no período de 1963 a 1965.

O trabalho é destinado a todos os educadores que refletem sobre as saídas que se buscam para uma educação mais apropriada ao homem brasileiro e principalmente para o homem de origem imigrante. Naturalmente diz respeito a todos que estão fazendo suas vidas sob a inspiração seminarística. Não se pretende esgotar a riqueza ainda oculta da educação dada nas regiões rurais através dos seminários, nem tampouco exaurir o significado da inteligência rural garantida pela Igreja, como salvaguarda de si mesma e da camada campesina.

Pretende a “Pedagogia Seminarística” ser apenas mais uma contribuição entre as tantas existentes, na revelação da identidade Latino-Americana que se manifesta cada dia mais.

Embora as duas primeiras partes referirem acontecimentos locais não fogem à ordem da instituição seminarística encontrada em muitos testemunhos. Não são casos isolados mas, ao contrário, partes de um conjunto que impunha um saber, querer e agir próprios do seminário e de sua pedagogia legitimamente cristã, entendida na sua época.

Passo Fundo, fevereiro de 1986.

O Autor

PREFÁCIO

A tradição pedagógica do Rio Grande do Sul, principalmente nas regiões da colonização alemã, italiana e polonesa, tem suas raízes presas à cultura religiosa trazida pelos imigrantes de seus países de origem. As escolas paroquiais e ou comunitárias que exerciam a função de ensinar a ler, escrever e fazer contas, tinham também como finalidade primeira a de transmitir os princípios cristãos através da catequese escolar.

A mesma pedagogia catequética utilizada nessas escolas comunitária era experienciada também nos Seminários, onde muitos filhos de imigrantes buscavam inicialmente a complementação de estudos para a realização de sua proposta ao sacerdócio ou à vida religiosa, finalidade primeira do Seminário. Ao longo dos estudos, muitos dos alunos que frequentavam o Seminário desistiam de buscar o sacerdócio ou a vida religiosa, como proposta definitiva.

Ao retornarem para suas comunidades de origem, passavam a assumir outras funções comunitárias, além de atividades vinculadas à sua vida de fé.

O exercício do magistério, principalmente nas comunidades do meio rural, foi uma das funções privilegiadas por esses filhos de agricultores, que certamente não teriam tido outra oportunidade, se não houvesse o Seminário.

Hoje, as Universidades e Instituições de Ensino Superior, bem como as Escolas e Órgãos Públicos, não só do Rio Grande do Sul, mas, também, de outros Estados da União, tem uma presença muito marcante de professores que saíram de famílias do meio rural e que realizaram seus estudos nos Seminários. Além do magistério secundário ou superior e da pesquisa, muitos são dirigentes de Instituições Educacionais.

Reitores, Administradores Educacionais, Pesquisadores, Mestres em Educação, ou em outras áreas das Ciências Humanas, Professores e

Diretores de Escolas de 2º e 1º graus, são as presenças de um grande contingente de educadores que realizaram sua formação nos Seminários. O Seminário era uma das únicas vias de acesso à escola secundária e superior que encontravam os filhos dos imigrantes que viviam no meio rural.

A história da Pedagogia do Rio Grande do Sul não pode desconhecer esta realidade. Daí a importância do trabalho do Professor Agostinho Both, professor de Psicologia, da Universidade de Passo Fundo. O relato de sua experiência torna-se mais significativo porque compreende o período anterior do Concílio Vaticano II, onde a pedagogia utilizada nos Seminários era essencialmente de tradição européia e de caráter dogmático e o período de desenvolvimento do Concílio, quando começaram a eclodir e a se manifestar os conflitos próprios do período de transição, narrado nesta obra.

As exigências que os novos tempos impuseram à Pedagogia desenvolvida nos Seminários, custou o esvaziamento da maioria deles e o fechamento de outros. A crise pedagógica, contudo, não foi superada. Está presente nas universidades, escolas confessionais e públicas, assim como nos próprios seminários. Mesmo que o aumento do número de alunos nos seminários seja significativamente expressivo, não encontraram, porém, uma pedagogia capaz de traduzir e vivenciar a mesma segurança vivida nos tempos anteriores do Vaticano II. Na medida em que a Igreja aceitou o enfrentamento com o mundo contemporâneo e seus desafios, a pedagogia não tem outra alternativa que habituar-se com a insegurança provinda da convivência conflitiva da nova sociedade.

O trabalho que o professor Agostinho apresenta será, certamente, a provocação para outros estudos e reflexões em torno da prática pedagógica e psicológica em desenvolvimento nas escolas e instituições de ensino superior no Rio Grande do Sul.

A maneira existencial e direta, como é relatada a experiência, permitiu ao autor permanecer fiel aos acontecimentos e à verdade

histórica, fugindo de formalismos estéreis, estimulando e provocando a curiosidade do leitor.

Pe. Elli Benincá

PRIMEIRA PARTE

O SEMINÁRIO MENOR

I – DAS DIFICULDADES APÓS AS FÉRIAS, OU SOBRE O ABANDONO DOS PROPÓSITOS PESSOAIS PARA ASSUMIR COM INTEGRIDADE O TEMPO SIMINARÍSTICO

A sineta despertou Solano de seu sonho salvador. E lá foi ele, no meio da turma, rezando o miserere sem muita consciência das palavras que dizia.

O seu corpo, apenas no início, dizia não haver nada de interessante nas palavras do Pe. Humberto: “Cuidado com as mãos e com as ideias, antes de dormir. Os pensamentos nem sempre são os melhores companheiros quando se é jovem. Seminarista que se preza, invoca Nossa Senhora na hora da má imaginação. Quem ainda com ela pensa mal, não pode estar bem da cabeça.”

Pobre de mim, pensou Solano.

“Quem hoje se desentendeu com algum colega, que perdoe sem muita complicação, pois Deus não gosta do meio termo. Tem alguém dentre vocês que tem por propósito ser mártir, mas detesta o estudo e o trabalho. Tenho a impressão que Deus não quer gestos enormes, pois lhe agradam, em primeiro lugar, os gestos do dia-a-dia. Ou será que por um só golpe é possível substituir todos os momentos de responsabilidade?”

Francisco engoliu em seco.

Nesta mesma noite foi anunciado que o próximo dia seria dedicado ao retiro do início do ano.

Na casa de 200 meninos e jovens se fez silêncio. Era tempo de pôr ordem nas desordens das férias. O pregador de voz profunda e profética limpava as consciências, pondo remorso sobre as falhas.

Vinha o 36 de Ezequiel: “Dar-vos-ei um coração puro e um novo espírito porei no meio de vós; tirarei o coração de pedra de vosso corpo e vos darei um coração de carne. Colocarei o meu espírito em vosso interior e farei que caminhes em meus preceitos.”

Fazia-se ouvir o 3 de Daniel: “E agora nós vos queremos seguir de todo o coração e vos tememos, e procuramos a vossa face. Não vos envergonheis, mas agi conosco segundo a clemência e conforme a abundância de vossa misericórdia.”

Ouviram a tudo, dividindo seus pensamentos entre a lembrança dos seus, que moravam no interior, e a lembrança destes e outros profetas.

A confissão da tarde fazia sair a mancha dos pequenos e grandes pecados. Enquanto faziam a confissão, preparavam o material escolar ou escreviam cartas.

Solano estava feliz por estar aliviado de seus pecados e dizia da elevação de seu espírito para os seus:

“Estou com saudade das coisas até sem importância: da fumaça de nossa chaminé, do tubiano, meu companheiro de viagens ao moinho. De vocês a saudade é tanta que duas lágrimas atrapalham a letra. Acredito que Deus merece a tristeza dos fins de fevereiro.

Mãe, reze por mim para eu esquecer do teu olhar que me judia quando fecho meus olhos. Pai, já paguei o seminário e seu quanto suor lhe custou o milharal, mas foi o senhor quem me disse para não deixar a voz de Deus passar sem resposta. Estou nesta picada quase sem saída e quero ver até onde vai me conduzir, às custas de meu pai. Mano Jacó,

quando você disse que, às vezes, pensa em vir para o seminário para sair da roça, pensei que não é assim que Deus fala. Se um dia ele o fizer, não vai ser para te dar folga. Prefiro estar lá, mas aqui é meu lugar.

Pe. Humberto é nosso prefeito. Possui um jeito de falar menos pesado que os outros padres da casa. Talvez ajude a se suportar mais facilmente o peso. A única coisa que me incomoda é que não dá pra duvidar de nada. Os padres têm sempre razão nas suas afirmações. Há poucos dias, como estavam todas as peras maduras, eram servidas às vacas. Eu e mais um colega comemos delas, fora de hora. Fomos acusados e fui chamado ao reitor que me disse que não era digno para um seminarista disputar peras com as vacas. Apenas falei que achava justo repartir frutas com animais. Isso me valeu ameaça de expulsão. Disse o Pe. Clemente que sem disciplina as pessoas acabam não sabendo o que fazer de si mesmas. Mais uma vez fiquei calado. Gosto das férias porque posso inventar e pôr mais de mim no que faço. Tenho, então, saudades dos índios que corriam soltos por estas coxilhas e, com certeza, corriam soltos naquelas que vejo daqui.

Espero que deixem passar esta carta. Estou de livros todos diferentes e o que me assusta é um com todos os verbos irregulares de Latim.

Faz uma hora que limpei minha alma. Na verdade não estava muito suja. Estou sempre preparado, já que tenho medo de duas coisas: a primeira é de morrer, e a segunda é de ser pego na morte sem graça. Rezo antes de dormir o ato de contrição para que, se Deus me levar, nada tenho lembrança alguma. Pai, do jeito que estou indo vou acabar fazendo concorrência com algum santo sem muito prestígio.

Neste ano entraram 55 novatos. Parecem todos perdidos e assustados pelo que vêem e ouvem. Sempre tem algum antigo que gosta de aparecer sobre a ignorância dos que chegaram.

Estou vendo o sineteiro indo em direção ao sino: é hora da adoração. Termino saudando a todos em Jesus, Maria e José”.

Solano, naquela noite, mais uma vez ouviu o elogio do silêncio:

“Todos têm língua para falar, mas ela se alimenta do que falam os pensamentos, e os bons nascem no silêncio. De hoje à noite até amanhã depois do café, teremos o grande silêncio. É falta grave falar neste período. Termina com a leitura do Martireológio. A semente, quando produz outras sementes, não faz alarde. Bem mais importante é o silêncio para as boas idéias. Pensem nas leituras e nas palavras do pregador. Organizem tudo o que foi dito, que durante o sono elas penetram na alma como a chuva no verão”.

O sineteiro, antes das 5, disse alto: “Benedicamus Dominum” e ninguém podia ficar sem responder o “Deo Gratias”.

Após a oração pelos missionários, pouco mais difícil se tornava sustentar os olhos abertos com a meditação do Pe. Pedro. Tanto a voz como as ideias se faziam em canção de ninar. Pequenos milagres saltavam da infinita misericórdia de Deus. Jesus, Maria e José tocavam seus dedos nas dores de quem sofria. Os santos e os anjos não se cansavam de ir de um lugar a outro, orientando e realizando boas ações entre os homens de boa vontade. O drama humano e suas contradições eram resolvidos com paciente esforço e coração puro. Deus estava triste e alegre, variando de humor conforme o mal e o bem que se fazia. Às desconsoações e aos irracionais condicionamentos bastavam algumas rápidas jaculatórias e bem ditas orações como se lavar um elefante fosse o mesmo que regar um girassol. São Luiz sabia aos lírios, e Santa Terezinha, às rosas. A oração e o trabalho estavam para a santidade, assim como o sol para a luz. O dever estava para ser cumprido e não questionado, e o agradável pouca chance possuía. As flores e o campo com todos os seus animais fazia a louvação de Deus. Principalmente nos primeiros dias, contavam fatos impressionantes sobre os seus companheiros do infinito para que os recém chegados tivessem boa impressão de todos eles.

Para alguns antigos e novatos, pouco ou nada os atingia, uma vez que seus motivos os distanciavam das propostas da casa. Para alguns, a

vida de seus pequenos lugares chamava tão alto que voltavam. Alguns outros, empurrados pelos apelos da natureza e limites pessoais, não suportavam o clamor das virtudes tão exigidas. Ainda havia aqueles poucos que não estavam para tantos sacrifícios, não tendo em mente um ideal distante. E quando partiam, armava-se um clima ruim para eles, como se estivessem possuídos de peste. Afinal, como não considerar indecoroso o repúdio à proposta de Cristo? Os que partiam sentiam o ambiente como se fossem covardes a ponto de deixar o grupo sozinho. Gerava-se a angústia e a ansiedade, uma vez que, como dissidentes, tinham a rejeição por companheira e, além disso, a decepção de suas comunidades os esperava com gestos de desprezo. Mas os que diziam adeus não mereciam atenção, importando que as determinações fossem seguidas, cada uma a seu tempo.

Tanto as divisões dos grupos dos pequenos, médios e maiores, como a divisão do trabalho, eram realizadas com cuidado desde os primeiros dias.

Solano foi designado para a bolaria, e dizia para Francisco:

– Preferia cuidar das abelhas ou do pomar.

– Eu, de minha parte, falou Francisco, preferia cuidar da roça ou matar as formigas, mas melhor para nós dois que não ficamos para levar a lavagem aos porcos ou cuidar dos banheiros.

Jacó, que ao lado cuidava das frutas, disse:

– Não se alegrem, uma vez que de tempos em tempos mudam as atividades.

– Bom mesmo seria trabalhar na Fáiisca*. Saber o que estão escrevendo e pensando por aí não é nada mau. Gosto das piadas e das histórias de nós todos.

* Revista Interna do Seminário.

Nesse momento apareceu Hermeto que por aí passava, ainda tímido diante de tanta novidade.

- Qual o teu trabalho? Perguntou Solano.
- Com as abelhas.
- No apiário, acrescentou Francisco.

Jacó perguntou-lhe sobre seus sentimentos a respeito dos primeiros dias do tempo seminarístico, e Hermeto respondeu:

– Pensei que fosse melhor, aqui não se tem vez e algumas exigências são fortes demais. Pedir perdão por qualquer falta de tarde e de noite, é quase humilhação. Como é mesmo? “Reverendo Padre”.

– Não, cortou Jacó, do outro lado da parece. “Reverendíssimo Padre, me acuso por ter feito isso ou aquilo e por isso peço perdão e humildemente penitência”.

– Prato de sopa de joelhos, disse Francisco, tentando imitar Pe. Humberto.

- Muito obrigado, Reverendíssimo Padre, brincou Jacó.
- O que mais te assusta, Hermeto? Perguntou Solano.

– Quando na hora cheia, de repente, dizem bem alto: “Mi Jesu, Misericórdia”. Da primeira vez me senti pior que minhoca em terreiro. E aquele castigo de tomar sopa no refeitório dos padres. Vou experimentar mais um bom tempo, e depois vejo se pico a mula ou não.

Nesse instante passava Aguielo. Perguntou-lhe Solano:

- Como te chamam?

– Não me chamam, eu vou quando quero. Nasci no campo e não gosto de arreios. Ainda me conhecerão. Nem sei por que tropeei meu corpo neste recanto. O padre Henrique disse que nativo não serve para as lides do Poderoso. Disse ainda que Deus não vai além da pele na vida dos caboclos e que pelo duro não tem jeito para voo alto. Vou tentar um pouco

mais. A cancha não é reta nas corridas daqui, mas vou trotear sem grandes preocupações.

– Como você fala difícil. São as palavras do campo? Falou Francisco.

– Isso não é nada. É preciso ver e ouvir quando a peonada faz marcação. Soltam a língua e parece que a campanha faz poesia na boca da indiada.

Mal Aguiuelo terminara suas palavras, quando, sem desvios, chegou o prefeito, dizendo:

– Você aí, vá para o trabalho e hoje à noite peça perdão.

Pensando, ergueu a cabeça: Puta que los pariu. Não dá nem para erguer a cola distraído que tem gente...

Veio mais repressão: Escuta filhote, seja mais humilde.

No caminho do trabalho, resmungava: me mando hoje ou amanhã bem cedo, que de mando já estou cheio. Prefiro o cheiro da capoeira e o barulho dos cavalos soltos. O que me faz ficar aqui? Prefiro a sorte dos cuscos que rengueiam na geada, a caminhar certo no assovio de quem tropeia. Quem ainda me segura? Num tiro posso estar no meu galpão. Encilho o matungo e venho até aqui e mando este cara à merda. Quem me faz obedecer? Não nasci para ser comido pelo rabo. Meu tempo ainda não está para urubu.

Enquanto, com raiva, limpava o pomar, veio uma abelha pedir satisfação do mel que lhe roubavam no apiário. Morreu como símbolo de quem, atrás, dizia:

– Meu filho!

Pensou: que antes me chame de filho a égua do jegue.

– Vá agora ajudar o pessoal do mel. Estão precisando de alguém para limpar os caixilhos. Escute: não gostei da raiva encontrada no teu rosto. Vá se confessar com o padre espiritual. Aqui não existe lugar para

seminarista orgulhoso e sem controle. Você sabe que cavalo xucro em pouco tempo pode ser bom marchador. Não fique aí exibindo valentia, que Cristo não vai muito com esse jeito de ser.

Tenho vontade de mijar no sapato do homem, ainda pensou.

– Estou falando com você!

Para não piorar, disse, vencido: Sim, Pe. Humberto.

Elói, terminado o trabalho, passava de cabelo em pé e passo apressado quando Pe. Humberto o chamou, dizendo-lhe sem rodeios:

– Preciso falar com você. E foi falando: você anda contando vantagem sobre as garotas nas férias. Em primeiro lugar, fique sabendo que você é seminarista. Ou se consagra, ou se manda. Em segundo lugar, tem gente reclamando que suas histórias estão perturbando a pureza de alguns.

– Mas Pe. Humberto, só falei de duas que me tentaram e de como fui forte na tentação.

– Deixe suas tentações de lado. Reze mais e imagine menos.

Logo adiante, Pe. Humberto encontrou Pe. Henrique, e desabafou:

– Esta rapaziada vem toda ferida das férias. Soltamos eles no fim do ano, quando estão quase acostumados com a santidade, e chegam confusos e perturbados.

– Meu filho, disse-lhe Pe. Henrique, no verão as tentações aumentam. A virtude não se dá bem com o calor, e no Brasil os costumes não são os melhores para a presença de Deus. Logo mais chega o inverno e a compenetração vai melhorar. Abençoe-os por mim.

– Quer dizer que na Alemanha é mais fácil servir a Deus?

– Pois parece que é, tanto pelo clima, como pela seriedade com que se levam as coisas de Deus. Continuou rezando o breviário e Pe.

Humberto continuou o seu caminho para ver se faziam silêncio na casa da higiene, perto da Economia. Viu que um novato chorava.

– O que foi que aconteceu, meu filho?

– Me chamaram de tucano. Só por causa do meu nariz.

– O apelido não assenta bem para um garoto de voz tão bonita e cabeça tão boa.

– Mas não é bem isso que me faz chorar.

– O que, então?

– O Luiz me chamou de Pinóchio, e não sei o que é.

– Não é feio não.

Voltou a calma. Luiz foi chamado e a falta de respeito lhe valeu castigos.

Outro dia, Pe. Humberto encontrou novamente o novato chorando.

– O que aconteceu?

– O Luiz me chamou de mentirinha.

Naquela noite, Pe. Humberto falou com muita seriedade:

– Cada ano que passa vocês vêm mais feridos pelas férias. Alguns vêm com tanta saudades que mal se seguram aqui, Cristo disse: “Quem tomar o arado e olhar para trás, não é digno de mim”. Existe seminarista com torcicolo de tanto olhar para trás. Deus não merece mais atenção? Alguns, em vez de estudarem com afinco para espantarem a ignorância, ficam de olhar perdido, mais parecendo pássaros tontos. Outros estão agressivos. Esqueceram que Deus é amor? Ou, por acaso, se bandearam para o outro lado? Está na hora de colocar a bondade em dia. Vários de vocês vivem em grupinhos, formando panelinhas daquelas que o diabo gosta. Cada um possui a sua divisão e receberá castigo se for pego conversando com alguém de outra, ou formando amizades estreitas. Parece que alguns voltaram cegos de casa, pois não são capazes de

reconhecer o outro sem tocá-lo. Está na hora de botar a casa em dia, e quem não tiver boa vontade que volte. A partir de amanhã, os castigos serão mais severos e a conduta será mais controlada, mesmo que alguém tenha que ser mandado embora. Vocês estão no seminário. Tenham em mente que serão padres. As orações estão sendo feitas sem vontade. Parece mais que estão resmungando que elevando o espírito. O silêncio não está sendo respeitado, ou a língua de vocês não tem dono. Já disse que Deus se manifesta no silêncio. A sineta nesta casa é a voz de Deus, e se alguém está surdo para ela deverá perceber o que fazer através de outros sentidos. Deus detesta tanto os preguiçosos que garanto que com eles não fica mais que cinco minutos. Este é o tempo suficiente para o diabo tomar conta. Hoje de manhã, Pe. Pedro falou que vocês deveriam ser santos. Vi que alguns olharam como se fosse demais o que tinha sido dito. Eu digo que vocês devem ser de Cristo de corpo inteiro. Ele já disse que cospe os mornos fora de si. Será por isso que alguns andam por aí parecendo lesmas? Outros, ao contrário, tomaram gosto de tudo o que aqui acontece, não perdendo oportunidade de melhorarem no espírito. Estão à disposição de Deus, sem se perguntarem muito por onde caminhar. Como é bom ver Deus bem servido com a vontade daqueles que obedecem. Desde manhã já mostram tanto entusiasmo, como se o sol tivesse nascido só para eles. Possuem no rosto o sinal da ressurreição, ao contrário dos desleixados, que mais parecem condenados. Temam a Deus quando passa. Não fiquem guardando as lembranças das mulheres vistas nas férias. Estas tentações fazem perder a vocação. Orem para a mãe de Deus, para que possam ter sempre um coração puro, ou será que Deus não merece o seu corpo e seus apetites? Temam a Deus, repito, pois é possível que não passe mais.

Pois bem, para alegria dos que já se reconciliaram com Deus, como daqueles que ainda estão em dúvida, amanhã faremos o passeio grande. Somente amanhã poderão expressar o contentamento. Hoje pensem com cuidado em tudo o que falei. O silêncio deverá envolver os pontos comentados.”

O “Salve Regina” foi cantado com tanta força naquela noite, parecendo que todos tinham em mente acordar até os anjos que dormiam.

O silêncio estava presente e assistia à maioria a pôr ordem nos sentimentos e pensamentos.

Três da divisão dos maiores foram pegar o necessário: costeletas de porco defumadas, ervilhas, pães, frutas. Tudo era colocado, com cuidado, num grande baú reforçado.

O passeio era o prêmio maior para a austeridade cumprida e para a renúncia dos desejos e intenções originais.

Solano ficara mordido pelas palavras “tenham em mente que serão padres”. Defrontava-se em reflexão, que nada de si lhe pertenceria. A castidade fecharia a porta do carinho, nada mais sobrando para si de sua intimidade. Os gestos seriam medidos e controlados. Sentia deixar uma mão feminina tomando seu rosto, mas logo via-se velho, muito velho e vendo o Senhor perguntando onde deixara sua vocação. Dormiu rezando sobre seus conflitos.

No outro dia, ninguém teve dificuldades para dizer “Deo Gratias”. Olharam para o céu buscando as estrelas e viram que a madrugada estava chegando bondosa. Prepararam o bodoque e o anzol. A alegria estava com todos. Pe. Pedro dos folguedos e das alegrias ingênuas do Menino.

Aquele dia, após o café estava todo à disposição. A descontração, prima distante da liberdade, revelava-se generosamente, depois de tantos esforços ingentes. Sabiam que momentos fugazes estavam para cada um de tal forma que ao menos pudessem tecer um dia com colúpia. Passeavam, então, pelo campo. As perdizes voavam, piando assustadas. A grama e o pasto eram pisados, ainda com orvalho. Os animais admiravam os meninos que passavam.

Comentava Solano:

– Esta mesma terra viu Sepé e seus homens que sonhavam com seu reino. Aí chegaram os portugueses e espanhóis e não restaram mais que poucos, que se esconderam tristes e envergonhados.

– Mas se estivessem vivos, onde seriam jogados os pobres de toda a Europa? Falou Jacó.

– O importante é que estamos aqui, caminhando livres. Pena que nem todos os dias possam ser como este. Gosto do ar puro, entrando nas ventas. Que Deus me perdoe se este pangaré enveredar por outras porteiras. Sou capaz de pegar uma china e sair por aí, disse Aguielo.

– Você fala grosso, mas no fundo quer ficar, retrucou José.

– Vão gastar muito chumbo para pegar esse mico.

lantsch, o piedoso, arriscou:

– Você vai para o inferno, se não melhorar as palavras.

– Meu vizinho Ponciano dizia que o inferno não pode ser tão ruim assim. É feito pra gente.

– Mein Got, so sed ma net*, falou lantsch, vermelho e engolindo em seco.

Pe. Agostinho, que ajudava no controle, disse alto:

– Vamos rezar o terço.

Solano estava feliz, uma vez que os murmúrios ajudavam a contemplar o campo e suas novidades. Revoadas de pelinchos. Os chopins ao alto e como perder a cotovia que cantava, erguendo-se ao sol?

Um canto alegre fez-se ouvir na campina e os caboclos olhavam, pasmados, do rancho.

Logo que chegaram começou a orgia das intenções pessoais. Alguns matavam a saudade de um bom jogo de cartas. Organizavam time

* Meu Deus, assim não se fala.

de futebol em campo improvisado. Outros já pescavam no açude da olaria, alimentado pelo rio Santa Bárbara. Retesavam-se os bодоques. Poucos liam à luz do sol. Remadores brincavam com as canoas. O grupo de cozinha estava animado, sob a liderança de Karkoff. Havia, também, os que nada mais faziam, senão acompanhar os acontecimentos.

Ao meio-dia percebia-se no ar o gosto de uma necessidade atendida, com bom alimento, servido em pratos limpos. A lentilha com chouriço e costelas de porco defumadas era um cardápio só para este dia.

À tarde, novas atividades eram descobertas, buscando-se superar aquelas da manhã, presenteando-se o organismo com a excitação da novidade. O prazer elogiava o esforço das duas semanas iniciais, mostrando-se que se tira a melhor alegria do descanso da disciplina que norteia ações carregadas de virtude. Nada mais era preciso que soltar o corpo por 12 horas, para deixá-lo esfuziante. E pode sentir algum prazer aquele que tem seu corpo em constante relaxamento? Até aonde poderá ir para tentar um prazer imerecido?

Ali estava, para quem quisesse ver, a alegria solta nos gestos simples e descontraídos daqueles que tinham propósitos para andar.

A tarde se anunciava pelos sinais que lhe são próprios. Por um apito, se dizia que já era tempo de retornar. Em pouco tempo, se ouvia no campo o murmúrio cansado da reza, e via-se a silhueta sóbria e solene da grande casa. Condicionavam o espírito para a austeridade do dia-a-dia. Naquela noite, o cansaço foi o melhor companheiro do silêncio.

A noite do outro dia foram entregues as primeiras cartas.

Com emoção, liam nos cantos, cada um buscando ocultar os segredos. Vergílio se compenetrava naquilo que lhe dizia seu vigário: “Te esforça em crescer na piedade profunda, no amor de Deus e em jamais desrespeitar teus superiores. Por meio da oração, do trabalho e da fuga de qualquer ociosidade, procura evitar tudo o que é contrário à castidade”. Sabia Vergílio porque o vigário lhe escrevia estas palavras. Comentava,

em seguida, com seu amigo Hilário, que o vigário queria deixá-lo em seu lugar.

– Acho que ele quer ficar vivo em mim. Não quer deixar que se vá sem que outro tome conta de sua paróquia.

Hilário brincou:

– Rapaz, estás comprometido. Agora não respondes apenas por ti.

Poucos dias depois, na hora dos trabalhos manuais, começou a andar, entre cochichos e sustos, a notícia de que o velho empregado Breier estaria morrendo. O velho morava no quarto debaixo da grande escadaria, e os que estavam trabalhando por perto foram convidados a ajudar a alma que partia, chegavam nem tanto por devoção ou solidariedade, mas antes por curiosidade. Solano ficou de fora da janela, espiando as despedidas do velho. Pe. Pedro invocava a clemência do Senhor e, ao ver os rostos mais curiosos que piedosos, mandou que se ajoelhassem, uma vez que o momento estaria mais para a eternidade e seu mistério, que para o momento comum. Solano sofria com o esforço do velho em ficar, considerando, num fugidio pensamento, a contradição entre as orações que desejavam boa viagem e a força que fazia o velho em se agarrar à vida. Quando, sobre a cama, se fez silêncio, Solano se comoveu ao pensar que a tantos o velho fizera o bem e agora partira só. A lembrança dos últimos tremores estragou-lhe o resto do dia, principalmente ao considerar que poderiam ser os seus. Estava absorto na fatalidade quando Aguielo cutucou-o e disse:

– Nunca tinha visto alguém bater com a cola na cerca. Não tem muita diferença dos bichos, incluindo o tremor.

Solano fez cara de quem não gostou da falta de elevação do espírito, e disse:

– Isso por fora. O importante a gente não vê.

– Não vi nada, nem a alma saindo pela janela. E prestei atenção.

Como Solano sentia sua fé ameaçada, retrucou para concluir:

– Vai que você não está bem dos olhos.

– E você viu?

– Vi sim! Quase quebrou a vidraça. Riu, decepcionado com a falta de fé que andava em torno dos dois.

– Diante da consternação profunda é preciso brincar, senão estamos lascados, falou à noite José, quando comentavam sobre os acontecimentos do dia.

Pe. Humberto, que não perdia as oportunidades para educar, fez ver a todos o limite humano e a finitude:

– Conheci o velho quando tinha a idade de vocês, e naquele tempo era forte como uma montanha. Hoje alguns viram como partiu, sem reclamação.

“E adiantava reclamar”, pensou Jacó.

– Existem momentos em que a gente se sente tão pequeno que não consegue muito mais, se não exclamar “Meu Deus!”. Vocês, como eu, nasceram para nutrir os homens na fé, para que possam suportar a si mesmos na decepção. Em certos dias estamos com tanta saúde, como se já estivéssemos ressuscitado, mas em outros invocamos as sobras da piedade e nos parecemos com o que se afoga em lago profundo. A nossa fortaleza está no Senhor. Como os pássaros, quando estão muito cansados, repousam nas árvores, assim nós devemos nos sustentar naquele que pode. Espero que a morte possa ajudar aqueles poucos que ainda não tomaram nas mãos com firmeza a sua vocação. A fragilidade da vida é tanta, que nos cabe agradecer a escolha que recaiu sobre nós para zelarmos pela alma que não fenece jamais.

O início daquele semestre não estava para dizer boas vindas nem ao velho Breier, e tampouco ao menino Heck. Impressionava a todos as manchas de seu corpo, e como elas se multiplicavam, atraiu mais compaixão e fraternidade, quando o médico diagnosticou que estava possuído do Mal de Hansen. Foi isolado de todos, sem exceção, porque

gostavam do garoto ferido de morte, olhavam para a janela com tristeza, como se a melhor parte deles estivesse se deteriorando naquele quarto. Já então tudo estava no seu devido lugar e estes acontecimentos fortaleciam o que de todos era exigido, desde as divisões que deviam permanecer incomunicáveis entre si, até o silêncio nos corredores.

As aulas já haviam iniciado e a concentração se manifestava cada dia maior, conforme a exigência dos professores e a motivação dos alunos. Solano e seus companheiros de divisão, bem como todos os outros, já sabiam de cor o horário com suas respectivas tarefas.

4h 55min. Despertavam bem antes que o sol os pudesse surpreender. As primeiras palavras eram de louvação. A ninguém era permitido, por um instante sequer, ficar aproveitando o calor da cama. Realizavam rapidamente a higiene pessoal, como se o dia fosse curto para tudo o que ainda tinham de fazer.

5h 15 min. Começava a oração pelos missionários. As invocações se estendiam em várias direções. Pediam por aqueles que resolveram, em definitivo, fazer da salvação todo o sentido da vida, para que a viagem fosse fértil e, acima de tudo, tivessem as virtudes de quem não tinha que se preocupar consigo, mas dar tudo de si para que acontecesse a iluminação interior das almas destinadas a eles.

5h 30 min. Era o momento da meditação. Destaque especial havia para todas as virtudes pertinentes àqueles que buscavam a santidade. Desfilavam testemunhos variados para confirmar o que estava sendo proposto.

6h. Celebração da Eucaristia em Latim, acompanhada em missal para haver entendimento. A liturgia obedecia ao calendário proposto, e anualmente tudo se repetia. Sofriam pela distância entre todos, principalmente do que presidia.

6h 45min. Em silêncio, iam para o estudo. Revisavam-se todos os temas e preparavam-se os conteúdos a serem ministrados. Tomavam conta do que já fora dado como conhecido.

7h 30min. Sobre tabuinhas, o pão de milho era servido, e em copos de alumínio servia-se o café com leite. A mistura, raras vezes, ia além do “scmier” caseiro. A frugalidade da alimentação era acompanhada por leitura sobre a vida de grandes testemunhas da fé. O tempo estava limitado para que até as 8h 15min se pudesse limpar a mesa e fazer a cama com grande capricho.

Das 8h 15 min às 9h 45 min. O período era dedicado às aulas, distribuídas em disciplinas:

1º e 2º Preliminares:

– Português, Aritmética, História e Geografia do Brasil, Desenho, Caligrafia, Catequismo e História Bíblica.

1º Ginasial:

– Português, Latim, História, Aritmética, Geográfica, Solfejo, Religião e Desenho.

2º Ginasial:

– Religião, Português, Latim, Francês, História, Álgebra, Ciências, Geografia.

3º Ginasial:

– Religião, Português, Latim, Grego, Francês, História, Italiano ou Alemão, Ciências e Geografia.

4º Ginasial:

– Religião, Português, Latim, Grego, Francês, Alemão ou Italiano, Matemática, Ciências, História e Geografia.

1º Clássico:

– Religião, Literatura Universal, Latim, Grego, Francês, Matemática, Ciências, História e Geografia.

10h. Trabalhos manuais internos e rápidos, com o fim de promover a limpeza e higiene mental.

10h 30min. Aula ou estudo, de acordo com a série.

11h 45min. Leitura com exame de consciência, concluindo com a oração da Anunciação, ao toque do sino.

12h. Era servido o almoço. Durante os dias úteis era lido um livro de aventuras, com fundo de apoio às intenções dos educadores.

12h 25min. Todos iam à capela, rezando o miserere, e faziam, então, a oração de agradecimentos aos benfeitores.

12h 35min. Enquanto dois grupos faziam a limpeza e a arrumação do refeitório, e lavavam e secavam a louça, os outros faziam o seu lazer nas quadras de futebol, vôlei, caçador, sendo que alguns apenas olhavam a movimentação. Era proibido permanecer dentro de casa.

De 13h 45min. Eram ministrados dois períodos de aula ou, em alguns dias, faziam-se estudos de revisão.

15h 30min. Serviam lanche rápido, com a frugalidade do café da manhã.

15h 45min. Trabalhos manuais diversificados e em grupos que se revezavam na função.

17h 15min. Estudo para todos, sob o acompanhamento de um sênior que se responsabilizava pela disciplina.

18h 25min. Rezava-se o terço e, às sextas-feiras, via-sacra e, logo após, reflexão com leituras de edificação espiritual.

19h 15min. Janta com leitura, nos dias comuns. Havia surpresa quando era dada permissão para conversar depois da sopa. Ouvia-se o prefeito dizer “Deo Gratias” e todos, em voz muito alta, imitando-o, iniciavam o diálogo sobre a vida e preocupações que os envolviam.

20h. Oração da noite para os menores, com novo exame de consciência e pedidos de perdão em público. Iniciava, então, o grande silêncio e iam dormir.

20h 30min. Os maiores e da divisão dos médios faziam o mesmo que os menores.

Os novatos já estavam acostumados com as novidades, mas ainda desconfiavam que alguma situação nova pudesse surgir. Até os mais arredios já haviam aprendido a nadar no açude represado com as águas do Santa Bárbara. Impressionava bem a cerimônia da travessia. Dois bons nadadores ladeavam o pequeno herói que se prontificava a atravessá-lo e, quando conseguia, todos aplaudiam gritando o seu nome. Júbilo intenso perpassava o espírito do pequeno por vários dias, uma vez que conseguira tão grande feito a ponto de uma comunidade inteira se pôr a gritar seu nome como elogio.

Solano tinha a dúvida, ainda, como alimento e para sentir o alívio de estar bem encaminhado foi falar com Pe. Humberto.

– Louvado seja Nosso Senhor Jesus Cristo.

– Para sempre seja louvado... Que boas novidades te trazem, meu filho?

– Não são boas novidades! São dúvidas... Dores do espírito.

– Que dores da alma podem atingir um rapaz de 15 anos?

– Muitas, Pe. Humberto. Estou achando sacrifício demais para sustentar minha vocação. É muito pesado abandonar tudo o que eu quero bem. Só pensar em garotas bem feitas é pecado. E mortal! Temos 15 horas de estudos e trabalho para uma hora de lazer e a maioria dos domingos são menores. Somente de alguns deles podemos esperar maior divertimento, se não, todos os dias são levados com excessiva seriedade.

Pe. Humberto gostou da forma com que Solano falou. Riu com suavidade para não dar a impressão de estar brincando com suas dores, e falou:

– Pois olha, meu filho, quem aqui chega deve saber por que aqui está. Antes de mais nada, muita reclamação é sinal de fraqueza. Alguns vieram ao mundo com razões especiais e não tenho culpa se Deus te

escolheu para dar tudo de ti. A solidão será tua companheira, e somente Deus e teus companheiros de chamamento serão a ausência dela. Tu já não te pertences mais. O sacrifício andarás contigo como o vento nas palmeiras. Tu não deves temer o que vem pela frente. Quanto mais estiveres de cabeça erguida, menos mal o sofrimento te fará. Ao contrário, se quiseres evitar o sofrimento, mais ele te perseguirá, como o frio em corpo mal agasalhado. A verdade é que os caminhos de Deus não estão para moleza. A principal exigência de quem com Ele caminha é buscar no serviço, especial conforto. Os melhores segredos, porém, Deus reserva a quem consegue estar inteiramente do seu lado.

– Mas se tudo Ele me toma, o que pode sobrar?

– Tudo. Com o sustento e a morada a congregação se preocupará. Sobre a felicidade, tenho a te dizer que não vai se dar em momentos fugazes. Não terás aquele momento do pai que acaricia seu filho nem o da intimidade de uma mulher. Não terás para ti um instante para lebares tua vontade ou desejo como bem entendem os que não têm voto a cumprir. Mas, por outro lado, despertarás em ti a bondade do Senhor, pois tua fé te sustentará. Te sentirás leve como o vento a maior parte do tempo, pois terás contigo a ressurreição. Tudo o que brota da periferia do corpo e do carinho dos homens deverás deixar de lado, para que Deus tenha espaço suficiente dentro de tua alma. Deverás entregar, como João Batista, tua cabeça aos propósitos do Evangelho. Nada guardes para ti, já que nada te pertence. O que importa é que Ele seja servido, e estás convidado para lebares aos outros, não importa em que tempo, as notícias Dele.

Solano saiu do quarto de espírito renovado, mais nem por isso tinha certeza de poder cumprir o que lhe estava sendo proposto, e pensou: “Por que não teria coragem de ir embora?”

II – DOS DIAS IMPORTANTES PARA A FORMAÇÃO E TAMBÉM DOS DIAS COMUNS, OU SOBRE O APROVEITAMENTO DE

TODA CIRCUNSTÂNCIA PARA LEVAR ADIANTE A REALIZAÇÃO DO HOMEM SEMINARISTA.

O dia-a-dia se confundia com o propósito dos educadores. Estes, embora nem sempre tivessem claras todas as intenções de seus atos pedagógicos, possuíam a tradição como garantia de que suas ações estavam retas. Além dos propósitos conscientes e de outros tantos inconscientes que eram repassados aos garotos e jovens, muito estímulos se apresentavam de rotina, não menos significativos. Os dias de outono se impunham, indicando o tempo da meditação sobre mistérios profundos. O espaço geográfico e seu clima possuíam uma tarefa pedagógica inquestionável, levando todos a perceber o recolhimento da natureza e estimulando à compenetração. O corpo, pelo frio que começava, tendia a não ser tão expansivo e a sobriedade dos movimentos ajudava o espírito a cumprir sua missão.

Aguinelo, em carta, afirmava que conseguia ir muito além do que os sentidos propunham como orientação:

“Meu pai, parece que estou sendo domado. De tanto afirmarem que a bondade deve estar presente em todos os gestos, que Deus não convive com o barulho e que Ele é capaz de revolver a terra mais dura, é que eu estou me acostumando a ser menos brusco e egoísta. Não perdi a raça, mas estou menos xucro. A humildade ainda não é minha irmã, e tão logo não vai ser.

As folhas das pereiras estão caindo, deixando a gente pensativo e, assim, buscando entender o que Deus quer. Tenho certeza de que amanhã não estarei tão seguro como agora sobre minha boa vontade. Vai ver que estou cansado e amanhã, descansado, esteja corcoveando no aperto da cincha. Ou será pelo tempo do silêncio e das folhas envelhecidas que estou assim, quase piedoso”.

Ainda no dia 19 de março comemorava-se a festa de São José. Aos educadores, competia transmitir o quanto sua simplicidade e humildade eram importantes. Ao santo comemorado, importava sustentar e criar as condições para que Deus se manifestasse, sendo sua função estar oculto e obediente como se tivesse que silenciar nas suas dúvidas sobre a gravidez não participada. Era o modelo a ser seguido: quieto e sempre pronto ao serviço de causas importantes sem se estender em questões e respostas. O tempo estava para a fertilidade nas coxilhas de Santo Ângelo, principalmente no topo de um morro do rio Santa Bárbara.

O que de melhor o outono podia trazer era o tempo da Páscoa. Os momentos teciam uma trama de atitudes com muita convicção e argumentos.

No domingo de Ramos começavam as celebrações pesadas para pensamentos ainda pouco disciplinados e espíritos não afeitos à ascese. Solano gostava dos gregorianos que impregnavam o seminário, dando-lhe um perfil de monastério.

O hino “Pueri Hebreorum, Portantes Ramos Olivarum”^{*} soava solene e triste, anunciando na melodia fatos com significado profundo e dramático. Os meninos e jovens se abatiam com os hinos que diziam. Afinal, não anunciavam eles a morte do herói?

Toda a semana enchia-se de tristeza como se cada um fosse culpado da angústia Daquela que na sexta-feira morreria. Sabiam, os que estavam na casa, que o essencial do sacrifício e renúncia por eles praticados estava sendo explicado nas celebrações que, marcadamente, iniciariam na quinta-feira, terminando exultantes no sábado à meia-noite.

Todos os instantes que viriam, uns após os outros, deveriam ter o máximo de atenção, e por isso a casa se envolvia em tal sobriedade de gestos que o mais extrovertido estava inibido a externar seus comportamentos espontâneos.

^{*} “Os meninos dos hebreus traziam ramos de oliveira”

Os jovens de Emaús se assemelhavam com aqueles que naquela semana faziam seus deveres num clima de paixão e morte.

Por mais diferentes que fossem, quer por força do organismo, quer por força das experiências havidas, aí todos se igualavam, perdendo de vez a originalidade, já que a dor estava acima das particularidades. Assim, quando chegava a quinta-feira, entravam, desde a meditação, em sentimento de fraternidade. Ainda madrugada anunciava-se, com zelo, que aquele era o dia da despedida. Seria o dia do repartir o pão da ceia, misturando-se as alegrias de quem ficava com a dor de quem partia com tanta humilhação. O dia todo era passado na frugalidade dos gestos, e a bondade estava para aquele dia como o calor para os dias de verão. As palavras eram ditas não mais que em meio tom e se entendiam muito bem. Ao entardecer daquele dia celebravam-se a ceia com profundo respeito, como se houvesse medo de magoar aquele que iria embora. O Evangelho de João era dito em Latim popular, ao lado da tradução: “Antes da Páscoa, sabia Jesus que chegara a hora de passar deste mundo ao Pai; e tendo amado os seus que estavam no mundo, amou-os até o fim...” O silêncio se fazia bem alto quando o reitor repetia que o que fora dito se fizesse em memória. Ninguém em nada tinha pressa, e até mesmo o grande hino de louvor à Eucaristia era pausadamente cantado, desde o “Pange língua gloriosi”, até o “Compar sit laudatio”. Não raro cansavam os pequenos, por nada entender de Latim e pela cerimônia que ameaçava não terminar.

À celebração da ceia, acrescentavam-se duas cerimônias: o desnudamento do altar, que demorava não porque houvesse muito o que tirar dele, mas porque lentamente tiravam-se os panos, dobrando-os um a um, e o lava-pés, que era presidido pelo reitor. No lava-pés, todos aprendiam vivamente que ninguém é melhor do que o outro, e se alguém quiser sê-lo, que o seja no servir, e se dobre diante da dignidade do outro.

Terminadas as cerimônias, tinham tempo especial para aprofundar as ideias de salvação, pensando sobre as responsabilidades diante do sacramento que ficara. Orava José: “Quase nada sou, mas o que tenho sou capaz de dar sem muita reclamação. Sei da miséria que mora no interior de tuas almas e para iluminá-las entrego minha inteligência. Não

ficarei de lado quando passares. Buscarei, mesmo como o menor dos curas de aldeia, mostrar a dignidade de todos que escolheste na fraternidade. Mostrarei, sem temor, os caminhos da salvação que vão dar em todas as virtudes que não se mistura, com o egoísmo e a vaidade”. Achou, por esta e outras orações, que havia encontrado um bom motivo para continuar firme em sua vocação que naquele dia era celebrada.

Se os dias anteriores possuíam um gosto de fel e vinagre, o que dizer, então, da sexta-feira? Se nem o filho do homem dera importância ao corpo e ao seu agrado, sacrificando-se pelo açoite e cruz em nome da alma, por que poderiam achar ruim as coisas do espírito aqueles que apenas eram seus imitadores? O dia todo deveria ser tido como a celebração da morte. Que nenhum deixasse de senti-la, sendo até o sorriso um despropósito. O café da manhã era constituído de um pequeno pedaço de pão e uma xícara de café. O almoço levíssimo, sem carne de espécie alguma, sendo a janta mais pobre ainda. O dia envolvia-se no silêncio, quer durante os estudos, trabalhos ou exercícios espirituais. Pela aridez dada ao corpo, buscavam os educadores tirar proveito das inspirações do espírito. Os corredores mais pareciam catacumbas, e os pobres filhos dos colonos traziam a compenetração dos monges, vindo pela elevação do espírito o pó das coisas dos homens.

A celebração durava, quando rápida, duas horas, com leitura dos profetas e o êxodo dos hebreus: “Nesta mesma noite comerão a carne assada no lume, com pão ázimo e alfaces silvestres... E é assim que deveis comer: cingidos os vossos rins, calçados os vossos pés e bordões na mão”*. Vinham salmos e hinos em sons soturnos de quem nada mais sabe fazer diante da morte se não pedir misericórdia. A leitura da paixão era feita em tons pesarosos, próprios da liturgia e dos hinos gregorianos. Ao final, orações solenes eram ditas, sem jamais esquecer a mãe Igreja. Momento comprometedor era o da adoração da cruz. Um a um passavam por ela, dobrando-se para beijá-la, enquanto o coro dizia os impropérios contra o homem que deixava daquele jeito o Senhor que não fizera senão

* Êxodo, 12.

o bem: “Fiz brotar da pedra, água... e tu com fel e vinagre me abeberaste...”.

Ao entardecer daquele dia, estavam tontos e apagados e ninguém nada mais queria senão o sono como saída.

O outro dia sim, compensava todos os dias de sofrimento e compaixão, pois era o tempo da grande promessa. Desde o levantar ao pôr-do-sol, podia-se ler no rosto dos seminaristas a extraordinária alegria dos que esperavam ir além da morte. Era dia de trabalhos redobrados e ninguém os fazia com queixas, pois o mestre descansava na pedra, aguardando a luz do outro dia para dela sair.

José e Solano limpavam a economia**, e naquele sábado presenciaram uma cena que lhes chamou a atenção pela brutalidade e significado. Dois ou três dos mais fortes, em companhia do irmão Adalberto, tinham a tarefa de prover de carne a cozinha. A vaca, ao ser esfaqueada, perdia sangue em forte jorro. Enquanto assim morria, usava toda a força de suas entranhas para expulsar a vida que se encontrava aí. As convulsões eram seguidas e dramáticas. A natureza buscava, apesar da morte, preservar-se. Neste esforço, o animal morreu. Os dois que limpavam a casa da economia, presos ao chão, torceram para que o feto tivesse tempo e condições para se salvar, mas a impotência os limitava por inteiro.

Disse José:

– Amanhã terei dificuldades de comer a sua carne.

– Tentarei, de minha parte, esquecer seu esforço inútil, acrescentou Solano.

De cabeça baixa, continuaram seu trabalho.

Passava Aguielo por aí, e vendo a vaca morta, falou:

** Conjunto rural com estábulo, chiqueiro, galinheiro e outros espaços de trabalho do campo.

– Essa já bateu com a cola na cerca. Ao que o Irmão Adalberto gritou para a garotada toda:

– Se mandem daqui, que a cena não está para menino ver.

As vassouras foram guardadas sem reclamação. O entardecer daquele dia prenunciava o frio do inverno que espiava, já no outono. Mesmo assim, iam obrigatoriamente ao banho no açude. Ao som do apito, se jogavam na água fria. Sem lamúrias, passavam o sabão ou sabonete no corpo, pois só ao som do apito poderiam partir para os vestuários, feitos num pavilhão de 40 metros em madeira, dividido em pequenas repartições. Assim, os rigores do tempo eram enfrentados sem temos nenhum, deixando o corpo satisfeito pelo fato de vestir qualquer roupa limpa. Depois do curto recreio da noite, não sem dizer as orações e pôr ordem na consciência, iam José, lantsch e seus companheiros para suas camas. Duas razões deixavam dormir o bom sono: o cansaço do dia estafante e a esperança, que a todos acalentava, e que à meia-noite se manifestaria em plenitude.

O sino tocava enquanto o sono ainda andava pela metade, mas a alegria da noite penetrava profunda enquanto se preparavam para a celebração. Pela janela, Solano olhava os capões e a pradaria iluminados pela lua. Os segredos da inspiração diziam ideias novas, e o campo, na luz tênue, revelava os bons mistérios. Abriu de leve a janela para ouvir as novidades que aconteciam, e ao longe um mugido fez Solano lembrar das convulsões da vaca, dando tudo de si para salvar o filhote antes da sua morte.

Aguinelo, com um sinal convincente, fez Solano fechar a janela por onde o frio penetrava. Seu olhar dizia: “Esticar o pescoço dentro da noite para ver o quê? Vai dizer que está vendo o cavalo branco do “nego veio”, troteando sem destino? Ou estava Sepé correndo para São Miguel, anunciando desesperado para a sua indiada a vinda dos portugueses e suas armas? Ou seria apenas o desejo de Solano sentir nas ventas o cheiro do campo?”

A sineta tocou incisiva, mandando o pessoal para a capela, era penetrante a cerimônia do fogo extraído da pedra para dele se acender o círio. Nele se fazia, com estilete, o Alfa e o Ômega. Tão forte em todos atingia o momento, que se Ele saísse da pedra ou do fogo ninguém estranharia. Os olhos da fé viam tudo. Quando o reitor, que presidia a grande cerimônia, ao penetrar na capela escura dizia “Lúmen Christi”, mais alto respondiam todos: “Deo Gratia!”

Na hora do precônio pascal a exultação interior era grande e o clima, por sua força, vencia a todos. Alguns até poderiam ouvir as pedras rolaem no horto e ver a luz que vinha da rocha, iluminando os pés das oliveiras.

Cansavam os menores quando ouviam as profecias com as promessas, mas valia o sofrimento, pois afinal nem todos tinham o privilégio de rir da morte e sobre ela cantar aleluias. Além disso, eram eles os guardadores da notícia. Por tudo que viam e ouviam, estavam assinalados pela redenção. Depois disso, estavam marcados, indelevelmente, pela inquietude. A ressurreição não os soltaria mais, dando-lhes um rumo ou, por vezes, empurrando-os. Todos os dias de suas vidas, não importando onde estivessem, o Exultet e o Fogo seriam lembrados, incomodando seus espíritos como agulhão.

O aleluia depois da Epístola era dito pelo coro com grande vitalidade e beleza, fazendo o elogio da primeira manhã do homem. A esperança revela-se maior, não deixando no abandono aqueles que estavam tão vigilantes. A paz estaria com eles, pois nenhuma angústia estaria sem luz. Afinal, a confirmação da fidelidade em elevar o homem acima dos caniços dos alagados tinha se confirmado.

Na antífona do Magnificat todos já estavam ungidos no óleo das oliveiras que i vivificava na ressurreição e bondade. Ouviam por fim, o canto final: “Pelo fim da noite de sábado, ao alvorecer do primeiro dia da semana, veio Maria Madalena com outra Maria ver o Sepulcro. Aleluia”.

Logo após terem colhido, na noite, o desvelamento da morte, como fruto maduro, iam contentes ao refeitório. Os pratos de alumínio

estavam cheios de ovos e cartuchos. A alegria estava nos olhos e da boca saíam votos de fortaleza, fé e outras grandes virtudes apropriadas ao evento. Os novatos estavam encantados com os acontecimentos da noite. Eram meninos de, no mínimo 11 anos, cujo espírito estava sendo forjado com as revelações da semana que agiam com decisão sobre a plasticidade, dando-lhes formas que iam ao encontro das propostas de iniciação dos santos para tempos difíceis. Traziam boa vontade, estando a maioria pronta aos propósitos de seus mestres. Meninos pobres, acostumados a subsistir pelo esforço das mãos na terra. Estavam convidados a cultivar e a levar aos outros as virtudes que procuravam suplantar os limites da natureza. Acima de tudo, traziam o chamado que os fortaleceria e que nesta noite se alimentava na verdade: “Solvit a poena míseros”*.

Solano, após a ceia, enquanto seus companheiros dormiam, ouvia o canto do quero-quero que o chamava a ver a campina. Sem muitas dúvidas levantou-se e, da janela pequena para tão grande construção, podia ouvir melhor o grito da ave atenta que disputava com o silêncio e grandeza da noite. A lembrança dos índios que um dia por aí andavam perseguia sua imaginação. Meu Deus! Que possam fazer andanças em campos sem sangue! Aqui a sorte não lhes foi gentil. Não tinha clareza da destruição de uma raça. Faltava-lhe informação sobre os verdadeiros motivos. Do tanto que tinham, nada sobrou, a não ser o pó de seus ossos que alimenta a barba-de-bode e as raízes do guamirim. A noite suave fazia-o pensar, sem clareza, sobre a pobreza e sofrimento de todos que aqui chegaram, e sobre a dificuldade em sair daquilo que os afligia. Dormiu, sem deixar de ouvir o canto persistente do quero-quero.

No último dia, o júbilo estava em tudo presente, a ponto de se tornar difícil ocultá-lo, mesmo durante o grande silêncio.

Pe. Humberto celebrou a missa da ressurreição e seu sermão foi apresentado como um “exultet” a seu estilo:

* Salvou os pobres do sofrimento.

“Na manhã de domingo que era o primeiro dia da semana, Maria Madalena foi até o horto junto à pedra que guardava o corpo do Senhor. Nada encontrou dentro da rocha, a não ser lençóis dobrados. Havia apenas dois anjos para dar explicações. Perguntaram à mulher, abatida pela decepção: Por que você está chorando? Respondeu-lhes a distraída: Porque levaram o meu Senhor embora e não sei onde o puseram. Percebeu que, além dela, havia mais gente por aí. Olhou por sobre o ombro, pensando que fosse o guarda do jardim. Este lhe falou: A quem está procurando? Respondeu-lhe ela, com resolução: Se foi o senhor que o levou, diga onde que vou buscá-lo. Foi então que o Mestre deu-se a conhecer, chamando-a pelo nome.

Pode haver cena mais bonita que esta para a espécie humana? Com certeza não. De hoje em diante sabemos que a nossa vida humana está levantada acima de tudo o que é passageiro. Nós todos que aqui estamos teremos a responsabilidade de anunciar que cada ser humano é digno da eternidade. Pode haver manhã mais clara que esta? Com certeza não. Torna-se nítido para a inteligência mais obtusa o pensamento que diz: ‘Teremos melhor sorte que as plantas que fenecem ao entardecer’.

Alegra-te, ó seminarista, que escolheste como sentido de tua vida servir Àquele que é forte. A pobreza e a miséria podem ser olhadas de frente. A injustiça e o desrespeito, em nome do que hoje aconteceu, devem sumir imediatamente. Estamos proibidos de nos queixar por qualquer razão, uma vez que na frente dos limites incômodos está quem venceu à morte, mostrando o infinito.

Se alguém, daqui para a frente, chorar por uma dor que o machuca, é porque nada compreendeu em relação aos acontecimentos desta manhã.

A nós compete levar adiante as notícias do Senhor. Fazer brilhar a bondade Daquele que espantou a escuridão. Fazer cada ser humano resolver buscar um destino maior que suas limitadas ocupações e desejos individuais.

De agora em diante, não quero ver ninguém resmungar diante do sacrifício que eleva a alma para os outros e acaba com o egoísmo. Não aceitarei que alguém dia: “Não posso”. A partir de hoje, ninguém pode ficar de alma pequena.

Ontem à noite, diante do círio, foi cantada a exaltação. Todos ouviram “Ó feliz culpa que mereceu tão grande Redentor!”. Quem não ouviu, que ouça agora: “A santidade desta noite afugenta os crimes, lava as penas, restitui a inocência e dá alegria aos tristes, extingue o ódio! Assim como a mãe abelha alimenta, pela cera, a luz do Círio, sejamos nós, pelo testemunho e palavra, aqueles que sustentam o facho da fé e de todas as verdades evangélicas”.

A missa “De Angelis” se conformava, pelos sons, à grandeza da Páscoa. Animados com sentimentos, palavras e propósitos, os seminaristas folgavam até o outro dia e, conforme a meteorologia, fazia-se outro grande passeio para completar a alegria seminarística. Entretanto, os momentos de elevação do espírito, através dos exercícios espirituais, em nenhum instante eram abandonados. Durante estes dias, brincavam com os ovos pintados e vazios, batendo-os na cabeça uns dos outros, ao mesmo tempo que, rindo, diziam: Aleluia! Aleluia!

Com a folga da Páscoa, dava-se por suficiente o descanso, e a partir de terça-feira a simplicidade e a austeridade tomavam conta da casa e de todos os seus. Até Pentecostes, nem o domingo estaria inteiramente para a distenção, ao menos que no dia houvesse a presença de uma ilustre visita, como o caso do Provincial. Quando chegava, aproveitava-se a oportunidade para que, por palavras, os meninos fossem animados na vocação ressaltando-se as virtudes essenciais ao perfil dos santos. Vinham alertas, admoestações, convites, promessas e outras maneiras auxiliares na elevação do espírito para evitar todo o mal. Se algumas faltas estivessem se repetindo pela época da visita, os faltosos e as faltas recebiam o devido tratamento. Ai dos que tinham em descanso o respeito! Ai dos que não tinham o silêncio por companheiro! E pobre de quem tivesse usado alguma palavra menos digna!

Tudo indicava que havia chegado o elogio dos momentos comuns. Buscavam alguma variação nas atividades do grêmio cultural, em ensaios de alguma peça de teatro que procurava ressaltar, com emoção, cenas onde o bem devia aparecer, ao menos antes da morte. As horas se passavam para dar cumprimento ao que fora pré-estabelecido e nenhuma ou poucas críticas eram tecidas em torno do que era feito. Nem mesmo José conseguia ver saídas melhores do que as que se apresentavam. Pouco tempo era roubado ao estudo, trabalho e oração. Alguns, porém, gostavam de poesias, e na hora do almoço de domingo eram apresentadas com gosto e entusiasmo. Sempre compassadas em ritmo clássico, veiculando as belezas simples da vida ou forças do espírito.

Os dias comuns pacientemente amoldavam o barro das intenções, fazendo o mesmo que faz o vento nas rochas. Repetiam-se as mesmas ações, afirmadas e confirmadas como importantes. As mesmas exigências criavam costumes de tal ordem que até no rosto se expressavam, conferindo-lhes traços de bondade e ingenuidade. Os gestos tradicionais habitavam a casa, desde o “Benedicamus Dominum” até o “Benedicat vos omnipotens Deus”, na bênção da noite.

Os momentos engendravam atitudes e se alguém voltasse para trás, poderia apanhar cenas do dia-a-dia.

Pe. Elídio revolvia a terra da horta. Seu olhar compenetrado dizia de toda a atenção necessária que o plantador deve ter, tanto com a semente quanto com a terra. As mãos sujas revelam ao grupo de seminaristas que aquele que de madrugada oficiaria o sacrifício e pela manhã ministrara conhecimentos históricos, agora ensinava sobre a dignidade do trabalho. Eles, por sua vez, estavam admirados e aprendiam, com zelo e gosto, a tirar o alimento da terra. Logo adiante, caminhava de guarda-pó, plantando árvores de oliveira e outras frutíferas, com rapidez e desvelo. Aprendiam seus seguidores sobre o respeito às leis da natureza e sobre como plantar para que os frutos fossem fartos.

Os que estavam no início de sua adolescência possuíam dificuldade especial em controlar o sono na madrugada. Podia-se ver José

lutando com firmeza contra o sono embriagador. Quando vinha a meditação do Pe. Pedro, ainda mais difícil se tornava estar vigilante e atento. Somente quando Deus estivesse colocando seu Dedo onipotente em algum limite humano é que conseguia sair do cochilo, mas as conclusões sobre o fato já não eram processadas com exatidão.

Por esta época, já havia alguns sopros do minuano, gelando o que por ele fosse soprado. O alto do morro e mais alto o seminário permitiam ao vento livre trânsito. A maioria dos meninos vinha de pequenas comunidades do interior, constituídas de famílias acostumadas com a frustração da pobreza. Não possuíam, portanto, o agasalho necessário para a devida proteção. As salas altas e amplas faziam menor o cuidado. Ninguém possuía alguma bota, e poucos calçavam sapatos. Doía a coluna, temendo-se que pudesse converter-se em filete congelado. Mas o inevitável estava aí, e devia ser enfrentado com naturalidade.

Numa carta comovida, o piedoso lantsch escrevera a seus pais sobre as agruras do inverno no campo. Dizia que as árvores protegiam sua casa contra o vento e que o fogão aquecia a intimidade do lar, ao contrário daqui, onde estava exposto ao vento como as ramas das palmeiras. Por esta razão seus pais apiedaram-se dele, e por muita economia feita, enviaram-lhe uma capa de feltro azul.

Na manhã do primeiro dia em que lantsch se apresentou com sua capa azul, reluziam seus olhos de prazer. Não era para qualquer um estar em condições de ter o corpo protegido, quando ao redor o frio cismava em prevalecer-se contra os mais pobres.

Nos domingos menores, como todos aqueles que estavam entre a Páscoa e Pentecostes, as leituras e estudos eram obrigatórios. Apenas durante poucos instantes, pela parte da tarde, era dada permissão à prática de esportes. Romances de aventura como os de Karl May e outros nesta linha faziam a alegria de quase todos. Atração especial havia no livro “O Neto dos Reis”, que trazia conteúdo significativo: havia um índio que por razões de mudanças sociais perdera sua identidade real. Os invasores mais fortes desintegraram a tribo, ficando em seu peito marcado o sinal de

sua grandeza. Dispersa, sua gente caminhava sem rumo. Muitos deles tornaram-se escravos. Corria a notícia, porém, que um rei estava solto, mantendo viva a esperança de todos de que pudessem ainda ter um reino, onde fossem tratados com dignidade. O rei estava preso num covil, debaixo da terra. Aliaram-se alguns da tribo com outros despossuídos de melhores chances e libertaram o seu rei que estava preso. Criaram um governo próprio, devolvendo-se, assim, a dignidade para o rei e o novo povo. Cantaram suas canções quase esquecidas, e novas foram criadas. Muitos lutaram para que conseguissem sedimentar sua nação.

Povoava-se o pensamento de leituras de grandes feitos e o espírito enchia-se de aventuras, preparando-se, desta forma, o sentido de boas conquistas. Os mais velhos podiam ler algumas obras de Machado e Alencar, havidas como as mais perigosas para a santa virtude. Pe. Pedro elogiava Leonardo que, sofregamente, lia “Inocência”, de Tonnay, jamais imaginando que o conteúdo não correspondia à virtude do título.

Se alguém recebesse alguma visita deveria ficar no parlatório, onde havia uma porta de vidro pela qual qualquer um podia espiar. Não podia haver intimidade que não pudesse ser criticada, em hipótese alguma, durante o ano, algum da casa teria licença para visitar os seus, a menos que quisessem vê-lo. Solano recebeu a visita de seus pais, e a mãe achou-o muito sério e falou:

- Meu filho, quase não te reconheço. Estás com o rosto muito austero pela idade que tens.

Solano, circunspecto, respondeu:

- Não é tristeza, mãe. As coisas de Deus que aqui se aprendem não estão para brincadeiras. Os meus pensamentos devem estar acima das pequenas emoções.

- Mas meu filho, não dá para medir felicidade num rosto de cera, onde nada se estampa a não ser a seriedade. Prefiro meu filho brincalhão, ao monge precoce que estás parecendo.

Aí entrou o pai para amenizar, e disse:

- Deixa assim, que quando andar no mundo vai perder este jeito. Os acontecimentos de nossas comunidades se encarregarão de fazê-lo rir e chorar. Diante dos sofrimentos e alegrias, não tem santo que resista! Soltou uma gargalhada, e riram todos.

Na verdade, sentia a mãe que seu filho já não possuía o Élan das experiências naturais. Seu rosto estava sendo cinzelado pela austeridade e pelo sobrenatural. A dupla não concedia chances e traços vivos demais. Estava aí exemplificando o ser seminarístico: mesmo o que fosse do corpo, devia transformar-se em espírito. Urgia tomar os reclamos do corpo e espiritualizá-los.

Quando chegava maio, o desvelo por Nossa Senhora se redobrava. Auxiliados pelo clima que esfriava, importava tomar a sexualidade e conferir-lhe uma orientação mística. Assim como rezava o fundador da pequena congregação, rezaram os jovens e os meninos:

“Ó Maria, sempre Virgem, quero ter-vos como única amada, formosíssima minha. Desejo que todas as pulsações do meu coração sejam dirigidas para vós, de tal sorte que nada de terreno eu ame, nem mesmo com amor natural. Possuí-me por vossos encantos, achegai-vos propícia e dominai meus sentidos, para que não sintam nenhuma agitação desordenada. Reinai sobre minha fantasia para que esteja cheia de vossas perfeições e de vossas belezas. Reinai sobre meu coração, a fim de que todas as afeições se concentrem em vós”.

Punham, desta forma, uma mulher intocável como vigia na fonte dos maiores desejos. As tentações já eram controladas na imaginação, associando o impulso à pureza e à figura materna. O “homo seminaristicus” estava possuído por ideais infinitos. A infinitude era a força geradora de comportamentos que distanciavam-no dos gestos comuns. “Plus ultra” e “per áspera ad astra” eram ditados comuns.

O silêncio, nem sempre havido como bom companheiro, devia ser mantido. Nos corredores não podia ser quebrado, assim como no dormitório e na capela. Bastavam, para as conversas, duas horas por dia e em locais determinados. Quem o ferisse, recebia ordem para beijar o chão.

Os dias comuns não apresentavam maiores razões para conversas sem conteúdo. Pelo café da manhã, ouvia-se a vida dos que deram, com seu sangue, testemunho de sua fé. À tarde eram lidos de boas aventuras, onde as virtudes humanas e evangélicas, necessariamente deviam acompanhar os heróis. À noite havia continuação do livro da tarde e, ao final da janta, textos de edificação, como a Imigração de Cristo. Assim, o silêncio estava para a casa como a chuva para o campo.

Ao final da tarde das sextas-feiras, a sineta chamava para a celebração da via-sacra. O ato solene era presidido pelo sacerdote responsável pela liturgia da semana. Com pungentes palavras, dizia os passos principais por onde Ele tinha passado, até o grito que dera antes de ir. Compenetravam-se todos da verdade da dor e da morte para que notassem que a vida nada mais é que um sopro. Insano seria aquele que trocasse a eternidade pelo tempo. Por outro lado, a lição do sofrimento, dada no mistério da paixão, não podia ser esquecida, dado que a Ressurreição não estava ao alcance sem algum gesto heróico e dramático. Então, às sextas-feiras, reunidos, celebravam o sentido do pó e da passagem.

Como pano de fundo, estavam presentes algumas virtudes que acompanhavam a todos. Como esquecer da simplicidade? Todos nela se banhavam pelas razões simples de algumas circunstâncias: seja porque aí todos eram pobres, seja porque a congregação era pequena, ou porque a intenção do fundador, por sua origem e convicção, exigia que os seus vissem na pobreza uma boa virtude, seja porque para bem pastorear e peregrinar as alforjes atrapalham no alimento e vestuário, no ambiente e suas peças, a frugalidade e a sobriedade se davam como irmãos. Ouviam de tempos em tempos o conselho: “Sede simples como as pombas”. Bem que não precisavam deste conselho, uma vez que ninguém levava muito jeito para empertigar-se.

O contato constante com a natureza dava uma lição contínua. Havia perfeita interação entre a rotina das estações, com suas manifestações telúricas e a sobriedade dos costumes. O ar do campo auxiliava a educar para a simplicidade. Todos filhos do campo ou da mata

traziam costumes sem luxo ou sofisticação. Alguns até se tornavam rudes e toscos no relacionamento. Não era em vão, que aos domingos, eram dadas aulas sobre maneiras mais finas e convenientes das pessoas conviverem. A rusticidade da pobreza andava em tudo e urgia trabalhá-la para não deixá-la grosseira.

Nem tampouco se exigia que a inteligência fosse complexa. Embora respeitados os que a natureza tivesse privilegiado com o dom da agilidade no uso do saber, não se desconsiderava aqueles que, na dificuldade, se haviam mal. Havia fortes indícios de que a casa estava à disposição dos que tivessem boa vontade e tivessem suficientes condições, a ponto de não se perderem por inteiro nos ardis do espaço, do tempo, dos objetos com suas causas, consequências e ligações. Se alguém fosse carregado de virtudes, tinha boa oportunidade, mesmo que fosse despoído de conspícuo saber. Enfim, de ninguém se exigia que andasse muito enfeitado, contanto que fosse reto e cheio de forças do espírito. Nem mesmo os mestres eram dos mais sábios que se pudessem encontrar, mas o seu interior fazia o elogio da vida que Deus gosta. Neles o testemunho de vida tinha peso essencial. Assim sendo, a magnanimidade, juntamente com a simplicidade interior, andava livre pela casa.

Cuidados também havia por parte dos educadores e ordem do fundador, em se cultivar a gratidão e a solidariedade. A primeira era externada de diversas formas. Orava-se todos os dias por aqueles que tivessem contribuído para a sobrevivência da vida seminarística. Parca era a contribuição dos que viviam na casa, sendo o restante garantido por mãos mais gentis. É certo que os maiores benfeitores não eram aqueles que mais possuíam, mas aqueles que sabiam dividir sua pobreza. Os educadores, durante as férias, coletavam toda sorte de mantimentos nas pequenas comunidades. Oravam para que, ao menos pela fé, pudesse haver algum bem para os que foram generosos. Nas apresentações teatrais, convidavam-se os que não tiveram medidas em sua generosidade. Por cartas e ofícios, a gratidão também era demonstrada

aos homens cujo pensamento ultrapassava a preocupação de olhar apenas para si mesmos.

A solidariedade devia estar presente nos gestos ou por imposição, compreensão da inteligência ou sentimento espontâneo. As regras estavam para todos. Na verdade, dois eram os critérios na aplicação dos costumes: ser humano, e ser filho de Deus, chamado para um trabalho especial. Quando alguém, de propósito ou por distração, não tivesse percebido a justa medida da reciprocidade, imediatamente recebia punição equivalente ao distanciamento da regra comum. O jogo devia ser limpo e sem privilégios, mantendo-se o respeito uns pelos outros. Se alguém, por palavra ou ato, tivesse prejudicado a dignidade de seu companheiro, era comum ver-se o ofendido ter seus pés beijados pelo ofensor. Acima do respeito mútuo e obediência às leis comuns, estava a disponibilidade e o apoio como fruto da compreensão recíproca. Se se pudesse trazer um fato, ver-se-ia alguém com violência e descontrole dando uma raquetada na cabeça do companheiro. De imediato, o gesto brusco recebeu a severa ordem: “Não irás à Eucaristia, enquanto não tiveres confessado teu pecado”. Entretanto, o propósito dos educadores nem sempre atingia fácil repercussão nas atitudes dos educandos. Nem sempre a gentileza brotava suave, pois traziam de suas casas a rusticidade dos gestos. Não estavam acostumados ao deslevo da fraternidade, uma vez que suas origens não conheciam o gesto ameno. Não tinham sido expulsos seus avós, da Europa? Não traziam em sua bagagem cultural a defesa como garantia de sobrevivência? Valia a insistência e o redobrado cuidado dos educadores, orientando-os para que produzissem gestos de digna convivência.

III – DE COMO BUSCAVAM FUGIR DA ROTINA OU DE COMO O SENTIMENTO DE LIBERDADE É BUSCADO, APESAR DAS IMPOSIÇÕES

Foi numa tarde de sábado que Eikoff não agüentou mais a rotina e foi ver a cidade. Caminhou de um lugar para outro, possuindo o movimento e as cenas, em cada esquina. Ainda na tarde daquele mesmo dia, foi expulso, pois desrespeitara o espaço destinado à sua movimentação. Quando foi visto, recluso no parlatório, achavam que o encontrariam cheio de arrependimento, mas, ao contrário, sorria, e a maioria considerou que estaria de vez, condenado, já que renegara o chamamento e estava despreocupado em fazê-lo.

Por aqueles dias em que se sucediam os fatos semelhantes, houve dois fatos curiosos.

Depois da missa de domingo, o estudo corria normal, mas os meninos já estavam cansados de tanta normalidade. O dia estava bonito e o sol da manhã era um apelo à descontração e ao movimento. O campo de futebol chamava lá fora. Pe. Humberto saíra para levar o Evangelho em Rincão dos Mendes. O Reitor estaria celebrando o sacrifício com outros cristãos. Havia furo no ar. ninguém sabia como, mas o som da bola começou a soar no campo. Ficou apenas o sênior, afirmando que o que acontecia acabaria mal. Entretanto, em silêncio, um a um, evadiaram-se todos da sala magna. Como não havia mais ninguém, o sênior saiu também para ver até onde iriam seus vigiados. Mais bolas soavam. Falavam baixo, para não atrair a atenção do Pe. Henrique. Com gestos, formaram os dois times e, logo em seguida, a bola rolava de pé em pé. Outros jogavam caçador, e os menos afoitos torciam para ninguém lhes roubasse aqueles minutos de prazer que lhes estufava o peito. Cada instante era marcado como conquista. Assim como o abismo invoca outro abismo, da mesma forma uma alegria conquista outra e, por esta razão, o silêncio já sofria euforia. As gargantas controlavam os gritos, mas na hora em que, no silêncio, foi feito um gol, ninguém segurou nada. Um som unísono estourou. Mal estava a bola no meio do campo, eis que aparece Pe. Henrique com a boca torta pelo cachimbo, gritando com o lado não viciado dos lábios: Meninos! Meninos!

Foi o estouro dos seminaristas.

Quinze minutos depois estavam na sala, nos seus devidos lugares. O silêncio se fazia novamente, mas dentro deles havia a vibração daqueles que ultrapassaram limites ou que sobem uma montanha muito alta.

Segunda-feira, depois do acontecido, veio a meditação com valor de operação pente fino. Pe. Humberto caprichou:

“Soube do dever não cumprido. Tive dificuldades em acreditar quando Pe. Henrique me contou.

Tudo deve ser feito no devido tempo. Vocês não distinguem o tempo do estudo do tempo de brincadeira. Alguém de vocês poderá dizer que num tempo de sol, quando são dez horas da manhã, é melhor ir ao campo brincar do que ficar fechado, lendo um livro ou fazendo temas de Matemática. Esta preferência não exige grande inteligência. Acontece, porém, que nada é mais importante do que fazer o que deve ser feito. É bom desejar o prazer de uma alegre diversão, mas o que importa é estar cada um no seu devido lugar. O devido lugar, conforme as regras desta casa, num domingo comum, às dez horas da manhã, é estar na sala de estudos, tendo livros como companheiros. Se vocês fosse animais que não sabem o que fazer de seu tempo, a não ser o que a natureza lhes diz, eu concordaria que vocês poderiam voar como os pássaros, trepando de árvore em árvore como os macacos, ou beijando as flores como as abelhas. Não! Vocês são seres humanos! Cristãos! Seminaristas! Não é a natureza que deve mandar em vocês, mas o espírito. Se a vontade de fazer o bem estiver dependendo dos gostos pessoais, então tudo estará perdido. Poderemos fechar o seminário e vocês voltarem para casa, e dizerem aos pais que vocês não serviram para agradecer a Deus que, aliás, poucas vezes é agradado com divertimento.

Todos aqueles que preferiram a brincadeira à seriedade, durante esta semana irão limpar o pomar, na folga, depois do almoço.”

José ficou quieto, e pensou: “Não sobra senão trocar de posição a trílogia seminarística: rezar, estudar e trabalhar”.

Aguinelo abaixou a cabeça, e conseguiu suspirar: “Meu Deus, te consagro meus dois bagos!”

Solano achou que a defesa da disciplina esteve à altura, considerado, porém, que a liberdade poderia ser colocada numa caixa de fósforos e ainda sobraria espaço. Sentiu raiva, mas percebeu que depois de sua réplica, viria a tréplica: “Ponha a tua roupa na mala que o Irmão Adalberto, amanhã de manhã, vai te levar à rodoviária”.

Iantsch rezou: “Mein Got, ich liebe dich. Helf uns all !”^{*} Não estivera na brincadeira, mas sentia culpa por todos.

Alguns poucos riram com indiferença.

Não se passara muito tempo, e a rotina fez água novamente. Era sábado e Pe. Humberto quis experimentar a capacidade de seus educandos de se conduzirem sem sua presença vigilante. Disse-lhes que estaria atendendo uma capela vizinha. Na hora do grande silêncio, ninguém estava convicto de que naquela noite se pudesse segurar o espírito juvenil dentro dos propósitos apresentados na meditação de poucos dias atrás. Apenas estavam deitados quando voou o primeiro travesseiro. Em direção contrária, outro voou. Na animação dos primeiros, voaram outros. Foram ditas algumas frases de reprovação pouco convincentes, que foram abafadas por outras mais jocosas. Quando alguém gritou “*alia jacta est*” não mais voaram apenas travesseiros. Exclamações de dor fingida eram ditas quando algum era atingido com objeto não identificado, pois havia apenas o lusco-fusco provocado pela fraca lâmpada do corredor maior. Quando os risos se transformaram em gargalhadas, surgiu novamente o Pe. Henrique, exigindo ordem. Todos

^{*} Meu Deus, eu tea mo! Ajude a nós todos!

fizeram silêncio, e alguns com muita culpa. Iantsch pensou: “De Teufel is loss”^{***}.

Quando estavam adormecidos, Pe. Humberto desceu abatido da pequena torre de sino. Olhou decepcionado o campo de batalha onde dormiam seus soldados. Ouvira tudo e estava frustrado com sua experiência pedagógica fracassada.

Esperavam grandes trovoadas para o dia seguinte. Nada disso aconteceu. Pe. Humberto, durante vários dias, ficou silencioso e sua linguagem foi a dos olhos. Olhava nos olhos de cada um, e sentiam culpa proporcional à falta.

Poucos dias depois Pe. Pedro assustou, principalmente os pequenos, contando a história de um amigo de Domingos Sávio. Falou: “Domingos Sávio era um bom seminarista. Morreu em odor de santidade. (Que cheiro terão os santos, pensou Aguielo). Ainda jovem, exalou o último suspiro para ir com Deus. Era sereno e obediente. Em tudo respeitava os superiores. Falava pouco porque o silêncio para ele era ouro. Nas mínimas faltas, se confessava contrito. Possuía um colega que não merecia a graça de sua vocação. Ele não tinha, como Sávio, as virtudes de um bom seminarista. Não gostava de rezar, nem tampouco amava o silêncio. Era um mau seminarista. (Havia já alguns com dor na consciência). Por uma doença ruim, faleceu primeiro. Domingos e seu colega haviam combinado que aquele que primeiro partisse para a eternidade voltaria para dizer como estava. Numa noite escura, quando Domingos estava por dormir, ouviu sons de correntes no corredor do dormitório... O som silenciou ao lado de sua cama. Silêncio mortal. Domingos, sentindo que era seu colega, perguntou: “Onde estás, companheiro?” Uma voz cavernosa lhe respondeu: “Estou queimando e queimarei para sempre!”

Durante muitas e muitas noites ninguém ousou suspirar, sem cuidado, no dormitório.

^{***} O Diabo está solto.

IV – QUANDO PARA APANHAR VIRTUDES OUTRAS SÃO ROUBADAS, OU DOS GRANDES LIMITES DA FORMAÇÃO SEMINARÍSTICA

Ocorriam vários limites educacionais entre os vários dons dados aos pobres que vinham do interior em busca de salvação. Pelas impropriedades pedagógicas que havia, não se pode imputar culpa aos educadores uma vez que as ações que hoje são criticadas eram tidas como dignas de elogios por todos que, naquele tempo, entendiam de como transformar meninos e jovens, disformes na inteligência e espírito, em doutos e santos. Entretanto, tendo como critério a natureza humana e sua dignidade, bem como os valores a serem perseguidos no atendimento das necessidades básicas, são necessárias algumas considerações.

A obediência cega, com inteiro abandono dos próprios pensamentos, era tida como garantia de nobreza e grandeza da alma. A maioria, pois, tinha espírito dócil e aceitava com prontidão as orientações e admoestações, mesmo que houvesse dúvidas angustiantes sobre o que estava sendo proposto. Tinham em mente, como primeira premissa, que seus superiores estavam mais perto da verdade do que eles.

A docilidade e submissão mereciam fartos elogios. Não se pode dizer que não havia consciência das contradições educacionais. Entretanto, muitos também tinham a ingenuidade como virtude, fazendo a ignorância parecer um dom.

O que nos livros era posto, tinha sabor de dogma. O saber estava mais para a contemplação do que para a verdade arredia ou modificadora. Devia-se fazer o conhecimento para acontecer a determinação mais que analisar os ângulos e possibilidades. A metodologia não permitia muita

participação, e a forma de abordar os conteúdos não possuía diversificação.

As regras gramaticais de todas as línguas prevaleciam sobremaneira sobre a comunicação. As horas dedicadas à lei exorbitavam, tornando-se assim parco o tempo para o exercício da linguagem. Os exercícios gramaticais roubavam o tempo das informações que poderiam ser processadas. Os livros usados não eram de leituras, mas de gramáticas das línguas como, por exemplo, a de Ravizza que orientava sobre todas as normas da Língua Latina.

Os acontecimentos históricos eram vistos como estanques e fixados no passado, mantendo-se distantes dos fenômenos que atingiam a todos. Como se a libertação científica dos gregos nada houvesse com o renascimento e este com a revolução científica do iluminismo ou com a queda dos reis. O saber histórico não buscava desenvolver explicações dos acontecimentos da América Latina, fazendo ver que os gritos de independência tivessem sido definitivos. Ninguém, pelo estudo, era convidado a ajudar na mudança do destino que traduzia dependência.

Pecava-se pela exaltação dos heróis dos outros, sem dar a devida atenção aos que por aqui campearam e buscaram ainda interpretação e análise.

Da mesma forma se tratava a geografia. Os espaços e sua ocupação eram vistos distantemente. Os desacertos políticos e econômicos pouco tinham a ver com a distribuição dos habitantes. A história não explicava a geografia e nem esta aquela. Sobrava pouco tempo à geografia latino-americana. Pouco tempo se dava, inclusive, aos terríveis conflitos de ocupação havidos nas coxilhas dali.

O tempo e o espaço eram apreendidos, dizendo pouco a quem os apreendia. De toda maneira, registrava-se os fatos mais significativos da história do homem, embora houvesse limitações na compreensão de sua organicidade. Da geografia, o estudo era profundo na demarcação dos espaços e seus acidentes.

No ensino religioso, enfocavam-se as verdades irrefutáveis. A infalibilidade de quem legislava devia ser garantida como defesa de todos.

Por duas vezes, revelam testemunhos, houve sinal de questionamento mais perturbador. A primeira ocorreu quando alguém perguntou sobre o comportamento da Igreja ao mandar para a fogueira tantas pessoas pelo fato de não estarem de acordo com algumas de suas proposições. Houve constrangimento geral na sala de aula. Foi exposta rápida defesa, dizendo-se que ela, pelos inquisidores, era responsável apenas pelo levantamento e comprovação de afirmações perturbadoras da ordem religiosa, cabendo ao braço secular o afastamento da maçã estragada. O clima, porém, era de assunto proibido. As contradições e limites da história eclesiástica não eram tocados, por medo de aqueles jovens serem perturbados em sua fé nos ensinamentos fundamentais e na confiança daqueles que investiam toda a vida nas propostas eclesiais.

Na segunda vez o clima tornou-se mais pesado, quando Jacó pôs em dúvida a Ressurreição: “Se dormiam os soldados e se tivessem roubado seu corpo? Quem seria testemunha? Se as narrações da Boa Nova foram escritas 40 anos depois, não poderia ser o fato descrito fruto de um desejo não acontecido? Bonito sim, mas resultado de fantasias e boatos, criando-se uma ilusão coletiva?”

Terminado o questionamento, Jacó que tinha ido longe mais. O rosto do Pe. Clemente havia mudado. Estava tenso, e falou com severidade: “Você pecou contra sua fé. Como pode você duvidar da maior verdade? Vai se confessar!” Nada mais foi dito. Não foi para a fogueira, mas sentiu queimar-lhe o clima de condenação criado por todos que estavam ao seu redor.

O que dizer da afetividade que envolvia os meninos e os jovens? Partiam de seus lares ao final de fevereiro e para eles retornavam em meados de dezembro. O gesto ameno e o desvelo feminino não estavam na ordem do dia dentro da grande casa. Ao contrário, apesar de gestos fraternos, havia gestos toscos, destituídos de carinho eletrizante e confortador. A tradição dos gestos bruscos daqueles que vieram pobres de

toda a Europa, acrescida da ausência da suavidade feminina, fazia da afetividade um luxo excessivo. Por estas razões, as interlocuções por palavras ou gestos, nem sempre primavam pela maciez do carinho ou gentileza. Durante o ano todo, deviam afastar do pensamento a ideia de ter, no aconchego, refúgio para a solidão. Por vezes, então, buscavam em amizades particulares a compensação do cuidado ausente. Havia forte repressão aos que buscavam intimidade nas relações interpessoais. A expulsão era imediata quando fosse detectado algum comportamento que revelasse homossexualidade. Que o digam os dois adolescentes que quiseram inventar agrados, externando repressões. Ao cárcere do corpo, que se dessem as devidas agruras, pois o que dele viesse não se levaria para a eternidade. A verdadeira alegria devia repousar em Deus e no apetite do infinito. Na construção da identidade, não contava muitos pontos a capacidade de dar e receber gentilezas.

Seria justo o tratamento tão duro, dado à natureza humana, tão frágil, pela constante e incisiva cobrança da perfeição?

Muitos deles sentiam momentos de inferno quando davam tudo de si para serem melhores sendo, entretanto, perseguidos por falhar naturais e a conseqüente dor de enorme culpa. Quase perdiam a esperança, tornando-se mordazes com eles mesmos em meio ao caminho impossível de ser trilhado. Chegavam alguns a grande tormento, quando, em vez de, com tranquilidade buscar a virtude, queriam evitar as mínimas imperfeições, sendo, então, perseguidos furiosamente por ideias que deveriam ser evitadas. Pareciam enfraquecidos pela luta tenaz, sendo espicados pelos demônios das más intenções. A mente entrava em confusão e nada aplacava a dor da culpa e da impotência. Quando entravam em tal paranóia, pareciam ouvir o canto 3 dos condenados de Dante: “Deixai aqui toda a esperança, ó, vós que entráis”. O que menos queriam, mais se lhes apresentava como convite. Quanto mais diziam não, mais se reproduzia o mal a ser deixado. Quanto mais a vontade incisivamente buscava o bem, mais o mal se lhes atrelava à fantasia. Não

entravam no inferno por “viverem indiferentes a Deus”*, mas, ao contrário, por perseguirem-No, esquecendo-se por inteiro da fragilidade humana. Faltava-lhes o sentido da piedade própria ou o riso compreensivo sobre os seus sonhos fracassados.

Com certeza não lhes eram companheiros “... os anjos pusilânimes, que ao Senhor não foram fiéis nem rebeldes, mas foram leais a si mesmos”**. Eram-lhes companheiros os anjos maus do excessivo zelo e da desmesurada auto-exigência. Empurravam-nos, esses anjos, tão longe de seus limites, que se sentiam abandonados em luta ingente na perseguição de seus altos propósitos.

A pedagogia na forma de conduzir à perfeição possuía, ainda, outras falhas. As ameaças constantes da perda do amor de Deus faziam do temor um instrumento de humilhação. Nos retiros e em alguns outros exercícios espirituais, eram colocados tão enfaticamente os impedimentos para atingir a elevação do espírito que abatiam o ânimo ou tornavam o caminho da virtude quase insustentável. Deixava-se demasiadamente à força do argumento e a excelência de valores e o seu encantamento.

Diminuía-se, pelas razões anteriores, a confiança própria e o espírito de iniciativa, baixando a auto-estima.

Mas, no desenvolvimento de todas as dimensões do homem, que se habilite quem tiver encontrado a justa medida e souber, conforme a originalidade das circunstâncias, aplicá-la com propriedade.

V – SOBRE O TEMPO DE ESPÍRITO E DE OUTRAS EXPERIÊNCIAS E MEDITAÇÕES QUE ATRELAVAM A ALMA ÀS BOAS INTENÇÕES

* Divina Comédia, Primeira Parte, Canto III.

** Ibidem.

Eles, que vieram de comunidades onde a sobrevivência havia sido o objetivo primordial, necessitavam ser constantemente confirmados nas preocupações de maior importância que aquelas do corpo.

As lições da fome e seus respectivos exercícios tornaram os costumes rudes e, às vezes, contrários à maleabilidade da inteligência e à generosidade do coração. As gerações mais antigas e as suas próprias ainda carregavam a dor da inferioridade e consequente mesquinhez e desconfiança. Manifestavam por vários gestos o amargor da expulsão das terras européias, e a infelicidade dos que sobram, geralmente, gera como defesa espíritos obtusos e pouco sensíveis. Suas origens se vinculam às pátrias alemã, italiana e polonesa e revelam o constrangimento de filhos deserdados. Aqui deviam, por exigência da convivência, deixar suas características, perdendo os traços de sua identidade cultural. Nas terras daqui residia o espírito aventureiro, que não convivia satisfatoriamente com respeito ao chão e aos projetos comunitários. Prevalcia, acima do amor fortalecido nos costumes, a paixão descompromissada. Os educadores temiam que o desacerto nas orientações fizesse com que seus discípulos se perdessem nos convites do prazer. Temiam que novamente se repetisse a formação de padres como os que, antes e durante a imigração, buscavam riquezas e luxúria, deixando a Deus lugar em celebrações com ritos sem fé. Esta terra fazia até do

“Espírito Santo um grande folião,

Amigo de muita carne,

Muito vinho e muito pão”*.

Todo cuidado era pouco. Se a epidemia da superficialidade pegasse os meninos, a imagem de Deus estaria neles tão deformada, a

* Manuel Antônio de ALMEIDA, **Antologia Escolar Brasileira**.

ponto de se tornar difícil reconhecê-la em algum gesto perdido por estas campinas.

Urgia, pois, por estas e outras razões, vigiar sempre e sem descanso, já que o perigo rodava na história e costumes. Bom momento, portanto, era aquele do Espírito Santo para dizer em alto e bom tom sobre as virtudes que Ele estaria disposto a infundir e confirmar. Não podiam, os educadores, perder oportunidade tão preciosa para elevar os corações e a inteligência, quando se ouvia dizer que o espírito andava desprestigiado. Chegava-se nesta terra, até a defesa de que o melhor das festas de Deus estava no agrado do corpo e, assim, Ele estaria sendo reverenciado por inteiro.

Desde a vigília daquele dia já se ouvia: “Logo que eu tenha sido santificado em vós, eu vos congregarei em todos os países; e derramarei sobre vós uma água pura; sereis purificados de todas as impurezas; e dar-vos-ei um Espírito novo”. Ezequiel era lembrado, ao mesmo tempo que traduzia todas as esperanças do cativo povo hebreu, fazendo promessas de melhores bênçãos. Agora estavam os jovens cativos numa terra que deveria ser salva. A diferença estava apenas no tempo. O de Ezequiel era do trigésimo ano, no quinto dia do quarto mês dos deportados do rio Cobar. O dos jovens era o trigésimo dia, do quinto mês, do ano de mil novecentos e cinquenta e seis das buscas de libertação nas terras latino-americanas, lugar da escravidão mais viva ou mais velada, mas nunca afastada. Não, ainda, se invocava o Espírito de Deus, pensando-se no respeito a um povo que merecia atenção. Pedia-se para que fossem afastadas as impurezas que impregnavam o coração do homem e aquelas movidas pelo tempo e seus acontecimentos.

No dia de Pentecostes, na primeira meditação, aproveitava-se a fertilidade do momento. Pe. Pedro dizia que todos deveriam pedir incessantemente o que era reto. Mais tarde Pe. Humberto reforçava assim:

“Quem fosse de poucos recursos ao lidar com a inteligência, que pedisse o entendimento e a sabedoria para que todos os gestos tivessem bom senso. Quem não soubesse dizer ou fazer aquilo que devia ser dito

ou feito, que pedisse prudência para os precipitados e coragem para os desanimados. Quem não andasse bem informado, que pedisse a ciência como melhor auxílio ao entendimento. Aqueles que tivessem dificuldades no trato íntimo com Deus, que pedissem piedade. Por fim, aqueles que julgassem Deus como um companheiro bonachão, que invocassem com firmeza o seu temor”. Entretanto, Pe. Humberto avisava: “O Espírito Santo é a luz, mas convém que ninguém esqueça de acendê-la. Ele é o sopro que a tudo renova, mas que tenha em quem soprar”.

Era um tempo para consolo, pois até Joel já dissera que “Naqueles dias derramarei até o meu espírito sobre os escravos e escravas. No monte Sião e em Jerusalém haverá salvação”. Naqueles tempos de seminário nem tanto se pedia, a ponto de se pedir para que se ouvissem o tilintar das correntes quando fossem jogadas fora. Não se preparava, porém, o tempo próprio para isso?

Na missa solene, nos versos da Sequência, pedia-se:

“Ao sujo lavai

Ao seco regai

Curai o doente

Envergai o rígido

Aquecei o frígido

Conduzi o errante”.

De tanto se dizer sobre escravos e errantes, não surgiu a iluminação de um caminho próprio num chão sem saudades?

Momento de grandeza era aquele do sermão:

“Andavam tontos, tanto os discípulos como o povo em geral, antes que o fogo tomasse conta da campina e dos vales de Jerusalém. De todas

as partes estavam reunidos como que esperando uma grande decisão. Estavam confundidos e confusos. Usavam línguas e propósitos diferentes. Nada os unia, a não ser a esperança de um novo Espírito. Eram pobres, muito pobres, amedrontados, não sabendo dizer, ao menos, o que sentiam e o que pensavam. Nem bem sabiam quem eram. Juntaram-se por várias contingências e, sem dúvida, o que mais os fazia reunir era o eu estado de pobreza. Buscavam em Jerusalém destino melhor do que a Ásia, o Egito, a Mesopotâmia lhes pudesse conceder. Com certeza estariam sendo expulsos de seus lugares de origem pela exploração dos romanos que não estavam para considerar a dignidade humana. Era a pobre gente dispersa e dominada, com seu trabalho cobrado em impostos maiores do que o lucro que levavam para alimentar seus filhos. Todos eles vendedores de seus irmãos. Assim como no morro das caveiras tinham vendido o irmão, ou como fizeram os irmãos de José, entregariam qualquer um, desde que pudessem livrar-se da miséria extrema. Não possuíam princípios maiores que eles próprios e do tamanho de cada um. Amantes da autoridade estrangeira. Quem os orientava mais de perto nada lhes podia ordenar, a não ser o que vinha de encomenda. E as ordens se referiam aos impostos e costumes romanos que negavam a grandeza de seus legítimos anseios. Estavam destituídos de seus hábitos, estando prontos, como estranhos, para assumir o que lhes diziam seus donos.

Naquela manhã, algo de novo aconteceu.

Nem um pouco estavam os discípulos encorajados! Não foram eles que, no horto, viram o túmulo sem a morte? Tinham tudo para empoeirar as sandálias por uma boa causa. Não eram eles que tinham em mãos notícias que diziam respeito às virtudes necessárias para fazer um homem feliz? Afinal, não tinham novidades tão empolgantes que poderiam dar um novo sentido às cidades e povos? Apesar disso, estavam sentados com medo dos seus e do que dizer.

Mas naquela manhã, algo de novo aconteceu.

Pedro, o coordenador das novas propostas, que pouco tinha a perder em prestígio e bens, encheu-se de coragem. Já não sentia medo da

estrada que deveria percorrer. Naquela manhã, aquele homem frágil e rude deixaria de ter vergonha de lutar pelo tempo novo. Afinal, compreendera sobre a dignidade de todos os povos que aí se reuniam. Compreendera, também, sobre sua grandeza humana, embora entendesse apenas de peixes, de mar e de redes.

Foi de grande inspiração o momento do fogo que, em línguas chegou. A luz se fez no interior de Pedro e dos que com ele estavam. Fez-se nitidez sobre o que tinham que fazer. O que lhes tinha sido proposto durante muito tempo, enfim, amadurecera no coração e no pensamento. E quando se tem uma bela razão, como eles tinham, não se consegue mais ficar sentado. A bondade e a justiça de Deus estavam com eles, e tudo era graça.

Animados foram ao encontro do pobre povo. Não faltou quem fizesse brincadeiras, dizendo que o pessoal inspirado estaria cheio de mosto, como se os pobres, somente bêbados pudessem dizer ideias de alta verdade.

Pedro, para provar o contrário, pôs-se de pé e falou com voz muito forte:

“Prestai atenção!

Aqui ninguém está embriagado!”

Disse, numa linguagem muito boa, que Joel e Davi já sabiam do tempo da salvação. Joel dizia que os jovens teriam belas visões e até os velhos poderiam sonhar. Dizia Davi que sua carne repousaria na esperança.

Falou, com convicção e persuasão, que o Filho de Deus, que haviam matado, quebrara as correntes da morte e ‘ela não o tinha retido. Ele não foi abandonado na casa dos mortos’ e acrescentou, afirmando, que agora possuíam um salvador. Mais adiante, exortou: “Salvai-vos!”

Ninguém mais os segurou, a partir da manhã em que se encheram do Espírito Santo. Nem as longas caminhadas com as sandálias cheias de pó, nem os alforjes vazios, nem a força de todos os pecados que andavam soltos conseguiram fazer descumprir as palavras da nova lei.

A partir do instante em que o Espírito lhes deu uma nova identidade, até a ordem social começou sua modificação como consequência natural das ideias evangélicas. Uma vez que todos possuíam como atribuição essencial a dignidade humana resgatada, ninguém, nas aparências, poderia ludibriar alguém. Mudar o coração do homem e elevá-lo ao seu verdadeiro tamanho é tarefa maior que a de apenas produzir vida. E vejam, vocês todos que aqui estão, o grande milagre. Aquele povo egoísta e preocupado em projetos mesquinhos resolveu reunir tudo em comum. Aqueles que estavam acostumados a ver, na cruz, morrer em asfixia seus irmãos, tornaram-se sensíveis e cheios de compaixão. Deles se possuiu o respeito. Enfim, pelo Espírito tornaram-se suficientemente inteligentes a ponto de olharem-se nos olhos um dos outros e perceberem que eram iguais. Ó Espírito, até quando vai durar o tempo em que tanta gente se preocupará em ver as diferenças superficiais, tendo os olhos vendados para o essencial: a nossa humana identidade e divina filiação”.

Pe. Humberto invocou, ainda, várias vezes, a força Daquele que chegara ao som do vento forte, pedindo que imitassem “aos outros que estavam a caminho da salvação”. (At. 2,47)

Com que força se cantou o canto de fé e assim se realizaram todos os atos que procedem ao sermão a enfrentar qualquer provocação da dificuldade que se levanta àqueles que desejam cumprir um bom plano.

Ainda por uma semana os eflúvios de Pentecostes penetravam no pensamento e vontade, sentindo, quase todos, que “O Senhor os alimenta com flor de trigo e os sacia com mel do rochedo”. (Salmo 80, 17)

As têmeoras de Pentecostes possuíam sentido especial aos filhos dos lavradores, já que lhes soava familiar a fala dos tempos de colheitas e dos frutos da terra, uma vez que disto entendiam tão bem.

VI – DOS MOMENTOS DE GRANDES ESTUDOS E DA BOA FOLGA: SOBRE OS EXAMES DE INVERNO E SUAS FÉRIAS

Pelos dias da Santíssima Trindade, o frio do ano de 1956 já estava de acordo com as exigências do inverno. A fertilidade do espírito, por mérito das festas, exigências dos educadores, ou pelo recolhimento dado ao tempo que a ele induzia, estava dentro do esperado para uma casa de seminaristas. Era bom o período das geadas. O minuano já corria sem amarras, como seus carás, antes dos tratados e destratos e conseqüente destruição da raça. A pedagogia das estações tinha no inverno informações essenciais. A concentração não se dava apenas pela vontade, mas o clima para isso contribuía decididamente, já, então, junho estava adiantado e os exames finais convidavam à revisão de tudo que se ouvira, lera e escrevera. Repassavam-se os itens, por disciplina, pondo-se ordem e classificação ao que se aprendera. Aos rigores do inverso associavam-se os rigores do saber. Nenhum dos educadores tinha piedade. Ao contrário, exigiam o melhor que cada inteligência pudesse produzir. Ainda não se praticava a pedagogia da condescendência. A alegria sutil de ter compreendido seqüências e conseqüências nos acontecimentos, o sabor de ter vencido os obstáculos na compreensão dos espaços e sua distribuição, das regras do bem falar e escrever e da lógica dos números com seus objetos, fazia com que cada um se sentisse um pequeno senhor. Apesar de ser um tempo especial para a inteligência usar o pensamento na função de pôr em ordem o universo, ninguém estava isento dos trabalhos manuais. Devia-se cumprir com as exigências comunitárias para que todos estivessem servidos no momento oportuno. Enquanto trabalhavam, aqueles que não possuíam a agilidade como companheira do saber, perguntavam, e pelas respostas dos colegas amenizavam entraves do conhecimento.

Nem a força do Espírito Santo, nem a determinação dos educadores, menos ainda as instigações do inverno conseguiam mover alguns para a sabedoria. Eram fiéis companheiros da média cinco. Aqueles que não tinham, nem buscavam, razões especiais para viver. Aí estavam mais por gentileza e sobras da vida. Eram vazios de méritos pessoais, esperando a condescendência e compaixão. Se deles fosse depender o significativo empreendimento, ou fracassariam, ou outros lhes roubariam a ideia. O que diria Dante destes, nos círculos infernais? Estariam entre aqueles que caminhariam sobre escorregadio muro, dizendo tristes murmúrios: “por que não se decidir?”, ou ainda: “onde está nosso destino?” Algumas migalhas conseguiram, mas o maná lhes cairia ao lado. Estariam sempre chorosos e de resmungos fariam sua eternidade. Diriam ao florentino:

“Ó tu que vens de povo inquieto, sê bendito!

Nós andávamos em vida com projetos mesquinhos e,

De maior ânimo, despreocupados.

Assim estávamos de mão em mão.

Somos daqui, boa parte da América Latina.”

(Pressupondo-se que fosse muito depois de seu tempo).

“Nosso querer, pensar e agir tinha pouca elevação

Permitindo o alto vôo estrangeiro

Desde o sul, o primeiro rio argentino,

Até o último, do Setentrião, mexicano.”

(Este seria o castigo reservado àqueles que não sabiam dizer nem sim nem não).

Pela manhã, das oito às dez, era o tempo da demonstração na superação dos obstáculos impostos ao conhecimento, e no resto das horas se ocupavam concentrados par ao dia seguinte, come exceção das horas de trabalho e oração.

No final do último exame havia um costume que agradava pela descontração. Quando batia a sineta indicando seu término, todos batiam em latas, painéis velhas, barras de ferro, tambores improvisados e sinetas. Enfim, em tudo o que pudesse soar o mais alto possível. Durante cinco minutos, gritos de toda natureza misturavam-se aos sons ensurdecedores. Era o início das férias de julho. Tinha-se quase um mês para ações de menor exigência para o pensamento. As tardes estavam para os jogos, durante duas horas. Punham-se em dia as grandes limpezas ou mudanças. Enchiam-se novamente os tarros com melado, e outros com banha. O que acima de tudo importava era não estarem ociosos.

Dois fatos revelam o quanto cada um, em seu trabalho, devia estar atento ou por ele fazer o bem a todos, sem privilegiar ninguém:

Estavam os boleiros com quatro bolas, sendo duas delas estragadas. Mais duas estavam em fase de costura final de seus gomos. Distraídos, costuravam os gomos das bolas. Ao terminar a tarefa, buscaram as câmaras para dar-lhes formato e consistência. Perceberam, então, que apenas uma estava em condições de receber remendo, mas como na pressa os gestos, não raro, se tornam inadequados, rasgou-se a esperança de ter bolas em condições para os jogos da tarde. Aumentou o sentimento de culpa dos boleiros imprevidentes.

Ao meio dia, confessaram ao Pe. Prefeito o fracasso no intento de oferecerem bolas em campo. Pelo rosto do educador, notou-se que estava decepcionado. Nem tanto por não saber o que fazer com a tarde de duzentos seminaristas, como pela desatenção dos dois boleiros em serviço. Disse severamente: “Tenho vontade de colocá-los em julgamento, diante daqueles que já possuem seus times escolhidos”. Afastou-se.

Por quais momentos de condenação passaram os dois, somente suas consciências poderiam dizer.

Quando, no refeitório, foi anunciado que a tarde seria dedicada às leituras até às 16 horas, porque estava havendo dificuldades com as bolas, os olhares convergiram sobre os dois. Decididamente aprenderam que a necessidade da maioria não pode ser atendida com distração.

Alguém foi logo à cidade buscar câmaras novas, e os dois, ainda antes das 16 horas, conseguiram mostrar ao Prefeito três bolas bem acabadas.

Quando os jogadores passavam por eles, perceberam generosos gestos de reconciliação.

O segundo fato é pouco interessante em sua forma, mas compensado por seu conteúdo:

Por esses dias de férias, houve meu cálculo ao se fazer o pão destinado aos educadores. Saíam a maioria para ajudar nas paróquias vizinhas, ao mesmo tempo que reuniam auxílio para a manutenção da casa. Assim, sobrou pão de trigo. Aos seminaristas, nos dias comuns cabia pão de milho, uma vez que encarecia demais sustentar a todos com melhor alimento. Resolveram, os padeiros que distribuíam o pão, privilegiar a sua mesa com a sobra de pão especial. O mal-estar presidiu o café da manhã. O silêncio, porém, foi mantido enquanto era lida a vida dos heróis que tinham, a custo a te de seu sangue, permanecido fiéis aos compromissos de sua fé e solidariedade. Logo após o café foram, os dois, chamados ao quarto do Prefeito, que os destituiu das funções. Não seriam mais eles que distribuiriam o pão, pois buscaram, do trabalho como tarefa comunitária, tirar vantagens pessoais. Desta forma, em atos bem concretos e duros, mostrava-se o caminho cristão.

Passaram-se os dias, com os meninos dirigindo a atenção para conteúdos mais acessíveis ou que merecessem menor grau de organização. A fantasia correu livre sobre aventuras e sonhos. Estavam

novamente prontos para a elaboração mais consistente e lógica do tempo, espaço e objetos.

VII – SOBRE A SEGUNDA CAMINHADA DO ANO DE 1956: DE SEUS FERVORES, DORES E TAMBÉM DAS ALEGRIAS

Conversavam Aguielo, Jacó, Solano e José encostados no muro, ao lado do poço, no seu último dia de férias.

- Pena que agora as rédeas são curtas. Soltar o corpo e as ideias não é nada desprezível, disse Aguielo.

- Não é nada mau soltar os sonhos. Senti-me o próprio Winnetou correndo nas pradarias, falou Solano.

- Índio está bem só nos romances de Karl May, completou Jacó. Se fosse livro de história bem contada, sobriariam apenas os escalpos nas mãos de Tio Sam.

- Prefiro pensar sem livros, respondeu Aguielo. Eu mesmo invento meu trote.

Ao que Jacó ironizou:

- E fica troteando...

- Tem gente que prefere o cheiro de um livro velho, sem mexer com gosto na vida, retrucou Aguielo.

Solano, sentindo os ânimos, acalmou:

- É melhor ficar assim, antes que as indiretas passem a ser diretas.

Enquanto assim conversavam, viram o pequeno Herz, no último andar, com uma geringonça nas mãos. Na verdade, trabalhara boa parte

de suas férias num modelo de avião que sua fantasia produzira. Afirmava, convicto, que funcionaria com um impulso inicial, dado no alto. Outros pequenos estavam a seu lado, crentes que o aparelho voaria com mais desenvoltura que as andorinhas que logo chegaram, jogou seu sonho no vazio e, em parafuso, sua “produção científica” caiu. O pequeno inventor, debruçado sobre a janela, contemplava o aglomerado de papelão e madeira, onde se confundiam as hélices com a cauda. Os companheiros puxaram-no para dentro, afirmando que o seguinte voaria.

José começou a rir sem controle, dizendo:

- Mais um que seguiu apenas os seus sonhos e troteou.

Quando Herz e seu grupo passou pelos quatro que riam, estava mais triste que aquele que estaria recolhendo sua alma aos pedaços.

Já entardecia e era tempo de recolher os sonhos de julho para domesticá-los em agosto.

Nos primeiros dias, a alegria era cometida pelos livros de vários saberes, e a inteligência disciplinada pela vontade começava a absorvê-los sem ilusões.

Não era sem razão que a retomada das ações do semestre iniciavam por um retiro. Mais alguns partiram por não suportar as reiniciadas exigências da santidade e da sabedoria.

Para alguns, a terra amiga chamava pela simplicidade. Quando não, pelo carinho ausente, partiam.

Reforçavam-se as meditações com votos de disponibilidade e encorajamento aos que, na maioria, ficavam.

“Se vinte vezes sobe a formiga pela parede e a vêem cair, não estranhem se pela vigésima primeira vez ela retomar a subida. Melhores são seus motivos que os da formiga.

Se pensarem que o Reino dos céus se dá longe do caminho estreito, não o encontrarão jamais.

A persistência é própria daqueles que sabem o que querem, mesmo que seus pés se esfolem em pedras ou poeira.

Os pensamentos do Senhor são de paz e não de aflição, mas esta paz se faz na luta, pois a espada também é seu instrumento.

Se alguém disser que está cansado da vida de Deus, ou levante a cabeça, ou faça a mala de vez, que Deus não tem paciência com os tíbios. Com certeza ouviram falar que Deus cospe os indecisos de sua boca... e o que fazem aqueles que ainda estão indecisos no caminho?

Vamos, pois, gente escolhida, que bandeira a meio pau é sinal de morte e a vida de Deus merece panos desfraldados do alto!

Terão, ainda, quatro meses e alguns dias com a mão no arado e quem olhar para trás não é digno de ver a glória do Senhor. Quando o tempo da chegada do Menino se anunciar nas velas do Advento, poderão suspirar pelo descanso das férias. Até lá, muitos momentos importantes acontecerão e não deixem passar o Senhor distraidamente.”

Com palavras de força, eram dados os primeiros passos.

Solano, principalmente nos primeiros sinais da primavera, gostava de ver as estrelas. Pensava, então, com elas, seus sonhos, antes de dormir. O ar já tinha realizado sua purificação. Via a si mesmo perdendo-se no tempo, e já então um homem sério. Todos o olhavam com respeito, mas o sono chegava e apagava sua verdadeira imagem, percebendo ainda sua batina ao vento, enquanto caminhava na estrada. Outras noites, dormia preocupado. Aguielo tinha-lhe dito que no mês de agosto o tempo se perdia no vento. Para confirmar seus temores, em fins de agosto, acordou-se com sons soturnos e implacáveis. Era o vento que fazia o telhado ondular ameaçadoramente. Viu Egídio correndo de gatinhas no corredor das camas. Ouviu gritos, pedindo misericórdia. Alguém, entre as vozes, disse mais alto: Jesus, Maria e José, salvai-nos. Foi aí que uma janela estourou, com sons de vidros quebrados. Mais alguns dispararam de olhos esbugalhados. O medo, então, tornou-se pavor. Saltou da cama, acompanhando os desesperados. Pôs-se em segurança, no andar inferior.

Apagou-se, por fim, a luz. Guardado em segurança, olhava os eucaliptos dobrados pelo vento. Os relâmpagos contínuos permitiam ver a natureza convulsionada. O desespero do campo tinha atingido sua plenitude. Contorciam-se os cinamomos, enquanto os pés de uva-japonesa perdiam seus galhos velhos. Pensou Solano: “Ainda bem que as folhas novas não nasceram para ver tanto despropósito”. Lembrou-se do conferencista do último retiro: “Quando a natureza se descontrola, nada de bom é construído. Os instintos naturais do homem devem ser conduzidos com cuidado, pois do contrário, as paixões deixam-no sem rumo, sendo mais fortes que a indicação do norte.”. Aguielo chegou-se e foi falando com sorriso nervoso: “O vento está um cuiudo picado por mil mamangavas. Te falei do vento que fica louco. Dizem, em conversas nas coxilhas, que são os índios açoitados que choram, no mês de agosto”.

- Mas como? Se já se foram há tanto tempo?

Aguielo falou, convicto:

- São duas almas ainda não vingadas. Ela vêm para lembrar da injustiça feita. Cada relâmpago representa seu ódio por terem sido arrancados sem licença. O vento sai das ventas de seus cavalos que correm atrás de quem humilhou seus donos. Os sons todos (e quanto assovio se ouve!) são dos índios que se animam na empreitada da vingança. Somente no dia em que forem todos os estrangeiros é que descansarão, deixando agosto preparar com calma a primavera.

Solano, ingenuamente:

- Mas aqui só dá brasileiro!

Recebeu a devida resposta:

- Vai ver que os índios não sabem disso.

Chegou Pe. Humberto:

- Todos para a cama, que o perigo passou.

A chuva caía quase serena. Solano, deitado, pensava agitado, conduzindo muito mal seus mistérios. As surpresas da noite ainda não tinham concluído sua missão. Pe. Selau, preocupado, foi com um dos seminaristas mais velhos ver, no sótão, os possíveis estragos da tempestade. Ao pisar em falso sobre o forro fino, este cedeu sobre a cama de Honorino que estava com seu terror ainda cristalizado. Correu assustado, apontando para o fenômeno que balançava sobre sua cama. Gritava, histérico: é o raio! Olhem o raio! Passado o impacto, todos perceberam o equívoco. Entraram em surto de gargalhadas, dando asas às tensões contidas.

Somente intempéries quebravam o ritmo de seriedade que marcava pacientemente cada um com o ferro dos valores inscritos pelas exigências. Pe. Selau, com propriedade inquestionável, desenvolvia o saber sem facilidades ou omissões. Sua personalidade longelinia traduzia orientações retas na construção da linguagem, e que a gramática fosse a mestra de quem quisesse inventar modismos incoerentes.

7.1. Dos exercícios patrióticos e do modo de servir e engrandecer a nação que a todos ufanava

Quando Getúlio Vargas cansou das terríveis contradições políticas, despedindo-se abruptamente, foram criadas dúvidas entre os educadores quanto à melhor forma de se mostrar a dor. Ao se propor que as atividades seminarísticas deveriam ser normais, um deles bateu com força sobre a mesa, como protesto, dizendo que era importante respeitar a morte dos heróis da pátria. E assim houve folga nos estudos, substituindo-os por trabalhos como o da limpeza das tabuinhas sobre as quais se repartia o pão.

Da pátria, seus dias e seus heróis, havia noções enaltecidas, e que melhor não podiam ser, tanto que, ao se referir à Grande Mãe e a tudo que lhe dissesse respeito, grande respeito e devoção se faziam.

Em agosto iniciavam os ensaios de marcha, na cadência de um tambor e duas tarolas. Duzentos seminaristas, com pobres roupas, marchavam convictos de que, desta forma, a pátria estaria sendo reverenciada. Orgulhosos, erguiam suas cabeças, com passos firmes e peito aberto. Mesmo pobres, também sentiam-se no direito de se fazer respeitar. Cada um possuía a plena certeza de que a independência estava garantida. Era o melhor que já havia acontecido debaixo do céu brasileiro. E ainda se orgulhavam pelo tamanho do céu, do mar e do chão.

Em inícios de setembro, a primavera ensaiava alguns passos, facilitando o ânimo glorioso. A bruma dos campos queimados dizia da brotação e dos propósitos da natureza, animando o encaminhamento e os sonhos. Tinham uma pátria enorme e com fertilidade humana. A eles competia salvar o que tinha de melhor: sua alma. Não mais que duas tarolas eram suficientes para ouvirem os clamores patrióticos. Tinham como assistência seus bons objetivos.

Aqueles poucos de passos lerdos eram fustigados a empinarem o corpo e amarem com decência os acontecimentos da independência. Tinham, pelas palavras ditas, que este chão era livre e, pelos fatos heróicos, tornara-se sagrado.

No dia Sete, o discurso oficial estava carregado de palavras escolhidas no dicionário. As oliveiras testemunhavam ideias de orgulho e lugar comum:

“Nesta terra de Santa Cruz a presença de Deus é uma questão de coerência”.

“É motivo de eflúvios interiores, morar-se num país bem maior que o Jequitibá perto de plantas rasteiras”.

“Nos jovens se deposita melhor porvir na medida de sua coragem, trabalho e inteligência”.

“O patriotismo acontece no dever cumprido, isto é, cada um deve estar no devido lugar”.

As palavras tornavam-se um elogio ao estabelecido. Nenhuma crítica se fazia, uma vez que as informações eram as dos livros oficiais. Neles a justiça era quase infinita e a admiração do bem comum havia atingido o estágio próximo da perfeição. Aproveitava-se a hora para celebrar momentos históricos mais significativos. A Guerra do Paraguai, os bandeirantes, ou a determinação das fronteiras, levavam, no dia, encômios grandiloquentes. O fundamento dos fatos engrandecidos não era considerado, a começar pela Guerra do Paraguai, para a qual tinha-se como causa a invasão ofensiva do solo pátrio. Nem ao menos se considerava a intenção paraguaia de fazer autonomia em solo latino-americano.

As linhas eram permeadas de votos de justiça, honestidade e todas as virtudes necessárias para que ocorresse uma comunidade decente e de futuro consistente. Mas se sabia que por aqui a maior dificuldade foi o dom da comunidade, estabelecendo-se como forma de governo a “monítica”*.

Durante algumas semanas, diziam-se poesias, aos domingos, dando-se oportunidade ao exercício da palavra. Prevaleciam, entretanto, as frases de efeito emocional sobre aqueles de análise ponderada e compreensiva das questões brasileiras.

Considere-se, no entanto, que o maior ânimo e gosto pelos dias da independência não estava voltado para a filiação à terra, mas para os jogos competitivos que eram realizados.

As equipes eram divididas em cada divisão nas quais se davam os jogos olímpicos, anteriormente estabelecidos.

Na preocupação pela vitória, não poucas vezes esqueciam, os contendores, que os adversários eram filhos da mesma pátria e do mesmo Deus, a quem perseguiam com investimento total. Era comum se perceber nos olhos, rugas ou cor, a raiva a custo controlada. Andar, então, com domínio de si, constituía-se em atitude essencial, sob pena de enfrentar a

* Arte de gerenciar o bem comum em benefício próprio.

desclassificação de sua equipe. A excelente superação dos obstáculos estava como ótimo estímulo, porém, mais importante era vencer a si mesmo em situação de tensão.

Como todos eram obrigados a participar, havia o compromisso de superar-se para compensar os limites dos companheiros e, assim, vencer os adversários. Aprendiam a animar os poucos confiantes e a conviver com os fracos, sem humilhá-los. No jogo da estafeta, não era tida como tarefa fácil vibrar com aqueles que tinham dificuldade de por um pé adiante do outro com boa velocidade.

Havia, para satisfação dos desejos mesquinhos, a indireta doída ou o riso impiedoso que escapavam completamente aos ditames da orientação educacional.

Mas a agilidade do corpo estava apenas como instrumento eficaz para o cumprimento da vontade de Deus. Por estes dias, falou, então, Pe. Clemente:

“No deserto, João comia mel e gafanhotos, e não era como um caniço agitado ao vento. Era um homem rústico que se vestia com pele de camelo. Tinha voz forte e clamava no deserto. Tinha sua pele curtida pelo sol e seu corpo não conhecia o prazer. O vento e a areia lhe entravam nos olhos e narinas. Assim preparava-se aquele que não se considerava digno de desatás as sandálias do Salvador. Tinha Deus como companheiro. Não se importava em dizer a verdade, mesmo quando esta lhe custasse a cabeça. Era um homem forte.

Durante esses dias vi vocês correndo e disputando no campo. Espero que não tenham corrido apenas por diversão. Que tenham o corpo são e forte para combater o bom combate. Tenham o corpo ágil, já que terão que levar a mensagem em todas as direções e para os lugares mais difíceis”.

7.2. Sobre a grande visita a São Miguel e das impressões profundas que causou na maioria. Entretanto, alguns nada perceberam

A primavera já tinha sido liberada e não perdera tempo para ocupar seu lugar, tecendo com propriedade seus elogios. As pitangueiras nos capões, como prêmio da resistência às geadas, outras folhas recebiam. O campo se revitalizava, novamente a pedagogia das estações oferecia gratuitamente suas lições. Chegara o tempo da inspiração e dos sonhos fartos depois do silêncio fértil do inverno. O ardor do tempo impulsionava a vida em diversas manifestações, concedendo privilégios à do espírito. Foi nesse tempo, e também por sua significativa interferência na vontade dos educadores, que foi dito: “Amanhã iremos ver São Miguel”. O anúncio foi eletrizante.

No outro dia, ainda oculto pela escuridão, Aguielo acordou pelo “Benedicamus Diminum”. Olhou pela janela, tentando vislumbrar alguns índios tardios que até há pouco povoaram seus sonhos. Pensou sem consistência sobre os possíveis gritos que soltavam os índios antes de morrer.

Nem bem a terra, em suas voltas, dera permissão ao sol, e já partiam em velhos caminhos.

Eram momentos de Aguielo. Fechava os olhos e se via montado no tordilho. Não perdia oportunidade para engrandecer o campo: “A liberdade mora aí nas colinas. Pode-se andar muitos e muitos dias sem se chegar a lugar nenhum. Pode-se ir ou à esquerda ou à direita, que apenas as codornas dão sinal que existem”. Aí José lhe disse:

- E o que vai fazer com a cerca?

- Abre-se a porteira!

Eram pouco mais de nove horas quando Solano e seus companheiros viram, como a um fantasma, a ruína de São Miguel. Ficou mudo e possuído de uma dor ainda não sentida. Seria o sofrimento do chão não de todo esvaído? Seria a humilhação que brotava das pedras fora de lugar? O que fazia o tempo agredido, falando silenciosamente tão alto? Solano, acabrunhado, foi chegando como quem diz: “Não tenho nada

com isso.” José falou, perto da figueira: “Aqui choraram as mulheres e os homens, agarrando-se ao chão, apenas porque deveriam morar em São João. Jamais agüentariam ir até a Colônia do Sacramento. Preferiram morrer na luta sem esperança. Não suportavam estar longe de suas colinas, mesmo que se lhes dissesse que nas terras prometidas delas havia de sobra. A terra lhes era mãe. Eram crianças no coração e no pensamento. Fácil foi o massacre deles, apagando-se toda a esperança em Caibaté”.

Solano, das pedras quase podia ouvir o grito, pela descrição de José.

“Daqui vinham os portugueses, e dali os espanhóis, indicando o norte e o sul respectivamente. Aqui, em fila, espalharam as casas dos índios e a dos padres logo ali, de onde a visão dominava a grande aldeia”.

- O que tem a Europa em estragar tudo o que aqui existe? Perguntou Jacó.

- O poder e o lucro, respondeu José. Fala-se tanto em dignidade do homem, mas todos sabem da boca do lobo.

Vários brincavam, distraídos, com a bola. Não sabiam porque vir de tão longe para ver pedras velhas, mal indicando a existência de uma igreja em desuso.

Um deles viu abelhas no vão das pedras e foi disputar com elas o mel. Já era meio-dia e alguns acompanhavam a aventura dos favos. Ameaçadas, as abelhas voaram em defesa de sua casa. No alto das pedras, com hera, viu-se uma cena de Dante. Gritos de dor e gestos inconseqüentes demonstravam o desespero daquele que estava envolto num exame de abelhas. Contra o sol, os que estavam embaixo viam a cena e temiam pela vida de quem fora ameaçar aquelas que fizeram do templo o seu ninho. Gritavam para que saltasse. Em movimentos desconexos, saltou de pedra em pedra e jogou-se, por fim, de uma altura de três metros em choro convulsivo. Foi atendido embaixo de uma figueira.

Deram-lhe de beber leite e com mel untaram-lhe o corpo. A piedade apoderou-se de quem o via em dor pungente.

Solano pensou: “Assim fizeram os índios ao sentirem seu tempo invadido, mas suas setas foram impotentes. Não seriam as suas almas que incitavam as abelhas a defender as últimas pedras de pé?” Aquele dia estava sendo para alguns como a dor da humilhação. Solano sentia-se pequeno e arrasado diante da força poderosa. Por um instante imaginou-se herói, mas percebeu-se nas suas pobres roupas e de pés descalços. Chegou José e disse:

- Sou capaz de saber dos seus pensamentos e garanto que são de aflição.

- É que nunca vi de tão perto pecado tão grande. O respeito por aqui perdeu-se por completo.

- E continua perdido, arrematou José.

Ouviu-se o apito avisando para que cada um tomasse o seu caminhão. Antes de partir, alguém falou com voz forte: iremos a São João.

José, quando se afastava, olhou para trás, ouvindo o templo. Aguielo cutucou, falando: pelo que você falou pela manhã, o mínimo que se poderia fazer ao europeu seria botar fogo em seu rabo.

Respondeu José ao ouvir: seria muito pouco, por aquilo que fez em nosso campo.

Em São João havia apenas uma parede ainda em pé. Solano ouvira falar de todo o sacrifício que houve para erguer a redução. Acariciou uma pedra e, cuidando para que ninguém o percebesse, beijou outra.

Novamente ouviu-se o apito. E a casa de cima do monte chamava de volta.

7.3. Grande meditação sobre aquele que incitou a Missão e de como deveriam ser aqueles que o seguiam na palavra e exemplo.

“De um pequeno lugar chamado Chatonnay veio aquele que é nosso fundador. Seu pai, um rude agricultor. Não tinha a gentileza como a maior virtude, mas tinha na fé a fortaleza. Sua mãe, cuidadosa em seus trabalhos, buscava o essencial: fazer de seus filhos cristãos. Nem mesmo a morte de dois dos seus seis pequenos filhos e a dificuldade em educar um deles fizeram esmorecer na mulher seus melhores valores. Simeão foi mestre na infância. Afirmavam que era cheio de virtudes. Seu pastor tinha como missão pessoal erguer a miséria humana, conferindo-lhe dignidade.

Das histórias da infância, causou-lhe impacto aquela da Mulher da Salete, que lhe era repetidamente contada nas noites de frio. Sentiu-se motivado por seus pedidos de paz e pelos apelos ao gosto do infinito.

Dos estudos, o que mais lhe deu entendimento foram as lições de teologia de S. Tomás, e na vida religiosa tomou a palavra do mestre Giraud e transformou-a em exemplo.

Inspirado e fortalecido no que pedia a Grande Senhora, saiu a dizer que a palavra de Deus era viva quando praticada, deixando os homens decentes, habitados pela bondade e fortes como a montanha. Percebeu que a tantos jovens Deus inspirava que resolveu congregá-los sob a inspiração da salvação. Urgia não perder oportunidades e vencer todos os obstáculos. Criou-se, assim, a Congregação dos Missionários da Sagrada Família, e mais um caminho que se fez para aqueles que vêm em Deus uma chance para si e para os outros.

Já se passaram 48 anos depois que pela manhã partiu, pedindo o que lhe era costume sagrado: celebrar a ceia.

E o que procuram aqui?

Tenho certeza que procuram daquelas virtudes que faziam nosso pai comum se fortalecer:

O fortalecimento do espírito para não esmorecer no anúncio da verdade.

A vigilância dos costumes do Evangelho.

A pureza do corpo e do espírito

O cultivo da inteligência.

O trabalho humilde e serviçal.

A pregação da palavra em todo tempo e lugar.

O respeito pelos pobres.

A coragem da denúncia.

O amor fraterno entre irmão da mesma casa.

Assim poderia passar mais do que esse dia para dizer de todas as virtudes que possuía e que vocês devem possuir. Mas de algumas delas mais adiante quero me ocupar.

Não temos grandes heróis. Nem a Congregação foi criada para expor o seu tamanho. Que cada um tenha o seu lugar próprio e o círio da fé para iluminar os que estão na morte. Nem sequer o fundador foi canonizado. Somos jovens que iniciam a caminhada do bem.

Rapidamente lhe direi o nome do homem das montanhas e de suas melhores características:

A fé o possuía sempre, e no Senhor colocava a última decisão.

Esperava, mesmo contra todos os sinais da terra. Tinha no Senhor a fortaleza e o consolo.

O seu único amor e ligação possuíam em Deus o destino. Via toda a natureza como boa escritura de Deus, amando a montanha e as flores enquanto esperava vê-lo sem atrapalhos.

Caminhava ora aqui, ora acolá, jamais tendo a missão como cumprida. Tinha a cabeça no mistério de Deus eurgia missionar.

Amava os seus, fazendo de si um pai generoso, pela bondade que a todos acolhia.

Tinha nas mãos os gestos medidos e, às vezes, severos quando devia repreender. Jamais se perdia nas emoções sem, entretanto, deixar de externá-las nas lágrimas ou no sorriso.

O hábito de ouvir os outros, em qualquer empreendimento, lhe era bom companheiro. Ouvia, com humildade, a Igreja a quem servia, sem repudiar as opiniões opostas. Discernia com cuidado e esperava o tempo necessário para evitar circunstâncias impróprias, antes de pôr a público alguma decisão.

Prezava a fraternidade e afirmava: “*Quam bonum e quam jucundum habitare frates in unum*”. Zelava entre os seus para que o bem querer não tivesse fronteiras de pátria. Bastava o respeito à dignidade humana.

Em Grave, tinha como casa uma desabitada caserna, onde pobremente vivia. Despossuído de tudo, sempre possuía algo para os pobres, e naquele tempo eram tantos, já que a Europa sempre foi sábia em fazê-los. Tinha por eles um carinho especial, uma vez que a solidariedade o habitava.

Era prudente, estudando muito a formação de outras instituições. Orientou a originalidade de sua obra, cuidando evitar os erros já acontecidos em empresas similares. Sua sabedoria lidava em paz com os problemas. Usava de bons argumentos e deles fazia instrumento para evitar comportamentos inadequados. Não gostava da violência, uma vez que preferia o uso da inteligência, do perdão e da intimidade de Cristo para enfrentar a dor dos homens ou seus transtornos. Muito lia, muito ouvia e depois realizava sua experiência, corrigindo-a para que melhor pudesse conduzi-la. Buscava avaliar seu espírito dinâmico a toda informação possível. Brincava então: “Ah! Se a juventude soubesse e se a velhice pudesse”. (4, pág. 101).

Gostava da verdade, da boa fé e da simplicidade “que faz com que nos mostremos tais quais somos, sem dissimular” (4, pág. 107).

Amava tanto a justiça que estava sempre atento aos direitos de Deus e dos homens, acreditando que estes deveriam estar a serviço dos primeiros. Sabia, com evidente clareza, que a justiça maior estaria em que cada ser humano se tivesse a serviço, e que é de alma pequena ter a si mesmo com excessiva preocupação. Não gostava dos comportamentos contrários aos desígnios da comunidade, chamando a atenção dos dissidentes.

Não privava com meio termo, nem permitia que os seus privassem. Dizia que Deus é amado à custa de nossos braços e no suor de nossas fronteiras. A energia e paciência lhe acompanhavam, e zelava para que os que buscam sua casa também as tivessem. Tomou conta de si e fez os que buscavam sua casa também as tivessem. Tomou conta de si e fez de seu temperamento ardente e sanguíneo um instrumento digno de confiança.

Não se apegava em nada que não fosse essencial. Por isso pedia que se rezasse o que em todos os dias rezamos: “É por vossa mãe que vos peço, dai-lhe filhos que dela sejam dignos. Sacerdotes desprendidos de tudo: da família, da pátria, dos amigos mundanos, sem haveres, sem embarços, sem preocupações das coisas terrenas, e até sem vontade própria”. Que reúna de si fosse uma medida para ter o infinito como espaço.

Sabia e insistia que muito é preciso inteligir. “É preciso estudar e as ideias de Deus se esclarecem quando em profundidade são analisadas”. Como testemunho, debruçava-se sobre os livros, e outros escrevia para iluminar e a outros repassar a mesma luz. Se pudéssemos ter uma imagem do que lhe falo, veríamos um homem “sentado à mesa de trabalho, no seu banco de madeira, sem espaldar e sem almofada”. Tinha consciência de que seus gestos e palavras seriam melhores quando seu espírito estivesse alimentado no conhecimento.

Ainda lhes falo de sua humildade. Não gostava de citar a si mesmo nem que isso, em certas circunstâncias, fosse natural. Sabedor de que tudo o que era e possuía vinha de Deus, dizia: “com mais razão procurei

nunca falar favoravelmente de mim, e com razão mais forte não farei nunca, nada por amor próprio, e não direi nenhuma palavra referente a meu louvor” (4, 116). Repugnava-lhe a aparência, sabendo que o bem não necessita de ostentação”.

Terminada a meditação de Pe. Selau, houve a motivação no interior de todos os ouvintes:

Penou Jacó: “Tenho minhas dúvidas de haver tanta virtude num homem só”, e começou a ordenar as forças que melhor lhe serviriam.

Refletiu Aguielo: “Mais fácil é apanhar num ninho de lichiguana sem nenhuma picada, que ser tudo isso”.

José concluiu: “Um homem terá poderes quando tiver um motivo forte a persegui-lo”.

Solano pensou nos seus companheiros de infância que partiram para outros seminários, e se questionava sobre as inspirações daqueles que criaram as suas instituições.

A festa do dia 16 de outubro era própria de quem tinha uma boa razão a celebrar, e festejava-se até à noite com o teatro tão esperado.

7.4. Sobre duas tradicionais comemorações celebradas em novembro e de uma forma inesperada de festejar a República

Aos acontecimentos extraordinários narrados e de outros que se manifestarão, apesar de sua importância, eram destinadas horas fugazes. Teciam-se os dias em exigências constantes, sendo aqueles de maior anúncio curtos e expansivos, nunca ultrapassando o desagrado do esforço. O rodízio nos trabalhos acontecia de bimestre em bimestre, oportunizando-se experiência em várias tarefas. Os apicultores, os sapateiros, os boleiros, os fruticultores, os floreiros, o holericultores, os matadores de formigas, os suinocultores, os açougueiros, os carpinteiros,

os campeiros (faziam a limpeza do campo), os capinadores, os avicultores e os da limpeza da casa se revezavam, sendo, porém, algumas atividades menos rotativas.

Os estudos já haviam avançado quase ao topo da escalada em cada série. Poucas páginas faltavam à maioria dos cadernos e livros textos. Nenhum ato pedagógico indicava menos exigência. As grandes redações mensais estavam atentamente corrigidas. As traduções do Grego e Latim para o Português e respectivas versões deviam cada vez mais ser conforme as regras. Teriam orgulho de mostrar aos pais que entendiam das línguas vivas e mortas. Já então alguns começavam a ordenar em caves os itens das disciplinas. Na biologia todas as famílias eram classificadas e guardados seus filhos para evitar promiscuidade. Numa terra onde a lógica padece, os números eram jogados de diversas formas, quer no concreto, quer no abstrato. Nada ficava sem a devida organização e respectiva assimilação. Os estudos das verdades de Deus e da Igreja eram tidas como os de primeira grandeza. Os detalhes do Evangelho, os pensamentos dos padres da Igreja, os dias sagrados e seus significados, os momentos da história da salvação, os princípios morais e suas variações estavam acesos como lume na memória, seja pelo interesse, seja pela repetição. Aqueles a quem a natureza tinha sido avara na fixação e associação de conhecimentos, às vezes iam às lágrimas. Se na metade do ano sofreram, ainda mais agora deveriam ser auxiliados.

Os costumes não podiam padecer do mal da frouxidão. Todos os dias eram feitas as grandes orações pelos missionários, até o exame de consciência e confissão em público. Nada podia ser esquecido a respeito dos sagrados ritos na formação dos que iriam anunciar as propostas de Deus, ao mesmo tempo que denunciariam a presença do mal.

Pairava, já no dia primeiro de novembro, conforme a tradição, o espírito de dor pelas almas partidas sem o completo beneplácito do Senhor.

A solidariedade nos sacrifícios, jaculatórias e via-sacra se revelavam o melhor remédio e garantia para apressar a visão da felicidade

àqueles que peregrinavam por lugares onde apenas a esperança estava sendo alívio para a dor. Quase todos, nesses dias, faziam de Catão seu herói que em Dante dizia: “Correi, subi a montanha a liberar-vos das impurezas que não vos permitem contemplar a Deus”*. Pungidos oravam, na certeza de salvar. Pressionavam a bondade do Senhor, chamando-o direta ou indiretamente, ao mesmo tempo que apontavam o sofredor preferido. Atilavam a sensibilidade, abandonando o lazer e o gosto dos melhores dias da primavera. Aprendiam a ver melhor lugar para aqueles que estavam como escravos. Estavam enternecidos e também tristes, pela compaixão. Deviam aproveitar os momentos do tempo da liturgia para conferir melhor identidade aos que purgavam suas manchas.

Pungia-lhe a alma, ao entardecer do primeiro dia de novembro. Recrudescia o sentido de amizade infinita por aqueles que navegavam por rumos obscuros. Penitenciavam-se com os penitentes, que expiavam a mesquinhez humana. Queriam, por força de seus esforços conceder liberdade definitiva a todos quantos habitavam a escuridão, onde os gritos não se haviam convertido em canto. Estavam movidos pelos mesmos votos de Dante: “Ah! Que a justiça e a piedade consigam para nós breve alívio a fim de que possais livremente mover as asas, conforme é vosso desejo”**. Sentiam, porém, o limite humano, equiparando-se aos gregos diante de Parcas, ou tão pequenos como os pobres que por aqui chegaram, arrancados de seus vales, sabendo que a eles jamais retornaria, os sentimentos estavam dispostos contrariamente ao tempo exuberante, onde as árvores do mato já ofereciam suas primícias. Quando a estação mais viva revelava sua intimidade, bem aí, celebrava-se a morte.

No outro dia eram celebradas, como refrigério, três missas. Endureciam-se os joelhos e doía a coluna, mas tudo valia para que o Juiz fosse piedoso. Ninguém podia escapar à purificação. Ao olhar o campo renovado, nem mesmo as macieiras floridas arrancavam do íntimo a visão da cinza fria e o temor da trombeta.

* Dante ALIGHIERI, **A Divina Comédia**, Segunda Parte, Canto II, 119.

** Id. Ibid., Canto XI, 37.

Estavam acabrunhados pela Sequentia:

“Do meu coração contrito

Senhor, escutai o grito

Tomai conta do meu fim.”

Pequenos e maiores punham a consciência em tal ordem sensível que tinham em mente salvar-se, quando não passavam desse limite ao escrúpulo doentio.

Inovam a bondade daquele que era justo, ao mesmo tempo que severos se tornavam com o que, na opinião de cada um, fosse justo.

Por esta altura do ano, com exceção dos silenciosos inconformados, estavam eles acordados com as regras estabelecidas. Brincavam e sorriam no devido tempo. Amoldaram suas intenções ao som da sineta e faziam solícitos o que fosse determinado. Osvaldo, em um domingo comum de novembro, resolveu manifestar sua inconformidade em relação a uma crítica que julgava indevida. Teve, como resposta, impropérios que o fizeram silenciar, revoltado.

Daí 15 de novembro ocorreu um fato inesquecível para quem estava acostumado a tanta restrição. Ou seria o primeiro sopro dos novos tempos que em cinco anos chegariam? Pe. Humberto falou em tom diferente e ninguém entendia o que estava acontecendo:

“Hoje cada qual tomará conta do seu dia. Todos os momentos estarão disponíveis às preocupações de quem as tiver. Nada vai impedir a liberdade e não ser o que a consciência julgar inconveniente. As horas serão a imagem da criatividade. Ninguém poderá dizer que a sineta impediu a imaginação. Abençô as decisões livres e que forem do agrado de Deus. Poderão estar a sós ou acompanhados. Façam, ao menos um dia, o bem por conta própria. Que à noite ninguém dia: ‘Diem perdid!’”.

Aguinelo sussurrou para José:

- Hoje o touro dará leite.

José retrucou ao comentário:

- E os cães serão perseguidos pelo veado.

Yantsch rezou: “Soe in tag für Jesus zu danken, das is humlich”*

Ao término do anúncio, ficaram no mesmo lugar, embora já lhes fora dito para se encontrarem às 6 horas da tarde. Logo a seguir, falavam desorientadamente, ou saíam sem muita decisão. Pareciam bezerros confinados que, uma vez soltos, ora correm à esquerda, ora correm à direita, ou como aqueles que tomam uma determinada direção, em desabalada corrida, parando logo a seguir, desconfiados do caminho a ser percorrido.

Foi um dia havido como novo e à noite foi feito levantamento sobre as realizações do dia da liberdade. Para surpresa de todos, houve pouca novidade e invenção. Alguém se pronunciou dizendo que nunca jogara uma partida de futebol com tanto gosto. Valandro foi tomado de suas aventuras. E Poersch nadou incansavelmente, a ponto de enfraquecer-se. Alguns jogaram Karl May o dia todo, matando a vontade de aprisionar e de liberar. Outros disputaram as pitangas com os ferreiros. Yantsch rezou 14 via-sacras.

Alguns se perguntaram sobre a razão de se fazer aquilo a que já estavam acostumados. Jose encontrou a resposta mais convincente: “Não é em 24 horas que os pássaros põem suas penas e aprendem o vôo próprio da espécie”.

Com este fato incomum, chegou a festa de Cristo Rei. Era o maior sinal de fim de ano. Em tirocínio de um ano já levavam perfil de combatentes e se convenciam soldados de um reino onde estariam à frente das linhas e estratégias, em sua defesa e ampliação. Perfilavam-se

* É maravilhoso ter um dia só para agradecer a Jesus.

em linhas no dia da consagração ao Rei. A cerimônia era no silêncio da noite. Em pequenos grupos, diziam em voz alta:

“Cristo Rei Imortal, a vós juramos fidelidade até a morte”.

Alguns, entretanto, já estavam com seus pensamentos voltados para seus pequenos lugares e esperavam apenas que o ano findasse.

7.5 Sobre as últimas semanas: das rotinas no trato da inteligência, dos costumes litúrgicos e de afetos especiais, mas, acima de tudo, a volta às origens.

O advento estava carregado de motivos, não apenas pela epifania que chegava, mas pelo retorno à intimidade dos seus, bem como por vários hábitos próprios da casa em final de missão. Nada, porém, permitia que as exigências diminuíssem na ordem do dia. Continuavam as penitências pelas falhas maiores e públicas. As que revelavam gravidade ou renitência deviam ser conhecidas por todos os educadores diante dos quais, no refeitório, era dada a penitência.

Começavam os alertas sobre os perigos do mundo. Diziam os educadores sobre os comportamentos adequados de um seminarista que se prezasse:

Orar a todo instante, principalmente em tentação.

Zelar por boas companhias e amar a gentileza.

Ser alegre no Senhor.

Estar sempre solícito aos pais e irmãos.

Buscar orientação espiritual.

Freqüentar os sacramentos.

Ajudar nos ofícios paroquiais.

Zelar, sem esmorecer, sobre a grande virtude.

Meditar diariamente.

Dar testemunho da vida de Deus.

As recomendações eram servidas, quer em particular, quer em público, demonstrando o temor dos educadores.

O clima de alegria contagiava. A coroa das quatro velas cada vem iluminava mais. Mas se continha o ânimo ao acender-se a terceira, uma vez que a quarta seria acesa em casa. A intimidade dos pequenos profetas estava em frêmito. Uma a uma as imagens do lar iam retornando. Povoava-se de carinho a alma daqueles que tinham de abandonar o desvelo pessoal em benefício dos outros e do infinito. Tão alto quanto falavam os afetos do lar que já tomavam assento na consciência, falavam também os acontecimentos comemorados. Dizia o orador ao acender a vela de mais uma semana:

“Ergam suas cabeças, porque se aproxima sua redenção”. Incitava à boa vontade, citando Santo Agostinho: “Aquele que te criou sem ti, não te salvará sem ti”. Invocava a força do alto: “Manifestai o vosso poder para que sejamos salvos pela vossa mão libertadora”. Concluía com Paulo: “A noite vai avançada e o dia de Cristo se aproxima”.

Ao anunciar-se o dia em que poderiam partir, voltavam em definitivo os sonhos de cada um.

Aguinelo via-se montado em seu cavalo, e quando o vento soprava, dizia-lhe: “Sopra a crina do meu pingo e a melena do seu dono”. Sentia o peito ofegar ao pensar na menina da estância que fazia fundos com aquela de seu pai. Sorria sozinho ao pensar que cusco amarrado tem desejo de morder.

Jacó lembrava dos frutos maduros em janeiro. Poderia apanhá-los, lavados pela chuva, e mordê-los sofregamente, sem se perguntar se a hora era oportuna. Poderia pôr a mão no ombro de seu pai.

Osvaldo já ouvia a torcida dizendo carinhosamente seu nome, e à noite pediria para sua mãe massagear-lhe a musculatura castigada.

José, só em pensar sobre as histórias de seu município e dos jornais que o aguardavam, sorria. Teria o rádio para informá-lo de todas as ocorrências e seus olhos brilhavam em considerar que, ao toque de seus dedos, ouviria quem bem entendesse.

Solano brincava com o sereno da noite ao visitar seus amigos. Eles o esperariam e ninguém bateria a sineta no melhor da conversa.

Enfim, poderiam decidir sobre seus momentos. Opinaram com seus pais. Conversariam com todos, sem cuidar de divisões. Pouquíssimos se davam ao luxo de pensar nos seios das garotas do lugar. Alguns mais se animavam pela lembrança de com elas conversar. A esses desejos se lhes dava freio curto. Cantariam as canções de suas comunidades, na língua de seus primeiros pensamentos. Karkof pigarreava, limpando a voz, ao trautear os sons de “Heimweh” ou de “Wo meine Sonne Scheint”. Muito mais não ia sem que lhe dissessem: “Karkof! Preste atenção!” Assim os sonhos eram curtos, dado que se tinha muito o que fazer.

O rito dos exames obedeciam em tudo aos de julho, exceto nos conteúdos. Variava, quem sabe, a intensidade do ruído das latas ou no que pudesse repicar, descarregando as tensões dos tempos difíceis. Havia ainda a preparação das surpresas que cada turma apresentava. Em nada se abandonava os exercícios habituais mesmo no tempo das limpezas finais.

O dia anterior ao da partida trazia um ritmo efusivo. Aqueles que partiriam para o noviciado estavam possuídos da graça da conquista e eram olhados como heróis que haviam cumprido sua missão. Caminhavam de cabeça erguida, tendo consciência do apreço que lhes era destinado.

Os retoques finais da arrumação da casa acabavam cedo e ainda de manhã as malas e sacos eram levados ao pé da cama, onde as roupas eram dobradas com cuidado. Os únicos a tudo guardarem eram os que

não voltariam mais e aqueles que por estradas ainda mais estreitas faziam sua caminhada.

As apresentações, como despedidas, aconteciam à tarde. Riam de tudo que se apresentava, já que o riso liberava a alegria de voltar e, também aí, a atenção especial que se dava aos que tinham chegado ao final, sem vacilar. Depois ocorriam as despedidas.

De porta em porta, diziam adeus aos educadores. Pediam perdão pelas falhas, o qual recebiam sem severas considerações. Vinham os últimos conselhos, de acordo com as necessidades individuais. Pe. Componoski, de voz fanhosa, com carinho especial dirigia-se aos que pertenciam à sua bandinha que, sonora, animara os eventos especiais.

Recebiam os poucos recursos para a viagem, olhando o dinheiro expressivamente, pois desde fevereiro nele não haviam tocado.

À noite, custavam a dormir pela tensão emocional. Bem antes do horário, alguns já estavam de pé. Estavam alguns tão tensos pela emoção que eram agredidos por câimbras.

No pátio interno, ajoelhavam-se e recebiam a bênção para a viagem e as férias. Dali partiam para a rodoviária em ônibus ou caminhão. Alguns poucos já haviam partido e mais outro tanto ficava para por ordem no que estava fora de lugar.

Jacó, que ficara entre os últimos, vendo o Irmão Paulo, perguntou:

- Quando o senhor vai voltar para casa?
- Não vou para casa.
- Por que?
- Porque aqui é meu lugar.
- O senhor não tem saudades?
- Poucas, muito poucas.

Jacó tinha dificuldade em entender como é que alguém não pudesse desejar de todo coração voltar para casa, e pensou: “Será que ele é assim abatido por não ter mais para quem voltar?”

Solano também foi daqueles que ficou mais um dia feliz. Fez como aquele que, no inverno, coloca a perna fora dos cobertores só para sentir como é bom o calor aconchegante. Saboreou pelos outros o quanto era bom voltar, sabendo que em poucas horas teria o seu momento.

À noite fez a experiência horrível de um casarão vazio enquanto a coruja piava, e mais feliz ficou por pensar que estaria na sua pequena casa. Foi para a janela ver as estrelas e o campo de futebol. Doeu-lhe a ausência de seus companheiros e quase podia ouvir a gritaria deles no jogo. Cadê Ratão, Valando e o Weiler? Já teriam chegado?

Poderia ter partido com todos e já poderia estar na intimidade dos seus. Seria apenas pelo gosto de esperar um pouco mais? Estava uma noite quase a sós para meditar, olhando-a em Santo Ângelo das Missões.

Soubera, à tarde, que Pe. Gerônimo seria aquele que substituiria Pe. Humberto e que ainda maiores exigências estariam sendo feitas. Disseram-lhe que a liberdade estava querendo se abandonar da grande coxilha do Santa Barbara e que havia contradição entre os costumes mais pessoais e aqueles do homem de caráter.

Sentiu-se sem muito querer e pensar. Era uma noite de verão e estava em férias.

SEGUNDA PARTE

O NOVICIADO

I – SABIAM SEM MUITA CLAREZA O QUE OS ESPERAVA. APENAS UMA CERTEZA: SE SANTO ÂNGELO TRAZIA EXPERIÊNCIAS AUSTERAS, MUITAS OUTRAS, COM MENOR CONDESCENDÊNCIAS, SERIAM SENTIDAS EM TEMPO OPORTUNO

Era 1960.

Mas fevereiro iniciara quando foram convocados para partirem. Tinham notícias de Palma Sola como sendo uma aldeia entre os pinhais de Santa Catarina. Do noviciado, sabiam que seria um tempo de provação.

Assim como as vigílias estavam para os cavaleiros, o noviciado estava para quem pretendesse fazer de si um bom serviço dentro das intenções do fundador. Empurrados pelo espírito do tempo, que em suas aldeias, fazia de Deus e seus pensamentos a essencial preocupação e pela alimentação seminarística partiam prontos para romper definitivamente com os vínculos naturais e comunitários, para criar liames decididamente pouco pessoais.

Na viagem de trem de Santo Ângelo a Passo Fundo, Solano estava pesaroso. Pouca nitidez possuía, mas suficiente para perceber que seus sonhos particulares estavam sendo cortados um a um. Aproveitando a fumaça e o barulho, chorava perdido no campo. Tinha desculpa para seus olhos vermelhos ao dizer que tinha alergia ao fumo do trem. Sentia raiva por estar aí, mas seus costumes e o trem conduziam o passageiro, impassíveis diante de seus reclamos. Doía-lhe o corpo e a alma, pois sabia que nem ao menos retornaria no fim do ano. Pensou: “Vou-me decidir de uma vez. Valerão os dois anos, pois resolverão a minha vida”.

Aguinelo brincou com o incômodo: “Nada mais que a Palmeira Solitária nos aguarda. Deixemos de ilusão. Temos esperança, porém, de ainda dar nossos pinotes pelas cercanias de cá.”

Braun ouvia tudo muito mais que o ruído das rodas nas emendas dos trilhos. Sorriu ao pensar que se embrenharia na mata para domar sua natureza e tê-la humilde e cordata com as regras da sua nova casa.

Gebert estava convicto e acima de qualquer contradição. Tinha escolhido alguns heróis como modelo e o mais que queria era assumir seus propósitos inquestionáveis. Conversaria por Deus a quem quisesse ouvir ou não. Não estava para questões difíceis e respostas complicadas. Fazia alarde de que estava certo.

Falou Braun:

- Está faltando o Schubert. Enganou a todos fazendo que vinha, mas não veio. O polaco se perdeu no Chorão de Ijuí.

Solano sentiu inveja do troncado polonês que, ao menos, resolvera o que fazer.

Irreverente continuava o trem acima dos desejos de seus viajantes. Já embarcaram, seria um despropósito voltar. Carregava o trem os sentimentos contraditórios de querer e não querer, de ficar e não ficar. Mas se sustentavam nas intenções que fizeram raízes dentro deles. Estavam aí, tendo maior ou menor convicção que era o que de melhor podiam fazer.

Assim chegaram na sexta-feira e as calendas marcavam dia 10 de fevereiro. Das atividades do mundo ainda assistiram ao jogo do 14 de Julho e à andança dos namorados em torno da praça central, antes do cinema. A segunda-feira foi da retirada para a mata e abandono de ânimos menos interiores. Em Santa Catarina, Palmitos serviu de pouso para, na terça, se fazer estrada até pouco antes de Barracão.

Esperava por eles um caminhão sem carroceria e sobre ele começou a estrada definitiva. A escuridão, em pouco tempo, envolveu a todos. O vento, dentro da mata, estava agressivo aos passageiros do caminhão aberto. E assim fizeram mais de trinta quilômetros. Se não fosse frio, Solano diria que estava no inferno. Não questionava o destino da viagem, apenas sentia o terrível rompimento. Percebia os troncos rapidamente iluminados pelos faróis, e ao certo não sabia se estava na direção do norte ou do sul. Aguielo falava alto, mas o peso a custo se desfazia. O Gebert, entretanto, sabia que esta era uma bela direção. Falava sem constrangimentos da nova experiência, afirmando o quanto Nossa Senhora estaria bem servida com o sacrifício.

Pequenas luzes esparsas surgiram e o motorista gritou, colocando rapidamente a cabeça fora da cabina: “Palma Solã”.

Chegados à grande casa de madeira, foi-lhes servido um jantar frugal. Havia verdadeira alegria dos mais velhos que os recebiam. Novos companheiros reforçavam o caminho que decidiram seguir. Não estavam sós.

Foram descansar, não sem antes dizer a oração da noite conforme a tradição, e dormiram.

Estranhos sons, como de pombas que alçavam vôo, ouviam-se, quando ainda era madrugada. Os que tinham chegado saíam de suas celas, buscando saber o que acontecia. Souberam logo que os companheiros mais velhos se auto-flagelavam. Aguielo lembrou dos cavalos que eram surrados até se dobrarem ao domador. Hehn preferiu lembrar da noiva enfeitada que tinha visto nas férias. Tinha mais gosto em

lembrá-la que em ouvir os sons austeros no corpo dos noviços e dos que paririam para a filosofia.

Veio o pesado retiro de iniciação ao noviciado. Além dos temas do céu e inferno, outros temas novos foram apresentados.

Solano sentia ainda mais que se lhe tiravam qualquer chance de preservar sua original intimidade. A palavra do pregador queimava qualquer voto pessoal. Estava angustiado e o tempo estava para definições.

Aguinelo e seus companheiros ouviram dois temas, com dor e perturbação para alguns e alegria ingênua para outros.

II – SOBRE O ESTADO RELIGIOSO: OU SOBRE AQUELES QUE DE SI NADA ESPERAM, ESPERANDO TUDO DA COMUNIDADE A QUE SE CONSAGRAM E DE DEUS, DESTINO PRIMEIRO E ÚLTIMO DO CORPO E DA ALMA

Começou o pregador, com voz grave, a falar, citando o início das confissões de Santo Agostinho: “E pretendo louvar-te o homem que, revestido de sua mortalidade, leva consigo o testemunho do pecado e o testemunho de que resistes aos soberbos. Contudo o homem, pequena parte de sua criação, deseja louvar-te. Tu mesmo o excitas a isso, fazendo com que se deleite em te louvar, porque nos fizeste para ti, e nosso coração está inquieto enquanto não encontrar em ti descanso”.

Aguinelo e Hehn, pela convicção com que falava o pregador, sentiram que o tempo era para maior seriedade do que esperavam. Foram tragados mais que os outros e na torrente das propostas se dilaceravam:

“A vida religiosa é uma forma estável de viver em comum, negando-se a si mesmo pelos votos de obediência, castidade e pobreza”.

Todos os pensamentos e ações devem convergir para a PERFEIÇÃO. Existe uma caridade essencial que a todos deve possuir, que é o amor de Deus. Deve, cada um, deixar-se habitar na integridade evangélica. Ponham seu pensamento e vontade de lado e assumam as ordens do Evangelho e dos seus superiores que atualizam a vontade do Senhor. Não tenham nada que lhes pertença. Que ninguém diga: isso é meu, ou isso é teu. O prazer do corpo polui o espírito. Uma só mulher poderá estar em seu coração para impedir qualquer outra tentação: a Mãe do Senhor. Aqui estarão guardados e as contradições dos homens do mundo não os afetarão.

Vinham conselhos específicos de como praticar as três grandes virtudes evangélicas: preferir sempre as roupas simples e estar com elas limpas, obedecer as ordens aparentemente absurdas e desviar o olhar de tudo o que não fosse masculino.

Era, através dos padres da igreja e outros santos, confirmada a excelência das virtudes cristãs levadas ao radicalismo. São Ligouri dizia que as almas dos religiosos não teriam que se purificar após a morte. Estariam suficientemente limpas e de acordo com o padrão de limpeza exigido aos que pretendiam ver a face do Senhor. São Crisóstomo confirmava o primeiro, dizendo que o Senhor não era mentiroso pra não cumprir as suas promessas. Quem o seguisse integralmente tinha como garantia a salvação. A questão importante estava em abandonar as coisas do mundo e delas nem se lembrar, tendo em vista a entrega total. Santa Escolástica tentava ser convincente ao dizer que, se os homens soubessem da paz que habita os monastérios, o mundo estaria em solidão.

Chegavam palavras diretas aos iniciantes, e a intimidade levava a ducha fria:

“Vocês entraram aqui, separando-se das ligações e amores que fenecem. A ascese, isto é, os exercícios próprios dos santos serão para

vocês o que são para os soldados os exercícios de guerra. Vieram para iniciar-se na austeridade das regras próprias dos missionários da Sagrada Família, que deixavam o espírito bom para as coisas de Deus. Estarão a sós com seus mestres, nesta casa no alto da aldeia. Com maior ou menor coragem, fizeram tão longa viagem com o querer da santificação e terão o dever de, nas horas que se sucedem, conhecer e amar a história da congregação que os recebe, praticar os princípios da ascese cristã, os mandamentos que orientam a vida comunitária, descobrir a mística que animará seu espírito e elevar, durante o dia e durante a noite, seus sentimentos e intenções. Não falarei das virtudes próprias do cristão perfeito, nem dos costumes tidos como ótimos. Em tempo oportuno lhes serão ditas todas essas coisas. Pe. Clemente lhes dirá, momento a momento, como tecer a vida de Deus a ponto de não terem mais preocupações mesquinhas.

Antecipar-lhes-ei algumas atitudes necessárias ao novício e que serviriam também àquele que inicia qualquer empresa importante:

Devem saber crer que o melhor que estejam a fazer é o que têm a fazer.

O zelo constante nos exercícios necessários deverá tomar conta de vocês.

Se querem realizar com proveito a tarefa de sua educação religiosa, jamais deixem penetrar o relaxamento em seu estudo, meditação ou oração. Enfim, o que tenham que fazer que seja bem feito.

Estejam sempre de ânimo contente e motivado. O tédio mata qualquer empreendimento. Devem fazer tudo com fervor, como se fosse o último ato que fosse realizado e como se dele dependesse a salvação. Deixem o coração penetrar em sua ação. Se não estiverem assim animados poderão falar até pelas belas palavras, mas será como o sino que balança sem badalo. Evitem as lembranças que produzem saudades e que fazem voltar para trás. Não estejam preocupados com coisas mesquinhas, como pequenos incômodos do corpo e da comunidade, como

se deles pudesse provir grande sorte. Ou querem que todos estejam em torno de vocês como se fossem crianças? Confie em seus superiores”.

Jacó pigarreou como se tivesse severa dificuldade em assimilar o que fora dito. O pregador percebeu, pelo rosto tenso de Jacó, a dificuldade de muitos deles. Já haviam experimentado o gosto de terem certos momentos como seus. O espírito da época trazia consigo os primeiros ventos da participação e Pe. Lucca lhes tinha ensinado os primeiros exercícios da libertação.

Falou então mais alto aquele que estava com a palavra (e era só dele): “Quem de vocês tem horror à autoridade? Qual grupo humano que sobrevive quando seu líder não for mais respeitado? A obediência pode ser uma forma de não ser egoísta. O que seria de uma casa onde não houvesse regras a serem cumpridas? Haveria, com certeza, tamanha confusão que ninguém mais saberia qual o seu devido lugar. Entretanto, concedo que a melhor obediência é aquela que se faz em convencimento e ânimo de quem a pratica.

Virtude importante para se levar a bom termo os bons propósitos consiste em encorajar-se diante da aridez e das faltas, ao mesmo tempo em que se busca apoio naqueles que já estão adiantados no intento da perfeição. Vocês mal puseram o pé na estrada.

Não fiquem constantemente perguntando sobre sua vocação. Se seus superiores não põem obstáculos poderão andar com segurança”.

Solano não gostou da consideração posta, mas optou por ver em que daria tudo isso.

“Façam tudo pensando no maior bem da comunidade. Maira Madalena de Pazzi diz que Deus é apenas pouco agradado em jejuns e orações, mas é inteiramente agradado quando sua vontade for entregue em favor da comunidade.

Não estejam soberbos porque Deus os escolheu, mas assumam sua vocação como responsabilidade de serviço.

Sobre outras atitudes, terão um ano de aprendizagem”.

Cada um sentia a dor de acordo com o tamanho das pretensões particulares. Alguns sentiam bem mais o abandono de suas opiniões, e outros tinham a humildade como filha difícil de ficar em casa. Outros não podiam, sem grande esforço, abandonar a garota que os olhara com ternura. Solano tinha dúvidas sobre a qualidade do caminho religioso. Aguielo tinha dificuldades por encantar-se tanto assim por ideias elevadas. O zelo pelo infinito tinha atrapalhos em vários limites.

Ninguém tinha como ocultar que suas origens traziam em si dificuldades nas condições necessárias para fazer da sabedoria e da santidade as companheiras únicas e inquestionáveis.

Apesar da obrigação do silêncio, Jacó e Solano não guardaram para si a palavra, enquanto lidavam para pôr ordem no madeirame guardado no porão da casa nova, e não resistiram à conversação:

Falou Jacó: - Não me conformo com o que foi dito. Assim não vai sobrar mais um pedaço de mim.

- E é para não sobrar mesmo, brincou Solano. Que conversa é essa de estar sempre de acordo ou não ter saudades? Sinto que a alegria dos santos vai custar muito caro.

- O que é aquilo de não se ter mais vontade, xingou Jacó.

O Braun e o Gebert olharam-se decepcionados por causa da conversa dos dois.

Aguielo falou, rindo, na direção dos dois:

- Querem nos capar.

Os dois que guardavam silêncio ficaram ainda mais mortificados com tamanha vulgaridade.

Bateu a sineta. Era o momento para a higiene e última meditação da manhã.

III – AINDA SOBRE A QUESTÃO DA PERFEIÇÃO E SUAS IMPLICAÇÕES E DAS VESTES QUE INDICAVAM A NOVA IDENTIDADE

Falou novamente o pregador:

“Sejam perfeitos como seu Pai é perfeito. Não verão jamais um cientista ou artista chegar à boa ciência ou à arte, sem que se exercite e deseje ardentemente o ofício da lógica ou da criação. Vocês escolheram o extremo perfeito da vida cristã e tentarei mostrar o caminho por onde passar. Amarão seu Deus sem impedimentos ou mesquinhas. É preciso dilatar o tamanho de seu coração e aperfeiçoar a inteligência para que o primeiro somente ame a magnitude do amor de Deus, e a segunda entenda quais os caminhos do Senhor na agitação e notícias que correm como fábulas. A pequenez de sua inteligência e reclamos dos sentimentos devem buscar, sem desvios, o Bem e a Beleza que se encontram na intimidade de Deus, que se revela no serviço, na meditação e bons exercícios. Quem ordena seus sentidos, sentimentos e pensamentos na direção de Deus, será tomado de paz e de força. Quem for tomado por esta legítima ambição poderá ter o tamanho de São Francisco, mas, ao contrário, quem se deixar tomar por mesquinhas percepções terá a alma tão pequena que estará mais limitado que o rato enganado pelo queijo dentro da ratoeira.

Portanto:

Dobrem-se em orações, pedindo que Ele os possua. Evitem as falhas pequenas, já que das grandes nem se cogita. Estejam preocupados em descobrir a salvação sem encantamentos particulares, mas apenas para fazer de vocês bons instrumentos.

A direção da fraternidade indica o segundo caminho da perfeição e ninguém pode negar que em menor proporção faz parte do primeiro. Se conseguirem distanciarem-se de si mesmos, encontrarão a mesma igualdade humana no próximo, sendo filho do mesmo Pai. Como poderão ainda pensar que uns são melhores que outros? Pode isso acontecer se confundirem a aparência com o essencial. Toda comunidade que perdeu o sentido da fraternidade, perguntando-se sobre o que faz um, ou o que faz o outro deixa de fazer, está sem boa direção. Aí se tornará insuportável. Ao contrário, a comunidade onde todos estão interessados no bem estar do outro, aí residirá a inspiração do nosso Deus.

O inferno é a ausência da caridade e aí estão todos aqueles que viram em si mesmos bom lugar para investimento. Passaram a vida inteira ameahando agrados em torno de seu nome. Portanto, tenham cuidado pelos outros, pois desse cuidado dependerá a grandeza de sua alma. Não tenham discórdia apenas porque não combinam seus pensamentos. As ideias devem ser em benefício do crescimento comunitário e não para incensar a personalidade. Defendam para os outros todos os benefícios, pois assim muito sobrarão para cada um. Aconselhem com humildade, repreendam com argumentos, consolem sem demasiado envolvimento, perdoem, suportem, enfim, orem. As regras da Congregação são eficiente meio para o respeito mútuo.

O terceiro caminho, que serve aos dois primeiros, é o dos votos. Convencidos que a missão evangélica e o serviço aos homens, resgatando-lhe sua dignidade, são belas razões para viver, cumpram as promessas que serão professadas ao final do noviciado. Exercitem-se para medir em si a possibilidade de livremente cumpri-las. Entreguem a vontade pela obediência, abandonem a posse e o poder e submetam o corpo para deixá-lo desimpedido para o Bem e a Verdade. São pesos de curta duração para se ter, como recompensa, a Ressurreição. Mas já nesta vida o Senhor os tocará, concedendo-lhes o dom de sua Beleza”.

Solano olhou, pela janela, o pinhal, além da vila. Possuiu-o, então, grande dúvida. Doe-lhe no interior a ideia de estar sendo vítima de mais uma ilusão humana. E se Deus não existisse? Se assim fosse, nem da

vida tiraria vantagem e nem da morte lhe viria benefício. O amargor começou a tê-lo como um polvo. Rapidamente, porém, começou a ordenar algumas razões de sua crença.

Afinal, quem teria feito o universo com suas leis inteligentes? Quem teria organizado a natureza e suas manifestações? Tão complexa e consistente em seus sistemas que os homens apenas estão farejando algumas leis e delas tirando proveito. Quem teria dado a beleza às formas do pinheiro?

Ninguém mente a ponto de, pela mentira, entregar-se à morte. Os apóstolos não pretendiam enganar ninguém ao falarem de todas as notícias do evangelho e principalmente da Ressurreição. Selaram com a própria vida o que diziam.

Quem era Solano para não confiar em tantos e tão sábios santos que testemunharam as graças de Deus para com todos que nele tivessem seu encanto?

O pregador continuava ausente das dores da cada um:

“A obediência é a força dos que não são orgulhosos. Além de obedecer às ordens que tendem a buscar o benefício comunitário, é preciso praticá-lo sem murmúrio. Deve brotar do interior e, com naturalidade manifestar-se no exterior”.

Aguinelo exclamava em seu interior: “Putá que los pariu. Levar ferro e achar bonito”.

O Hehn, quanto mais se falava das coisas do espírito, mais sonhava com a noiva. Quando o pregador começou a falar das vantagens da castidade, ouvia a Ave-Maria dos noivos e imaginava o que fariam depois.

Quando foi falado da pobreza e da frugalidade dos costumes de alimento e moradia, não se lhes era apresentada nenhuma sorte de novidade. Tinham comido sem regalias e habitado em humildes casas. Não eram eles herdeiros do abandono europeu e da conquista difícil em

solo estranho? Não haviam experimentado, pelo gosto e olfato, grandes variações sensoriais. Não tinham dado luxo ao corpo com móveis bem feitos e bem postos. O tato sentira o contato de roupas rústicas. Na verdade, não tinham muito a renunciar.

Já estavam no sétimo dia de silêncio e se implantaram no espírito de quase todos significativas decisões. Nos primeiros dias, mais difícil se tornara guardar o silêncio, mas como até com maior exigência o ser humano se adapta, já estavam todos buscando cumprir, com respeito, aquilo que tinha sido imposto. Alguns mais, outros menos, já sentiam o espírito se animar com a grandeza e elevação maior. Fluíam melhor as grandes orações da igreja. Tinham repetido algumas vezes em comum:

“Sejam cuidadosos, estejam vigilantes contra os ataques de Satanás, o grande inimigo de vocês. Ele ronda em volta, como um leão faminto, que ruge à procura de uma vítima para estraçalhar”. (Pedro, I, 5).

A seguir, salmodiavam em dois coros. Vários deles diziam sons inteligíveis como salmos de louvor, pois o Latim não lhes era tão familiar. Tinham aprendido regras demais e esquecido o essencial.

Tendo em mente as primeiras propostas de perfeição e praticando os primeiros exercícios espirituais, fizeram a vestição como diziam as regras:

“Vestir-se-ão como os humildes padres da região, tendo à frente um crucifixo”.

Estavam despojados até do modo de se vestir e tinham que aceitar no corpo vestes negras e compridas que os distinguiam dos demais. Olharam-se uns para os outros, vendo o quanto haviam se transformado e riam nervosamente de si mesmos.

No outro dia começaram os estudos sistemáticos das regras da obra instituída por Berthier.

IV – SOBRE A REVELAÇÃO DA NOVA IDENTIDADE OU SOBRE A DEFINIÇÃO DAS NORMAS COMUNITÁRIAS NAS QUAIS ESTAVAM SENDO INTRODUZIDOS

Falava então o mestre dos noviços, introduzindo-os nas “Constitutiones Congregationis Missionarum a Sancta Família”.

Articulus I – De fine Congregationis:

“Importa a santificação pela obediência, castidade e pobreza. Cada um entregue cada dia mais a vontade, poder e seu corpo, respeitando as normas que se constituem nas principais orientações para o bem comum da Congregação. Ela possui especial finalidade aos que se sentem chamados em idade avançada ou em pobreza extrema, e por estas razões não encontram abrigo em outro lugar. Assim chamados terão oportunidade em suas vidas para fazer e PREGAR o bem onde for necessário, de modo especial onde a Igreja indicar. Ninguém assim estará preocupado com objetivos personalizados. Para os pobres aqui existe chance, mas não os de espírito pequeno. Em tudo será tomado como referência a espiritualidade da Sagrada Família.

Quer pela fraternidade ou oração

Quer pela humildade e grande trabalho

Quer pela simplicidade e profunda intimidade com Deus

Quer pela especial atenção ao essencial, não dando nenhum privilégio ao barulho da ostentação,

Quer pela bondade e fé.

Por estas e outras razões a casa estará imbuída da mística própria de José e Maria com vistas ao anúncio do Filho.

Entrego agora as Constituições, com algumas orientações muito especiais:

Aqui é a casa de vocês e sob minha orientação as horas serão preenchidas no estudo do sentido e das regras, nos costumes da Congregação, na formação espiritual, na oração da Igreja, na prática integral dos votos e nos exercícios capazes de corrigir defeitos e fazer adquirir virtudes.

Espero que todos tenham feito, conforme as santas regras, a análise da vida e confissão geral. Tudo será feito em comum, a não ser durante a correção fraterna que será feita a dois. Para que se possa saber onde estão, ao sair ou entrar na residência será pedida a bênção.

Não visitarão seus familiares, pois o apego aos parentes e amigos e as relações muito frequentes com eles são obstáculos a quem tem por finalidade na vida dar-se às atividades para a salvação dos homens, tendo como instrumentos essenciais os Evangelhos e ensinamentos da Igreja. Não escreverão muitas cartas e aquelas que serão escritas ou recebidas serão lidas por mim ou meu assistente, a menos que sejam escritas aos superiores da Igreja ou da Congregação.

De oito em oito dias haverá confissão geral das faltas comunitárias.

Para que o corpo esteja sempre pronto e dominado: “Duas vezes por semana açoitarem-se-ão com a disciplina, quarta e sexta-feira, logo após levantar e estando convenientemente vestidos”.

Aos sábados deverão estar de alma voltada para Nossa Senhora. Ela ajudará a vencer os reclamos do corpo e dará melhor sentido à intimidade de cada um.

Em tempo oportuno, outras orientações serão oferecidas, sobre os exercícios que devem obedecer aos costumes da Congregação.

Que cada um tenha como honra o trabalho mais simples e o lugar mais comum. A Congregação foi criada para que resplandeça a fraternidade e não a competição. Que todos tenham o prazer de servir”.

V – DAS GRANDES ORAÇÕES DITAS EM COMUM, QUE POR RAIZ E EXTENSÃO HABITAM OS SÉCULOS E INVADIRAM A TODOS QUE BUSCARAM A PERFEIÇÃO

A força das invocações que pediam graças, agradeciam e davam louvores dividia-se na consagração do tempo, mal imitando os monges pela abreviação dos ofícios. Pela manhã, as laudes, pela tarde, as vésperas, e ao entardecer as orações que completavam o dia. Ficavam também antecipadas as longas exortações e salmos ditos, nos conventos contemplativos, durante a madrugada: as matinas. Constituíam-se em alimento para o espírito, como se para o corpo fossem favo de mel e pão do melhor trigo. Os hinos tiravam da alma o que de melhor possuía: grandeza e poesia, não esquecendo do fortalecimento da inteligência nas verdades do Evangelho e nas reflexões dos padres da Igreja. Moldava-se assim a criatura em postura reverente diante da grandeza do Senhor, principalmente por tudo que havia criado e feito de especial para o homem. A dimensão contemplativa dos jovens era nutrida. Assim se fazia a alma dócil e bondosa, tendo no estudo o complemento. Ao Senhor pertencia o saber e a lei e ao homem competia admirar, entender e fazer uso adequado de suas descobertas.

Ao iniciar os ofícios diziam:

“Abra minha boca Senhor

Para que eu possa bendizer teu nome,
Ao mesmo tempo que limpa meu coração
De qualquer intenção menos digna.
Ilumina a inteligência
Inflama o afeto
Para que dignamente possa recitar o Ofício”.

Nas Laudes, no outono e tempo pascal, recitavam, como as demais orações, em Latim:

“Ó Sol da Salvação, Cristo da intimidade,
Brilhe em nossa mente!
Enquanto, uma vez afastada a noite,
Mais belo renasce o dia na terra.

Permita, neste tempo propício,
Que um rio de lágrimas
Possa purificar as primícias do coração
Ao mesmo tempo que se vivifica a alegre caridade.

Se a vara da penitência
Amolecer a rigidez do espírito
Então de onde jorrava o mal
Correrão lágrimas constantes.

Que chegue o dia, o teu dia
No qual tudo possa renascer
E alegremo-nos caminho
Por andar à tua direita.

Que o mecanismo do mundo, dobrado em tua direção
Te adore, Trindade clemente.
E nós, rejuvenescidos pela graça,
Cantemos um canto nunca ouvido.”

A seguir vinham leituras que exortavam, apontando o fogo com eterna combustão para os relapsos, mas para os que tivessem suficiente caridade e fossem cheios de boas obras, havia boas promessas. Uma das leituras concluídas: “Qui enim diligit iniquitatem, odit animam suam”. Era o “tempus acceptabile”, com talentos especiais para o essencial.

Retomando o sentido das Laudes da época eram ditas orações, hinos, salmos e os textos das Vésperas. Era o início da tarde e nelas se convidava a maiores jejuns para que o apetite da graça pudesse ser melhor experimentado.

Ao entardecer as Completas concluíam as grandes orações, com textos apropriados, pedindo que o Senhor guardasse a noite:

“Antes que termine te pedimos,
Criador das coisas, que bondosamente
Presida-nos e guarde.

Afastados sejam todos os sonhos
E visões da noite
Afaste também o inimigo
Para não poluir os corpos”.

No responsório, reforçava-se:

“Guarda-nos Senhor
Assim como se fossemos a pupila dos olhos
Proteja-nos sob a sombra de tuas asas”.

E por fim, dizia-se o cântico de Simeão:

“Agora podes deixar partir em paz o teu servo”.

Aguinelo, silencioso, caminhava pelo corredor aberto. Já estava bem desenvolvida a compreensão que pouca coisa melhor poderia ter sido feita em suas vidas que não fosse ter a cabeça no mistério onipotente de Deus e usufruir as vantagens de quem buscava a perfeição.

Mas por mais que se diga e se invoquem as grandezas existentes no homem, dificilmente se apagam as exigências do organismo prenhe de vida. Os sonhos surgiam sem muito respeito ao que ia na consciência. A intimidade da natureza segue seu curso e nem sempre está convencida dos mandos austeros. Expressa, não raro, sua inconformidade aos rumos diferentes aos seus apetites. Assim como o animal selvagem somente passa a servir após segura e cuidadosa doma, da mesma forma a natureza humana se dobra servidora quando tiver um tratamento digno,

severo e firme. Por tão severa orientação a que se submetiam, a alguns assaltavam ideias inescrupulosas. Noutros, por vezes, habitavam impulsos fortes de vida ou morte. A mais alguém, poluções descontroladas fazia despertar. Mesmo estando os frades vigilantes, mais a natureza indômita buscava garantir-se. A criatura, por melhor que sejam suas intenções, carrega consigo a força de suas primitivas leis.

VI – AO REVÉS DO ESFORÇO CONTINUADO DO MESTRE, O TEMPO E A NATUREZA BUSCAVAM OUTROS RESULTADOS

Era já quinta-feira da ceia do Senhor. Há pouco os frades* disseram suas laudes. Na antífona, rezaram: “O Senhor foi conduzido ao sacrifício e não abriu a boca”. No Latim popular cantaram o canto de Zacarias: “Benedictus Dominus, Deus Israhel, quia visitavit et redemit populum suum”. Haviam, naquela manhã, meditado sobre o sentido do pão, deixado em memória. Tinham lido, debaixo dos pinheiros, o pedido da mais profunda fraternidade e naquele dia era comemorada. Era ainda manhã, quando na clareira, em jogo de futebol, surgiu nítida manifestação de que a natureza não se conformava tão fácil às orientações do dia.

A partida era disputada entre os frades, que a disputavam vestidos com guarda-pó. Aguielo, orgulhoso de sua rapidez e perícia no trato da bola, sentia-se ferido por andar atrás do prejuízo. A bola, naquele dia, estava avessa aos seus caprichos, e ele mais se agitava na perseguição do intento. A sua equipe não se organizava, fazendo com que os esforços individuais morressem na organização dos adversários. Hehn, ao contrário de Aguielo era muito desajeitado na condução da bola. Naquela manhã, porém, esquivou seu corpo rapidamente, fazendo Aguielo passar lotado.

* Termo latino que significa irmão. Era recebido no dia da vestição.

Foram ouvidos risos pelo feito conseguido. Mais se doeu o frater nervoso. Hehn no lance seguinte, obteve melhor resultado que o anterior. Aguielo, então, dispensou o gesto ameno. A elevação do espírito deu passagem à emoção mais comum da raiva. Foi, então, que Hehn sentiu uma violenta rasteira. Aterrisou, desengonçadamente, com o rosto na grama. O corpo deslizou como se fosse trenó. Todos sentiram que a quinta-feira santa tinha sido prejudicada em seu sentido. A Eucaristia fora jogada ao chão e a fraternidade fora, desta forma, lastimada. Na celebração da ceia a bondade da tarde foi assimilada com vergonha.

Os limites apresentados às decisões de Pe. Clemente eram dados não somente pelas decisões da natureza, mas daquelas criadas pelas pressões próprias do tempo.

As exigências de um determinado tempo criam pressões tão fortes que à sua força se torna difícil resistir. Surgia com tendência definida, nos primeiros dias dos anos 60, a formulação de uma proposta mais libertária nas questões de ordem comunitária. Começara o tempo próprio para as opiniões pessoais, que nem sempre, no interior das justificativas democráticas, preservavam o bem comum. Havia chegado o vento da participação, buscando equacionar a legitimidade do que era propositado. Já haviam experimentado o sabor da motivação pessoal na pedagogia de Pe. Lucca. Havia percebido que podiam ter luz própria no caminho que tinha que ser percorrido. A identidade de comportamentos encontrada na caserna de Grave apresentava fissuras. Nascia o tempo da inovação, carregado de opiniões divergentes e singulares, Pe. Clemente tinha o zelo das raízes, mais do que da invenção. Confiava nas orientações patrísticas de antigos ascetas, mais que na ligeireza dos novos profetas. Suarez e Santa Tereza D'Ávila eram o mestre testemunhos inquestionáveis.

Por motivo da reunião periódica da Congregação na Região Sul, Pe. Clemente veio a Passo Fundo no seu DKV. Quando voltou, trazia no rosto a preocupação. Parecia estar ameaçado de grande mal e revelou aos seus em uma de suas meditações:

“Vim de Passo Fundo e lá parece que o bem está de licença. Os filósofos e teólogos não respeitam mais várias das Santas Regras. Saem com muita frequência e ninguém sabe onde estão. Visitam famílias, como se os vizinhos lhes pudessem dar grande conforto. As orações já não são mais tão assíduas. Vão estudar na faculdade, prejudicando o estudo da filosofia. Convivem com as mulheres boa parte do dia. A liberdade está chegando como a chuva no inverno. Vocês deverão recuperar os verdadeiros costumes do fundador”. Termina a meditação, alguns sentiram-se como aqueles que se incumbem de missão especial.

Solano sonhou-se cavaleiro, mas seu cavalo estava pior que Rocinante. Sua espada não obedecia aos comandos da mão. Na quarta-feira, mais castigou seu corpo por causa da fraqueza de sua alma em cultivar sonhos impróprios. Por este tempo, começou o sofrimento da coesão. Havia resistência aos novos tempos, e outros estavam em sua frente sem saber onde chegar. A correria foi geral, e procura-se, ainda hoje, pelas pedras que sobraram da construção. Em diversas direções perdeu-se o essencial.

Por este tempo do ano, aconteceu um fato carregado de significado e simbologia:

Descansava um lagarto no pátio interno, contemplando os frades que saíam do refeitório. Recitavam o Miserere menos compungidamente que Davi diante de Nata ao fazer pecado com Betsabé.

“Lavai-me e me tornarei mais branco do que a neve”. O lagarto, que atingira o porte completo de sua espécie, olhava curioso e desafiador a procissão no corredor.

“Dos meus pecados desviai os olhos
E minhas culpas todas apagai”.

Confiante se revelava o animal diante dos penitentes. O grupo dividia-se entre a atração da beleza selvagem do réptil e a oração da contrição.

“Um coração arrependido e humilhado,
Ó Deus, não haveis de desprezar”.

Solano olhava compenetrado o animal, e que ficassem os versos do arrependimento com quem os escreveu.

Ainda poucos conseguiam dizer sem distração:

“Reconstruí os muros de Jerusalém”.

Hermeto forçava seus olhos para não olhar, mas não havia como controlar a experiência da novidade. Hehn, por estranha associação, lembrou-se mais uma vez da noiva.

Fizeram na capela a oração pelos benfeitores e se as garantias da subsistência dependessem da compenetração com que pediam por aqueles que os auxiliavam, em poucos dias estariam sem alimentos. Saíram em seguida e perderam a postura do corpo, aconselhada aos religiosos.

Foi então que o lagarto viu que o trânsito não estava tão livre. Corriam já atrás do animal, que não estava para entregar seu couro. Na roça estava mais à vontade, mas a perseguição continuava. Erguiam a batina pra não perdê-la, enroscada em algum toco. Quando já se convenciam que poderiam apanhá-lo, desapareceu em sua toca na terra. Voltaram impotentes, para lavar a louca. Pe. Clemente os advertiu com severidade, pois não haviam respeitado os costumes religiosos por causa de um réptil.

Já haviam passado o inverno, e rezavam no dia de São Ludovico:

“Justum deduxit Dominus per vias rectas”*.

* O Senhor conduziu o justo por caminhos certos.

VII – SOBRE A MAIOR DOR: A MORTE DE CADA UM COMO VÍTIMA PERFEITA DO BEM COMUM E DA FÉ

“Feliz aquele que vós chamais
E escolheis para habitar em vossos átrios”. (Salmo 64)

“Oferecerei em holocausto as mais belas ovelhas
Com os mais gordos cordeiros;
Imolarei touros e cabritos”. (Salmo 65)

O pastor hebreu sentia-se orgulhoso em oferecer o que de melhor havia no campo. Os filhos dos agricultores não sacrificavam um cabrito magro, mas em compensação davam a si mesmos como vítimas no holocausto.

Desde a mais oportuna opinião até o mais legítimo sentimento eram entregues no sacrifício, não desconhecendo as primícias dos anos mais calorosos. Imolavam bem mais que dois ou três cabritos.

Chegou um dia, em vista, a figura rústica do Pe. Mühl, que mais vivia sobre a mula nas picadas da Santa Catarina que sobre suas próprias pernas. Tinham um rosto austero e solitário. Tudo o que nele havia, traduzia solidão. Solano e Jacó viram a insólita figura carregando os arreios de sua mula e sua surrada sacola de couro. A batina estava suja, em harmonia com suas velhas botas. Era um legítimo missionário sem lugar. Encurvado, apesar de forte, demonstrava as dificuldades de sua tarefa. Solano se perguntava sobre sua sorte, vendo em Mühl seu futuro. Os dois discípulos trocaram olhares significativos, guardando para si o que

lhes ia no interior. Mediam as chances que teriam, olhando a figura do missionário.

Pe. Mühl já estava no corredor, caminhando desajeitadamente, e neste meio tempo Jacó tinha passado em revista três regras sobre os votos:

1º) O voto de obediência faz obedecer a tudo o que diz respeito à vida da instituição. Pensou: “O que passa a importar é o que deve ser feito como importante para a comunidade, fazendo que eu seja um bom instrumento. Como a elegância do corpo se vai no sacrifício do Pe. Mühl, da mesma forma minha vaidade de existir possa ir em doação”.

2º) O professo está obrigado a guardar o celibato. Doe em Jacó a ideia de abandonar a intimidade física, e mais lhe doe a lembrança da solidão, há pouco saudada na visão de Pe. Mühl.

3º) Os membros da Congregação renunciavam ao direito de dispor de qualquer bem estimável em dinheiro. Será que as botas velhas e a batina poída eram bens estimáveis em dinheiro? E riu ao brincar com o pensamento: “Pelado poderá ser meu nome”.

Jacó ouvia Pe. Clemente falar com Pe. Mühl sobre a roupa suja, e este dizia: “Tenho apenas esta”. Na voz de Pe. Clemente, havia um tom profundamente fraternal. Os dois estavam serenos e sua mente se iluminou com a idéia repentina da paz. Perguntou: “Será possível que a felicidade possa morar com tanta despreensão?” Solano, naquela noite, dormiu amassado pelos fatos. O barulho do motor na baixada se esfalfava para oferecer uma minguada luz, e em sua carona andavam sonhos. Belos troncos eram serrados, e a serraria não estava no desespero da madeira. Rasgados em tábuas, transformavam-se em habitação. Acordou-se, suado, quando a máquina estava para morder um tronco particularmente bem feito... Afastou o sonho, tocando a mão na testa. Buscou na memória lembrar da regra que falava sobre a prática do espírito da pobreza.

Pelas durezas dos exercícios, dois dos que haviam iniciado partiram. Um nordestino que não fazia muita distinção entre a santidade e

a maldade e dizia orgulhoso que seu pai afirmara: “Meu filho se tiveres de fazer um serviço num sulista, que o faças bem feito”. Viu, então, Solano, que se da raiz não vier a boa seiva, o esforço da árvore em sobreviver resultará em vão. Hehn foi o outro. Com certeza não conseguiu pôr equilíbrio em sua dissonância: as fantasias de uma noiva suave com todas as suas consequências, e a exigência de abandonar em pensamento qualquer sinal que ferisse a virtude dos anjos. Partiram sem grandes comentários. Rapidamente, o mestre falou:

“Alguns não têm força suficiente para caminhar na montanha”. – Sentiam-se orgulhosos por caminhar por caminhos tão altos – “O bem comum e a fé não lhes tinha sido boa motivação. Seus motivos particulares chamavam mais alto que a sabedoria, piedade e perfeita caridade. Tomar o menino e sua mensagem e promulgá-la oportuna e inoportunamente não lhes fazia tanto bem quanto estar atentos aos motivos de seu corpo”. Pouco ou nada mais se falou.

Todos os dias continuavam os exercícios da ausência pessoal. Na poda dos defeitos, saltavam pedaços de intimidade e singularidade, ora dos costumes culturais, ora da própria natureza, alguns jogavam tora o jeito efusivo de ser para se envolver na circunspeção. Alguns mais deixavam o raciocínio lógico e austero, dando lugar à contemplação. Outros, na confissão pública, davam laçassos no orgulho, dizendo suas culpas. Mais alguém sentia-se invadido na privacidade pelo colega da correção fraterna. Os detalhes pessoais deviam queimar-se diante da disciplina que duramente ensinava que o tamanho de Deus não se confunde com os projetos exclusivos do próprio nome.

Todos tinham idêntica cama e colchão. O mesmo bidê e cortina. O mesmo cubículo que recebia o corpo para o descanso. Tudo o que havia de humano devia se conformar às ordens da casa.

As orações traduziam as grandes ideias religiosas e ditas em comum, não permitindo vasões aos vãos pessoais. Diminuíam-se as contradições e conflitos, dando lugar à socialização da fortuna concedida

pela natureza, ou de tudo que fosse conquistado. Todos que buscassem a perfeição deviam conformar-se aos princípios havidos como verdadeiros.

VIII – SOBRE A REVELAÇÃO DAS BEM-AVENTURANÇAS, OU SOBRE A ARTE DE TIRAR DA ALMA A MELHOR PARTILHA

Mas qual o resultado do jejum e disciplina, da oração diária, da consagração das horas na pobreza, castidade e obediência? Qual o lucro do trabalho, estudo e de toda renúncia?

Estando Solano em retiro, refletiu mais profundamente sobre si mesmo e o estado de vida que buscava fielmente tomar. Resolveu medir as vantagens humanas que poderia tirar da perfeição, e rascunhava em suas anotações:

“Sobre a inefável experiência de ser humano”.

“Na vida que estou por tomar, tudo é feito como a fazer o elogio daquilo que é essencialmente humano. O sentido da transcendência é elevado às alturas. Olhar a vida e sua dignidade e encaminhar projetos comuns como se fossem filhos, é o que se faz todos os dias. A fraternidade preside os meus instantes, uma vez que ela não convive muito bem com a mesquinhez. A fé ilumina até a morte, e uma das essenciais preocupações é a ressurreição. Posso ter amigos verdadeiros que não rirão quando estou em fracasso, considerando que ninguém quer vantagem. Estarão garantidos o sustento e habitação, sobrando o tempo todo para prescrutar e proteger o mistério humano. Não terei a preocupação das raposas quanto à toca, nem a dos pássaros quanto ao

alimento. Tampouco gastarei meu tempo na educação dos filhos. Como compensação, terei boas chances de alargar meus sentimentos para com os deserdados da dignidade”.

Sentiu, então, em trânsito rápido, uma onda carregada de paz e fortaleza.

“Na noite da Páscoa tive mais que um simples sentimento. Foi como se a eternidade me tivesse pego de surpresa. Um sopro tomou conta de mim. A noite dos maiores símbolos concedeu a consciência à minha fragilidade. Por instantes, tomei entre as mãos a ressurreição. Deixei-me invadir pela grandeza dos hinos e ritos da noite. Percebi aí que tudo que fora abandonado era passageiro e que tinha um projeto duradouro. Senti, na solidariedade com a vida, a poesia e a verdade e fiz da justiça a minha companheira, e percebi que pode haver um lugar sem contradições. Senti que esta era a casa dos santos e dos sábios, e pelas contradições da pequenez todos eles seriam chamados de loucos. Por certo estava possuído pela harmonia, e estava acima da pequena visão, oferecendo-se a vida em sua inteireza. A magnitude da percepção reunia desarticulações. Formou-se em mim uma ideia maior que a ideia positivista.

Terei princípios que me serão referenciais para voltar, quando atrapalhado em outras ocupações que não aquelas da salvação da condição humana.

Poderei tratar a morte como irmã e não temerei sua proximidade, uma vez que dela não brotará o fim como pesadelo.

Não terei necessidade de exprimir meu corpo para dele tirar passageiros instantes de satisfação. Terei na dor o conforto da fé, e nas menores razões motivos de grandes alegrias. Minha intimidade estará pacificada pela grandeza do Senhor. Poderei estar em coerência, sustentando minha finitude.

Terei, pelos critérios e inteligência, melhor alternativa, inibindo-se, assim, a crítica mordaz, que será substituída por melhor oportunidade, ações disciplinadas e constantes”.

Olhou pela janela, vendo a vila e alguns pássaros que voavam. Na estrada, uma família de caboclos mal-vestida. Pensou sobre a diferença de seu mundo e daquele de seus irmãos que caminhavam sem grande destino em mente.

A distração foi corrigida pela volta ao rascunho que dizia das vantagens de seu caminho.

“Estarei protegido das agressões e tentações do mundo. Zelarei pelo espírito. Com o tempo, estarei tão apto a acolher a paz e a gentileza, que estarei com elas mesmo na intensa dor”.

Naquele dia os demônios estavam mais operosos. Lembrou-se das meninas nas tardes de futebol, mas rapidamente dedicou seu pó irrequieto à Virgem. Riu, ao lembrar da lenda dos demônios contada pelo mestre:

“O chefe do inferno comandava a troca da tropa dos diabos que deveriam tirar dos homens a salvação. Orientava cada diabo de acordo com perfil dado em psicoteste, respeitando-se, assim, as suas originais qualidades. O velho diabo guardaria a porta da cidade. Alguns poucos mais, cuidariam do campo. Outros tinham o diploma de “Doctor of Philosophie” na arte de enfraquecer os bons. Dentre estes, os que tiraram “suma cum laude” eram destacados para entrar no convento que havia no alto da cidade. Deveriam estar atentos ao menor espaço que se lhes abrisse. Eram altamente especializados em formar discórdias. Tinham especial habilidade em pôr prazer naquele que vencia o outro. O que mais precisavam era vencer a bondade da alma. O grupo de doutores deveria pôr em prática as melhores estratégias para fazerem desrespeitar as normas comuns e buscar o gosto por privilégios. Alguns com especialíssima aptidão para o prazer teriam a tarefa diária para demonstrar que ninguém é de ferro. Tinham até encontrado provas de que pequenos regalos do corpo e limitados afetos sexuais fazem bem à alma. Tinham eles a missão de pôr em dúvida antigos propósitos, provando que o mundo merece maior atenção e que nele tudo deve ser experimentado para salvaguardar a liberdade, tendo opções mais conscientes.

Notou Solano, que o demônio da distração estava saltando dentro dele e decidido rascunhou algumas vantagens a mais para aqueles que buscam a perfeição cristã:

“Terei franquia para a prática das virtudes e nas casas onde estiver haverá exigência de todas elas. Buscarei comigo, com carinho, todas elas: as evangélicas – as humanas – as do meu tempo e lugar e aquelas que a natureza de modo especial me concedeu. Quero ser um homem bom e ter em mim a profunda alegria que acompanha o sopro do Senhor”.

Tocou a sineta para a oração das vésperas. Prestou maior atenção no hino daquele dia de final de novembro:

“Pela glória dos apóstolos
Ressoe o céu em louvores
E cantem juntamente a terra e os astros.
Dirigimos desejos íntimos
A vós que sois juízes para o tempo,
Sendo também verdadeiras luzes
E ouvi as vozes que suplicam.

.....

Sanai as mentes acabrunhadas.
Aumentai em nós as forças do espírito”.

A antífona explicava sobre o apóstolo festejado no dia:

“Unus ex duobus qui secuti sunt Dominum, erat Andréas, frater Simonis Petri”.*

IX – SOLANO E SEUS COMPANHEIROS APRENDERAM SOBRE A ORIGEM DO INSTITUTO E VIRAM A CRISE DE 1800 PARA O MELHOR DESTINO DE 1900

De tanto ir o homem à autoridade, na Renascença, se cansou. Foi aí que começou a descobrir que de si mesmo nasce o saber e que este inicia sua inspiração na experiência. Começou a luta ingente do antropocentrismo. Do lado do dogma e das constituições autoritárias estavam a fogueira e a espada. Ao lado do novo estilo de se fazer a consciência humana, estavam o argumento e a dignidade humana. Quando tombaram as cabeças do rei e da rainha, a consciência humana angariou prestígio de deusa. O racionalismo e o iluminismo fizeram festa e em pouco tempo os conventos foram ameaçados. O Estado da Igreja foi suprimido nem bem 100 anos depois de 1789. Na Alemanha, a Igreja perdia seu status pela decisão da comissão do Reich (1803), quando foi entregue ao Estado o gerenciamento de 22 dioceses, 80 abadias e 200 conventos. A Igreja sofreu humilhação em sua autoridade política e social. Havia se perdido nas coisas do mundo e nelas teve gosto. Levou a lição que leva aquele que não zela pelo essencial de sua tarefa. Além da conversão a que a obrigavam, padecia do mal da divisão. Pio VII (1800-1823) preocupou-se em dar melhor encaminhamento ao espírito da Igreja que andava enfraquecido. Começa o sopro da renovação e interiorização, sem, entretanto, abandonar de vez seus defeitos incorporados pela invasão e gosto no mando do mundo. Abre-se a Igreja no estudo de si

* Um dos dois que seguiram o Senhor, era André, irmão de Simão Pedro.

mesma, para ver melhor para onde ir. Surgem escolas de teologia, buscando encontrar novas oportunidades para orientação dos fiéis e a transcendência humana. Houve muitos congressos e Conferência de Bispos. Foi doloroso encontrar o caminho que competia à Igreja. Não foi fácil tirar o pé do pó, uma vez que por ele andou por tantos séculos, sem fazer a devida purificação. Por muito tempo a comunidade eclesial e sua hierarquia esqueceram da alma humana como essencial preocupação, atirando-se ao poder e nele encontrando sua autoridade, desautorizando-se a si mesmas. Os movimentos nacionalistas não permitem regalias aos que confundiram o serviço às virtudes com o gosto da dominação.

Em 1800 aconteceu o tempo da purificação, começando a caminhada às origens evangélicas, não zelando ainda o suficiente pelo coração de sua vocação. Privilegiavam-se muito as formas legais e autoritárias. As normas de Roma tinham, *ex opere operato*, garantias de salvação sem a consideração da originalidade de cada povo com seus costumes. No final do século XIX, entretanto, estava definida uma nova política de salvação. Leão XIII dizia com propriedade que deveria “enfrentar todos estes tão grandes problemas causados pela gênese do tempo, das ideias, dos governos e das nações”.

Referia-se, principalmente, ao feito de Garibaldi que, em 1870, riscou do mapa da Europa o Estado da Igreja. O espírito da época exigia um Papa capaz de ser reconciliador e de levantar os muros de Jerusalém. A função evangelizadora da Igreja estava sendo redefinida. Leão XIII conseguiu restabelecer a confiabilidade na santidade da Igreja e em suas posições frente aos valores. As leis seculares foram abrandadas, principalmente aquelas que tratavam da formação de religiosos e sacerdotes. Na França, porém, continuavam sendo promulgadas leis duríssimas contra a vida religiosa.

Em 15 de maio de 1891 foi divulgada a Encíclica “*Rerum Novarum*”. Desvelava-se melhor a figura educadora da Igreja. O povo começou a reconhecer melhor a face de Cristo na forma de ser da comunidade eclesial e de quem a liderava.

No início do século XIX começaram a sobrar pobres na Europa. O racionalismo e a objetividade do positivismo induziu ao capitalismo. As elites inteligentes tornaram-se poderosas e as leis começaram a ser pouco favoráveis a grande parte da população. Muito debilmente, mas corajosamente para o tempo, começou a Igreja a pensar nos seus filhos desfavorecidos no tecido social. Leão XIII, bem assessorado, coordenou o movimento missionário que surgia. Movidos pela nova proposta redentora, ainda investindo sua melhor força na alma humana, os cristãos apostaram em sua Igreja.

A França, sempre de alma contraditória, fustigava a vida religiosa e, como resposta, mais institutos religiosos dadas aos religiosos fizeram com que outros lugares fossem buscados para o exercício missionário. Dentro deste espírito, nasceu a obra de Berthier. Levou o nome de Sagrada Família pela revalorização do seu espírito, dada até por decreto em 1893.

Nasceu o instituto como mais uma demonstração da exuberância interior da Igreja. Pelo objetivo da proposta, mais uma vez se provava que a alma dos pobres começava a ter prestígio. Entretanto, não se abrandava o costume reverencial pela nobreza, mas havia sinais que novos tempos se aproximavam. Os menores começaram a escrever sua história.

Havia inquietude e ânimo gostoso, sem se perder a rigidez de princípios, a prática da disciplina e a estruturação da verdade em juízos bem articulados, havendo sumária rejeição das teses em contrário. A diversidade de ideias e costumes, sofrimentos particulares, contradições sociais deviam se submeter a uma ética absoluta e à pregação generalista. O que Roma falava e o que São Tomás pensara traduziam a verdade.

Com limites, mas com a prática da fé e inteligência, vieram os missionários de várias congregações, principalmente para a região sul do Brasil. As comunidades dos imigrantes foram servidas por escolas e seminários.

Vieram desta forma os missionários da Sagrada Família, que não deixavam de lado sua "Ratio Studiorum", mas de outras virtudes davam

melhor notícia. Viver e dizer o Evangelho, carregando na bagagem as virtudes da bondade e do trabalho, faziam a alma de Jacó, Tarcísio e seus companheiros.

X – SOBRE AS LIÇÕES DO BREVIÁRIO NAS VÉSPERAS DO FIM DO ANO

Embora nem sempre tivessem todos constante consciência da missão de salvadores, tinham, porém, para auxílio, convites incisivos a alimentar o ideal. As lições do Ofício, dadas no Advento, bem testemunhavam.

Na dor do povo de Israel e no amargor da Idade Média, houve sempre a profecia e a invocação do Justo. Os cantos, exemplos, recomendações, sonhos proféticos clamam por plena realização humana.

Nas leituras e orações do Breviário, os Fratres sugavam pelo filtro dos séculos aquelas que ensinavam o verdadeiro sentido do fim do ano, buscando-se, acima de tudo, ordenar os princípios para a educação do homem cristão.

Diziam as lições que a fragilidade humana devia ser protegida pela frugalidade dos costumes e pela prática da justiça. Que cada um guardasse com cuidado a si mesmo e aos outros. “Respeitai o direito, defendei o oprimido” (Isaiás, 1,17). “Como se prostituiu a cidade fiel? Teus príncipes são rebeldes, cúmplices de ladrões. Todos eles amam a dádivas e andam atrás do proveito próprio” (Is. 21 e 23). Nenhuma lição de Isaiás ficava sem ser repassada. O seu livro fazia elogios à libertação, execrando

o cativo. Clamava no 45: “Que o céus das alturas derramem o seu orvalho, que as nuvens façam chover a vitória, abra-se a terra e brote a felicidade ao mesmo tempo que faça brotar a justiça”.

Era um dos momentos especiais para a educação cristã e a Igreja tinha no profeta um ótimo pedagogo. Isaías estava animado por uma causa, seu caminho tinha coração. Apresentava com incisão as premissas da pedagogia hebraica e cristã:

“O verdadeiro homem não se dobra diante das ninharias e diante daquilo que seus dedos fabricam. É muito pouco para o homem estar apenas inclinado diante de suas decisões, quando se tem um povo oprimido a seu lado e o Senhor como companheiro. Portanto, a soberba e o orgulho devem desaparecer da casa dos homens. Estas particularidades do egocentrismo produzem tiranos caprichosos e ídolos que desviam do melhor caminho.

É preciso que sejam cumpridas as leis que suscitam a fraternidade:

Romper as cadeias injustas,
Desatar as cordas do jugo,
Mandar embora, livres, os oprimidos
Quebrar toda espécie de jugo.
Repartir o alimento com o esfaimado
Dar alegria aos infelizes sem abrigo
Vestir os maltrapilhos,
Em vez de desviar-se do seu semelhante.

Devem prevalecer as obras do espírito e não as da carne. As do espírito promovem a paz, a justiça, a equidade, a alegria, como daquele que faz seu caminho ao som da flauta. As obras da carne contemplam os impulsos pessoais, produzem as damas de passo afetado, fazendo retinir

as argolas de seus tornozelos. Fazem com que todos andem perturbados e indecisos, valendo falsos argumentos e as fantasias individuais. As obras da carne fazem conchavos escondidos, dizendo que aquilo que ficou estabelecido provém do povo. Fazem os pais abandonarem seus filhos por poucas razões e fazem os filhos dizerem aos pais: “Vocês não prestam”. Quando prevalece, nas ações, a extensão da carne, os tiranos exercerão o seu poder com volúpia e haverá alívio quando morrerem. O fracos dirão: “Finalmente, eis-te fraco como nós, eis-te semelhante a nós. Sua majestade desceu à morada dos mortos”. (14)

Enquanto não houver o temor, a prudência, o conhecimento, a sabedoria, a justiça, a equidade, frutos do espírito, a verdade estará afastada e dos profetas todos quererão ouvir coisas agradáveis e que profetizem fantasias. Haverá o trapaceiro, o feiticeiro, os invocadores dos mortos e adivinhos. Pedirão aos profetas que digam a salvação como se fosse apenas uma festa participativa, sem grande empenho e trabalho.

Enquanto houver a profanação das normas comuns, haverá a perfídia da língua e, no máximo, conseguirão louvar o Senhor só com os lábios, e seu temor será convencional. Proliferarão os ímpios e os impetuosos. Todos os dias se ouvirá o falso pranto sobre a morte dos tiranos e os oprimidos caminharão desanimados.

Ao contrário, o homem que vive da força de seu espírito é alimentado na esperança e seu líder vai ouvi-lo em suas decisões.

Sonha o profeta com o tempo messiânico: o servo será engrandecido e não haverá exploração e opróbio. Haverá homens que procedem bem e dirão a verdade. Não vão querer benefícios extorquidos dos gemidos, nem tocarão em presentes que corrompem. Afirma Isaías:

No deserto reinará o direito

E a justiça residirá no vergel.

A justiça produzirá a paz

E o direito assegurará a tranquilidade.

Meu povo habitará em mansão serena

Em moradas seguras e abrigos tranquilos. (32)

Os homens serão prudentes em seus juízos. Farão valer os argumentos e consultarão uns aos outros. Quebrar-se-á a vara do feitor. A lealdade será ainda descoberta. As maiores contradições poderão conviver: o lobo será hóspede do cordeiro e a vaca se fraternizará com o urso. Serão despedaçados o bastão do perverso e o cetro do opressor. Por muito tempo o tirano não terá lugar sobre o povo, e então dirão os ciprestes ao cedro: “Desde que caiu, não sobe até nós o lenhador”. (14)

Todos terão o corpo fortalecido como a planta sã. A mentira será condenada. Prevalecerá a boa argumentação. Os espíritos desencaminhados aprenderão a sabedoria e os que apenas sabem contestar receberão instrução. Haverá o cântico dos remidos: “Abri as portas, deixai entrar um povo justo, que respeite a fidelidade, que tenha caráter firme e que respeite a paz”.

Estarão, neste novo tempo, cada um em sua pátria, contente com seu chão. Cantarão cantos muito próprios e serão admirados em sua originalidade. A autoridade se consolidará pela bondade e estará zelosa em torno da justiça. Não haverá oportunidade para os céticos e as pessoas de má fé.

Viveu Isaías por muitos anos sem estar livre do opressor. Novas alternativas eram visualizadas:

A sua exigência educacional pressupõe a identidade de um povo disperso. Joga longe suas expectativas, ao dizer: “Naquele tempo, o rebento de Jessé, posto como estandarte para os povos será procurado pelas nações e gloriosa será sua morada”. (11) Chegará o tempo em que “o jugo será abandonado e a coleira será quebrada, o manto de sangue será jogado ao fogo, porque um menino nos nasceu, um filho nos foi dado; a sabedoria repousa sobre seus ombros e ele se chama... Príncipe da Paz... O seu reino será firmado e mantido pelo direito e pela justiça”. (9)

Assim, durante quatro semanas consecutivas andavam elas nas matinas laudes, vésperas e completas, aproveitando as lições do profeta. Quando chegava o Natal estavam tão imbuídos de seu espírito, que mal continham a satisfação. Não recebiam presentes, e se recebessem seriam pequenos perto do que haviam recebido.

Além das orientações do profeta, tinham se exercitado com os padres da Igreja. Estes reforçavam a mensagem dizendo que o tempo havia chegado e testemunhas das novas atitudes havia de sobra para imitar.

Na noite do Menino, depois da Missa, foram celebrar a ceia. Solano viu, do corredor aberto, a escuridão sobre o pinheiral. Por pouco não ouviu os anjos cantarem aos que têm boa vontade, mas, por visão interior, teve a certeza dos fatos sobre os pastores e o menino. Ao olhar seus companheiros, viu-os fraternos. Foi invadido pelo respeito e, ao se acenderem as luzes fracas do refeitório transbordava de bons sentimentos, como se a terra fosse pequena para se amar. Fugidamente olhou o rosto iluminado de cada um quando estavam dobrados sobre as palhas, e percebeu que não estava só nas ideias e sentimentos que o envolviam. O rosto de Jacó e Agostinho estavam mais suavizados no desconforto de suas incertezas. Estariam assim pela força da noite, ou estariam amadurecidos para assumir seu projeto de entrega para os homens de boa e má vontade?

Adormeceram ouvindo o barulho do sereno que caía em pingos do telhado principal para aquele do corredor, e misturavam o sonho de “Rorate, coeli, desuper”^{*} com o orvalho da noite que já ia adiantada.

Nutridos no espírito, iniciaram o próximo ano. Fortaleceram-se ainda mais em torno das virtudes celebradas na festa da Sagrada Família. “Revesti-vos de entranhada misericórdia, de benignidade, modéstia e paciência. Acima de tudo, tende caridade que é o vínculo da perfeição”.

* Que os céus das alturas derramem seu orvalho.

(Col. 1.12). O Evangelho fazia o elogio da instrução que alimenta a inspiração.

XI – AO FINAL DE FEVEREIRO ESTAVAM PRONTOS PARA O SACRIFÍCIO DAS PROMESSAS, ONDE ENTREGAVAM O CORPO, DECISÃO E POSSE

Precedido de uma semana de retiro, surgiu o dia da profissão. Estavam diferentes, pois haviam confirmado, por um ano, o caminho da perfeição. Havia tocado na felicidade, mas era bem tênue a fortaleza do interior. Uma vez em apenas um ano não se fazem santos nem sábios, seus perfis possuíam traços muito débeis de santidade e sabedoria. Rústicos que eram na habilidade do trato com a bondade, não lhes seria fácil o relacionamento sereno consigo e toda a realidade. Aprenderam a ser fortes em propósitos, sem provas duras para legitimar a fortaleza.

Tinham praticado exercícios de lutadores com tiros de festim e se aproximava o tempo em que seriam rotos na batalha.

Havia feito a iniciação para a renúncia. A verdade, porém, era que os exercícios de grandeza estavam sendo praticados para valer há apenas um ano, enquanto que a esperteza do que estava sendo renunciado tinha escola da idade do homem. Deveriam diariamente dobrar a natureza, para dela tirar a novidade do espírito.

Na primeira manhã após o retiro, Solano e seus companheiros, individualmente e em voz alta, diziam: “Entre as mãos do delegado de meu superior geral, faço a Deus os três votos simples de obediência, de castidade e de pobreza, conforme a constituição dos Missionários da Sagrada Família”. (Art. 94)

A simplicidade do prometido calou fundo em Solano. Nunca se comprometera tanto assim.

Solano, pelo final da manhã daquele dia, recolheu-se sozinho à capela. Dentro de si, o seu interior lhe dizia que a decisão tomada implicava demais com sua intimidade. Doía-lhe mais que qualquer coisa a solidão da intimidade. Tudo que teria seria de passagem. Nada mais seria que um peregrino. Teria apenas lugares comuns e o que pudesse ser dividido. Não teria o tempo, os objetos e o espaço como limite. Estaria disponível para a ressurreição. Teria a plenitude do infinito para exercer o encanto.

Entretanto, estava surpreso consigo na dor de abandonar-se por mais um ano. Já havia meditado sobre as vantagens da entrega, mas não esperava por tanta saudade de si mesmo.

Refletiu mais um pouco sobre onde estaria sua melhor sorte. Seria melhor empresa aquela de estar sempre pequeno e tendo alma constrangida se não se submete às orientações do Senhor? Brincou em pensamento, pensando que nem ao menos teria a legítima alegria de sonhar com Dulcinéia. Riu ao pensar em sua cela mais pobre que os sonhos da miséria. Limpos, porém, muito limpos.

Leu o sermão da montanha e decidiu que o que fora feito estava bem feito.

Tinha idade suficiente para não ter tanta condescendência para consigo. Já passara o tempo em que, como criança, fora tão protegido e cuidado, e bastava a cada tempo os seus cuidados. Era tempo de ser maior que sua boca, carinho e emoções, e sua infância passara há quase dez anos. Não gostou de uma lágrima que lhe corria ao pé do nariz.

XII – QUASE AO PARTIR, SÃO LEMBRADOS AMIGOS QUE, EM OUTROS LUGARES, BUSCAVAM CONFORMAR A IDENTIDADE AOS POSTULADOS DA SANTIDADE

Solano, entretido, distraía-se ao ler a Pequena História da Literatura Brasileira, de Ronald Carvalho e, curioso, descobria o modernismo. Palpitava com o gosto de uma nova linguagem. O respeito por antigas formas de dizer o pensamento era rompido. Havia irreverência e inovação. A alma do autor se esparramava descontraidamente. O ranço pessoal e distante dos escritos acadêmicos estava sendo exorcizado.

Por mais que Pe. Clemente condenasse estilos novos se sobrepondo à tradição, não havia como trancar todas as portas. Mesmo num livro de literatura o novo tempo entrava sem pedir licença.

Pe. Clemente lhe entregou a carta de seu amigo Luiz, que estudava no noviciado dos Capuchinhos:

“Estou aprendendo a ser como Pai Francisco: irmão menor, aquele que serve. A mim e a meus companheiros é dada como obrigação essencial a observação perfeita do Evangelho. As constituições franciscanas vão do sermão da montanha, passam pelo jovens que foi convidado a deixar tudo e terminam na cruz. A pobreza e a fraternidade estão conosco dia e noite, sem que nos esqueçamos da Igreja a que servimos. Criticam as nossas propriedades e novos vinhedos, mas temos consciência que de nosso trabalho é que sai o nosso sustento. Que o digam nossas mãos calejadas. Acalmamos nosso corpo e sentimo-nos úteis. Nada devemos em testemunho de trabalho, e quando caminharmos no meio da comunidade, eles poderão nos ouvir. Nosso mestre nos diz a toda hora que nós não somos o mundo, mas devemos viver nele para dar-lhe melhor sentido. O povo precisa de alguém que lhe dê alma e vigie por seus cuidados. A bondade deve ser nosso alimento, mas se for preciso vociferar em defesa do que for justo e verdadeiro, faremos sem timidez. A

caridade deve ser tanta que o coração do frade menor tenha desejos de andar no mundo gritando pela fraternidade. Nosso mestre também diz que o frade que se preza deve ser encantado com a alegria do Senhor. A nossa consagração é direta a Deus que faz com que saiam tantos santos do meio de nós”.

Solano riu ao pensar que a ordem dos Frades Menores tinha melhor pedigree que a sua congregação. Tinha história de santos, e a sua mal nascera nas montanhas do interior da França, tendo sido a sua primeira casa uma caserna abandonada na Holanda.

Aproveitou a oportunidade para ler mais uma vez a carta que lhe viera de Nova Bassano. Seu amigo Félice fazia noviciado e escrevia de seu aprendizado:

“Scalabrini fez uma congregação só para os italianos que vinham expulsos, na incapacidade da Europa de cuidar de seus filhos. Sob a inspiração do Bispo de Placência e força de Leão XIII, foi criada a obra para consolo e apoio aos imigrantes que aqui chegavam. Quase indefesos, facilmente seriam explorados devido à dificuldade da fala e esperteza dos negociadores. Vieram com firme propósito de prestar serviço na fé, saúde, educação e outros mais. No meio de todas estas intenções, aqui estou eu, metido até o pescoço. Já sou quase carlista.

Leão XIII chamou nosso fundador de ‘embaixador de Cristo entre os imigrantes’ e eu aqui estou tentando entender o que devo fazer com o compromisso desta ideia. Estou tentando, com os exercícios de santidade, tomar fôlego para ver se aguento os três votos, e depois me dedicar como o herói quieto que aqui morreu, andando de capela em capela: Pe. Pedro Calbachini. Atendeu a Linha Oitava, voltou para casa e se foi embora, não sem antes pedir uma laranja colhida do pé junto à sua janela. Acho que tenho tanto gosto pela gente desta terra que até vale a pena meu caminho. Cuidarei para que sempre tenham dignidade nos costumes. Ao partir, quem sabe eu peça amoras, que fazem mais meu gosto”.

Para contemplar a dose de missivas, Solano leu a mais circunspecta, vinda de seu amigo Pedro que iniciava a rezar na cartinha de Loiola:

“Estou fazendo meus exercícios de noviciado e os farei durante dois anos. Estou cumprindo o que pela Bula Papal de Paulo II foi concedido, em 27-0901540: a criação da obra da Companhia de Jesus. O título do documento promulgado revela e parte a forma de ser da congregação: ‘Regimini Militantis Ecclesiae’. A disciplina do corpo e espírito estão conosco e faz com que cumpramos o dever sem concessão aos sentidos e muito menos aos sentimentos. O que importa é o Bem Supremo, servido pelo pensamento com as ideias da Ciência e do Senhor. Temos na obediência virtude importante, pois temos missão de dar saber elevado e serviço à Igreja pra que nela não se repita o mal do rompimento acontecido por Lutero e outros. Além da severidade militar dos estudos de ginásio e colégio, temos conteúdos clássicos, filosóficos e teológicos durante o período de 10 anos.

Desde os primeiros companheiros de Loiola, ficou determinada a importância da capacitação intelectual. Vieram eles da Universidade de Paris e, por costumes de origem, fizeram dos seminários lugar de inteligência. As primeiras tarefas foram: preparar novos jesuítas, atender missões estrangeiras para não perder terreno e orientar o pensamento teológico do Concílio de Trento.

O ensino busca criar uma ótima estrutura mental, capaz de enfrentar com eficiência qualquer problema. Temos que Deus, na sua infinita bondade, pode aceitar a pobreza, mas não a ignorância. Essa afasta a beleza da alma, como a fumaça estraga a paisagem. Temos como consenso que a sabedoria faz parte da santidade”.

Pensou Solano: “Definitivamente, os Jesuítas não encontram salvação na burrice”.

“Na América Latina a preocupação foi consolidar os costumes católicos dos imigrantes portugueses e espanhóis. Tarefa extremamente

difícil, considerando os limites, devido às intenções dos que aqui vinham. Vinham também para combater as heresias e converter os índios”.

Solano riu ao pensar no sofrimento do índio ao aguentar um jesuíta. Tudo o que aquele amava, este considerava vão. Toda ordem lógica e abstrata dificultava ao índio a compreensão, impondo-lhe grande humilhação. Julgou, ainda, Solano que pretensão dos conquistadores não era de, pela bondade, tecer o desenvolvimento, serviam-se dos padres e, ao arrepio destes, sedimentavam a conquista.

Pedro falava, ainda, sobre a grande participação dos jesuítas na formação dos seminaristas do sul do país e dos colégios em todo o Brasil, conferindo competência ao pensamento nacional.

Por fim, lembrou-se de tantos outros companheiros que estariam em outras congregações, cada um com seu perfil e vocação. Não esqueceu de Eli, que estaria, com centenas de outros, organizando ideias de salvação nas bandas de Viamão.

XIII – SOBRE O INÍCIO DE UM NOVO TEMPO: DAS SURPRESAS DA VIAGEM E CHEGADA AO LUGAR DE INOVAÇÕES E DAS MAIS FORTES CONTRADIÇÕES

Dois anos foram vividos na casa do noviciado. O primeiro, já visto, e o segundo em estudos clássicos e exercícios de perfeição.

Chegara um tempo diferente. Mário, Aguielo e Agostinho foram chamados ao entardecer e foram comunicados que, no outro dia, partiriam a Passo Fundo. Estavam sendo convocados para realizar dois anos de estudos científicos no Colégio Conceição.

Partiram sem questionar por que deveriam enfrentar estudos de física, química e matemática. Ouviram apenas uma explicação superficial sobre a melhor excelência do ensino nos seminários menores. Não lhes foi perguntado se teriam ou não interesse, ou condições, para o que era proposto. Assim, em estrada de poeira e buraco, havia o gosto da primeira missão, parecendo haver uma assembléia de desconfortos no espaço traseiro do jipe. Na frente vinha Pe. Flesch e Pe. Beltrame, e atrás os três que, pelas frestas, contemplavam a paisagem saltitante.

Acontecimento inesperado foi observado logo após o grupo ter passado a fronteira de Santa Catarina. Fazia-se grande acampamento. Homens de olhar decidido e com olhar de pouca amizade olhavam para a condução que passava.

Falou Beltrame:

- Brizola está se havendo mal com estes vagabundos.

- Mas nem todos estão sem vontade para o trabalho, retrucou Flesch.

Aguinelo olhou e articulou alguns sons sem ânimo:

- Pelo visto, a gauchada está resolvida!

Mário brincou:

- Parece piquenique, mas o clima não é de passeio.

Agostinho estava cheio de perguntas sobre o que estava acontecendo. Como resposta, ouviu falar de reforma agrária e colonos sem terra. O que da paz e do respeito aos costumes aprendera, nada servia para o que estava vendo. Percebeu, sem muita clareza, que havia um temporal se armando. Fez a primeira meditação sobre os tempos novos. Havia novas exigências. O tempo havia escrito no rosto daqueles homens a marca da contestação. Por perto de Nonoai havia indícios de que um povo não teria mais paciência para a submissão.

Aprenderam, os três, em exercícios de dois anos, que obedecer era um bom negócio para a alma humana. Viam ali lições contrárias. Como ninguém perde a ternura gratuitamente, havia erros no grupo do qual eram dissidentes aqueles homens. Estavam aí, perto da estrada, para que todos vissem a inconformidade. Nos olhos dos homens havia muita emoção e “esta é a força dos fracos, e geralmente não leva a nada”, refletiu Agostinho. De positivo, tinham a dignidade. Estavam sem casa, mas não tinham cada de quem pedia. Aguiuelo, já alguns quilômetros andados, falou:

- Mexeram na vespeira e o marimbondo ta zunindo.

Ainda em Nonoai, Agostinho perguntou onde moravam os índios. Beltrame, lacônico, respondeu que à direita da estrada, a uns 4 quilômetros, morriam de cachaça alguns pobres diabos. As melhores árvores que possuíam foram arrancadas de suas terras por qualquer preço, e as terras cultiváveis estavam sendo divididas por posseiros pobres.

A cena dos homens altivos protegendo a cancela da fazenda tomada, e a imagem dos índios explorados, sem ânimo para bater no tambor ou fazer fumaça, palpitavam na consciência dos jovens que vinham sensíveis pela solidariedade adquirida.

Chegaram cansados em Passo Fundo, já noite. Moídos, principalmente os três, foram dormir em celas tão pobres quanto as de Palma Sola.

No outro dia, ainda muito cedo, levantaram para fazer suas orações notaram que alguns frates não estavam na oração da manhã. Estavam de férias, ou alguns poucos permaneceram dormindo. O espírito da época soprava de todos os lados e na direção que queria.

TERCEIRA PARTE

O SEMINÁRIO MAIOR

I – SOBRE A PERPLEXIDADE DE SOLANO DIANTE DA VERDADE: A ANTIGA FORMA DE APARECER E A NOVA – O ESSENCIAL

Assustou-se Solano quando percebeu o descontentamento dos frates no Escolasticado, diante da autoridade. Susto maior levou quando percebeu que riam daquilo que tinha como absoluto. Mal acreditava que, alguns deles simplesmente desconheciam as regras. Não usavam mais o castigo do corpo e conversavam com as mulheres como se fossem irmãs.

Falavam de uma nova filosofia e nova teologia que diziam sobre as formas de entender Deus e o homem. Do susto, passou à curiosidade, e lia tudo o que podia. Percebeu que as opiniões variavam entre a tradição e a inovação e anotou suas idéias sobre elas. Às primeiras, chamou de idéias essencialistas; às segundas chamou-as de existencialistas.

Quanto às primeiras, escreveu:

“Eis que chegaram os tempos da lógica, ontologia, cosmologia, antropologia e a inteligência se armou de esquemas para interpretar tudo o que fosse vivo ou não, o que fosse passageiro ou eterno. Nada escapava, impondo-se a ordem a todas as coisas. A todos os seres foram dados atributos essenciais e cada um deveria se conformar às qualidades que lhes foram conferidas. A desordem não podia ser levada em conta, uma

vez que o significado residia na definição dada pela mente do filósofo ou teólogo. Cada ser funcionava de acordo com a ideia perfeita que dele fazia o pensador. As relações deveriam se enquadrar em parâmetros pré-estabelecidos. Não importava a dor ou limite. Que se eliminassem ou fossem queimadas todas as pretensões que não obedecessem ao estabelecido.

O Belo, o Bom e o Justo eram irmãos da Verdade, e a família não poderia ser manchada com insinuações da realidade que nem sempre se conformava ao proposto.

O mundo foi dividido em premissas e estas estavam carregadas de tendenciosidade próprias do tempo. A verdade dos homens foi consagrada pelo absoluto. Os postulados essenciais obedeciam a critérios racionais, nem sempre obedientes ao testemunho de melhores alternativas. O poder garantia postulados de propriedade privada, da racionalidade dos homens, do direito dos reis, da autoridade inquestionável da Igreja, da falsidade dos hereges. E quem não tivesse propriedade? E se alguém fosse obtuso ou se a ele fosse negada toda a informação? E se à maioria da população, fosse negado o direito de entender e pensar, como ficaria a premissa maior? Mesmo como o postulado estéril, mas verdadeiro! As relações que se estabeleciam com um determinado ser não eram levadas em conta na revelação de seu fenômeno, mesmo porque haveria implicação de mudanças da ordem. Como mudar o equilíbrio entre o rei e a Igreja e todas as potestades? Como negar a autoridade dos reis e Papa se eles repetiam a justiça do senhor? Como aceitar hereges, se não fazem parte do poder?

Assim a verdade, concebida como pura e absoluta, e concebida como o único critério de julgamento, andou de braços com o poder e como vitupério a quem não tivesse condições de se aproximar do absolutamente sábio, bom e justo.

Com a volta dos cruzados, novas verdades foram estabelecidas e o homem começou a pesquisar as leis da natureza, buscando resgatar o direito de perguntar e argumentar. Houve o gosto da ciência e da grandeza do homem no saber”.

Quanto às segundas, escreveu:

“Logo após o maior absolutismo, já na Renascença, a dignidade começou, timidamente, a ser distribuída como se distribui pão aos famintos. Mas quem detém o poder não o perde por bondade. ‘Aos miseráveis compete sobreviver e não buscar excelência de vida’. Assim se lê em toda a História. Entretanto, apesar de toda a danação, os fracos resistiam. O saber e o poder, pelos esforços e morte de tantos, foram mais distribuídos. Conquistou-se, entretanto, o poder ainda para poucos. Foi conseguido o afrouxamento do absoluto, mas a qualidade do saber ficou com o poder de alguns e a maioria que se contentasse com as opiniões ou fantasia. E até quando se contentarão os pobres apenas com migalhas do saber, ou pagarão tão caro por sua incompetência? Alguns povos, entretanto, conseguiram aplacar a fome dos poderosos pela vigilância das leis que todos tinham em grande atenção, havendo assim a consequente distribuição do poder através da qualidade da participação.

Assim a verdade absoluta e autoritária começou a conceder forma à existência humana. Cada um teria o direito de construir seu universo de valores, tendo como base a boa argumentação do saber e a preocupação em garantir à todos as essenciais virtudes humanas. E como já não mais prevaleciam parâmetros pré-determinados, as razões individuais começaram a usar suas insígnias. O homem começou ser a medida de si mesmo. Em 1800, o antropocentrismo festejava sua maior conquista. Entretanto, o poder muda de dono, mas não de atitudes, e continuaram os pobres a sobrar. Junto com os reis e imperadores, nasceu o exacerbado capitalismo. Mesmo com a liberdade maior de ir e vir, nas relações sociais, prevaleciam as forças dos herdeiros do poder e sabedoria e, assim, ainda a maioria continuava a nutrir sua identidade com poucos recursos. As idéias de autodeterminação individual e dos povos relativizou na dependência financeira. A liberdade encontrou seu maior limite na opressão feita pelos privilegiados. Surgiram, entretanto a filosofia e a teologia da emergencialidade e as antigas premissas foram substituídas por propósitos de costumes diversificados, ou pela espontaneidade, muitas vezes descomprometida.

Com as duas últimas guerras, mais ainda tornou-se o ocidente indiferente aos apelos de últimas verdades. Abandonou os frutos da razão austera e seus princípios e tomou conta de ovelhas sem rebanho que, não raro, amargaram o gosto da precipitação e egocentrismo. Como a todos foi dado o poder de construir o próprio fenômeno, arrancou-se, em nome da livre iniciativa, o direito de outros à melhor percepção. O livre domínio da natureza pela indústria e tecnologia expulsou a Europa todo o pobrerio com menor opção, dando com o seu sofrimento nas Américas. As leis sociais não tiveram suficiente agilidade, por determinação de grupos sociais e natural fraqueza dos deserdados, para equacionar as desvantagens da maioria. Na ausência da palavra que melhor orientasse a política do bem comum e no elogio da autodeterminação, reforçou-se a inteligência e opção daqueles que possuíam instrumentos de negociação. Nem ao menos havia instituições que defendessem a dignidade humana como medida de importância no encaminhamento de melhor alternativa. Apesar da prepotência, o encanto pela voz e luz próprias atingiu os desfavorecidos nas relações sociais. Não mais havia volta para as leis de vassalagem, apesar de toda opressão. Na América e África começaram os gritos da autonomia e determinação próprias. Isaías começou a ser recitado com maior convicção nestes lugares de desconsolo. Os jogos livres do pensar e sentir criaram curiosas direções: desde propostas e articulações ferrenhamente dominadoras, até movimentos socializadores, tendo o homem como centro, como elogio ao holocausto à desestruturação de sistemas políticos pela não violência. Do canto do homem livre que se enchia da fé, até a política do desespero que dava condolência para quem a praticasse. Da política do corpo e seus instintos, ao retorno aos valores fundamentais.

Acima de tudo, o homem desiluiu-se muito com si mesmo na última guerra mundial, quando foram jogados para longe os propósitos a longo prazo. Valiam sobremaneira a intuição e a sensação nos compromissos para pouco mais de dois dias.

A identidade dos povos que receberam as sobras européias começou a ser traçada com a lentidão dos primeiros traços da manhã. O

sonho dos deserdados em poder arranjar o seu lugar, pôde ser lembrado. E acordados, começaram a impor o seu espaço.

O saber, por razão do fértil existencialismo, até que se tornou irmão dos oprimidos. A igreja, desde Leão XIII, zelou pela dignidade dos que trabalham, deixando de lado suas abstrações de justiça e bondade. Na década de trinta, um novo discurso começou a ser ensaiado com a teologia das realidades terrestres.

Entretanto, no afã de tanta novidade, perdeu-se quase sempre o essencial. Pelo desprezo à tradição, perdeu-se, muitas vezes, o melhor critério.”

Naqueles dias, aprofundando a questão de existencialismo, Solano expôs ainda mais seus sentimentos e percepções:

“Por esses dias dos anos 60, sinto-me quase absoluto, sem, entretanto, conseguir abandonar minha angústia. Já não mais me atendo às lições pré-concebidas, como se a verdade estivesse inscrita na inteligência e sem questionamento. Leio em minha consciência os fenômenos da realidade e confiro especial sentido a todos eles. Agora, sim, me sinto verdadeiramente filho de Deus.

Faço meu o conhecimento adquirido na informação e diálogo. Leio a realidade e invoco meu pensamento, aperfeiçoando-o em novas lições. Encarno minha experiência como graça de Deus. E não diz Bernanos que tudo isso é graça? Deus me fala naquilo que vejo e gostaria de conformar o homem de acordo com suas intenções. Bendigo Teilhard por sua inspiração. Mas aonde firmar meus valores, se eles perdem sua perenidade? Tenho desconfianças dos mandamentos que invento no diálogo com o tempo e circunstâncias culturais, ouvindo em meu interior a direção a tomar. Terei, assim, suficiente sabedoria a ponto de se um bom pastor dos seres, principalmente se tratando do ser humano?

É certo que deverei estar atento ao espírito do tempo e seus fenômenos e por eles determinar a maioria dos meus comportamentos. Entendo o aggiornamento como a licença que Deus dá para aprimorar os

limites da história do homem e sua criação. Não será que Ele próprio queira se renovar em sua preferencial habitação?

Sou jogado no meu lugar e este é meu espaço e por ele sou responsável. Que Deus me tenha! Apetece-me esta dialética sem destino certo, mas se constrange minha alma em pensar que o caminho é tão incerto. Descartes usava o seu 'cogito ergo sum' apenas para o início de conversa. Buscava acima de tudo as ideias claras e, em todos os sentidos analisadas. Tenho que casar a lógica formal na inspiração do momento. Assim tão livre e independente não estarei à disposição das fortes tendências de minha natureza? Como não confundir minhas motivações particulares com a retidão do espírito? Ou será que minha consciência imediata saiu à frente dos princípios fundamentais, pondo no diálogo e informação sua principal garantia?

Não poderá a verdade se confundir com a fantasia e pequenos desejos? Por fim, não poderei me perder na angústia e náusea? Não poderá a aparência arvoar-se em mestra?"

Solano riu ao pensar que São Tomás mal acreditaria que seus filósofos pudessem fazer tanta confusão. Ou não seria tempo de se escrever uma nova Suma Theologica, pondo ordem em tantas contradições?

"No extremo oposto da proposta essencialista, não estaria a ingenuidade guardada pela emoção? Temo que a simples opinião e o sentimento sirvam de modelo, se assentem em praça pública e tenham de muitos grande admiração.

Concordo que as idéias devam ser repassadas pelo crivo da autonomia carregada de ponderações, e mesmo o antigo terá vez de resistir ao melhor questionamento. Estou tão sem costume de usar minha medida, que devo ter o cuidado do artesão. Tenho medo de confundir o filósofo com o sonhador e o cientista com o literato.

Acharei o meio termo a ponto de conformar minha inteligência aos objetos, ao mesmo tempo que os subjugo para melhor destinação?

A visão do essencial será apenas a elucidação da experiência, ou esta terá melhor caminhada no interior da proposta consistente? Não será o espírito de bondade e justiça o melhor intermediário entre a verdade nutrida nos princípios e nas contingências?”

Solano olhou para trás e viu o quanto estava distante de si mesmo. Mal podia compreender que tivesse sido tão obediente.

Não podia se conformar mais à submissão, uma vez que sentira o melhor gosto de existir, mas se questionava sobre o sentido do seu ser.

Não podia escapar. Estava no centro das contradições e de forças contrárias. Tinha que forjar seus instrumentos de realização.

Viu que saíam padres e seminaristas sem grande constrangimento e começou a duvidar do significado de sua total consagração.

II – O NOVO TEMPO SE REVELA, QUASE DE REPENTE, SURPREENDENDO OS COSTUMES TIDOS COMO BONS

O espírito das épocas enlaça a todos que estiverem seriamente envolvidos com determinado problema, sobrando poucas alternativas.

Alguns, mais ponderados, aproveitam as formas novas de enfrentar as questões preocupantes. Há aqueles que, desesperadamente, resistem ao seu influxo, prejudicando as mudanças imediatas. Outros meramente se encantam pela novidade, perdendo, muitas vezes, o essencial.

Solano e seus companheiros sentiram que novas orientações punham em questão tudo o que haviam aprendido. O ano de 63 estava carregado de novidades. Parecia que os comportamentos haviam

envelhecido, não possuindo força suficiente para enfrentar as dificuldades e alcançar novos objetivos.

Havia chegado o tempo do desequilíbrio. É então que se prestam algumas virtudes, como a prudência e a decisão, juntamente com o verdadeiro conhecimento que enaltece o essencial, supera as residências e fala mais alto que o alarido dos precipitados. Quem está no meio do espírito do tempo em transformação tem a visão pouco clara pela turbulência e são raros aqueles que se põem um pouco de lado para ver melhor o que está acontecendo.

Surgem, em tempos assim, movimentos de integração, onde uns se afirmam nos outros e, na análise conjunta, buscam corrigir os desvios de insegurança.

As novidades vinham de todos os lados e sopravam com grande intensidade. As idéias de Theilhard punham abaixo as infantis interpretações sobre a origem do homem; Aristóteles e Tomás eram testados à luz de Kirkegaard e Heidegger; Jacó apreciava ouvir Pe. Fank falando sobre Ortega e Gasset, mais particularmente quando falava do amor; a Igreja levava as primeiras críticas por se alimentar como e na mesa dos burgueses.

Jacó alimentava-se de tudo o que ouvia e lia, preparando, desta forma, seu gênio crítico.

Hermetto, intrigado, perguntou ao pequeno grupo sobre como entender a nova ordem social que propunha a revista “O Seminário”, e José, decidido, respondeu:

- As relações sociais estão prejudicadas pelo vício da exploração e, portanto, para preservar a dignidade humana, são apresentadas novas propostas para se gerir o bem comum. Cada país deve encontrar sua experiência política, corrigindo a selvageria capitalista e purificando o sistema social com maior igualdade e distribuição dos lucros.

- Você quer dizer que o comunismo é melhor que o que aí está? Perguntou Jacó.

- Parece que a Igreja está menos morosa, agora, em descobrir que o socialismo, tirando o materialismo, apresenta virtudes sociais de excelência, completou José.

Jacó, apimentado, respondeu:

- Então podemos aguardar sentados até que o Brasil se perca o egoísmo com todas as desonestidades e se tome melhor gosto pelos outros.

Enquanto assim falavam, Solano olhou em direção ao rádio toca-discos e, ouvindo um som com o ritmo muito forte, falou:

- Escutem como cantam! Nunca ouvi ritmo igual.

- São os Beatles. É o fenômeno diferente, interferiu Vinícius.

Claudino, que inventava as suas, entrou na sala rindo e fazendo rir ao contar como conseguira convencer o reitor para que desse as chaves da Kombi e, assim, poderem ir jogar futebol.

Solano olhou para Agostinho, e disse:

- Parece Palma-Sola. Os mais velhos e os que têm autoridade que se cuidem.

Por aqueles dias de 63, Irmão Adalberto, durante o recreio, falou com irritação na voz:

- Tem gente que até da missa da manhã se esquece. Não se respeita mais o grande silêncio e na benção de domingo a metade anda fora de casa. Vou falar provincial para pôr ordem nessa casa.

Solano, ousado, respondeu que se a rigidez voltasse não ficaria nenhum herói para contar a história. E acrescentou que nenhum deles estava com medo. Benetti, o bom teólogo, afirmou, conciliador:

- A ordem mínima precisa ser restabelecida. Os costumes podem até mudar, mas a relatividade moral perverte a consciência. Quando existem seminaristas dizendo que a masturbação não é pecado,

justificando que é pra liberar o corpo de tensões, é sinal que alguma desordem existe. Hering está sendo mal interpretado e são tomadas algumas expressões isoladas, e assim se alarga a consciência a ponto de não pôr culpa em mais nada.

Solano, entretanto, entendeu que a história é irreversível e silenciou sobre tudo o mais que estava acontecendo.

Alécio estava animado com a União dos Seminaristas Maiores do Sul (USMAS) e seu convidado, Danilo Menezes, coordenador do movimento, chegou num dia de sábado para animar a todos sobre ele. Mal tinha chegado e, pelas críticas, mostrou que sua mensagem era de mudanças: “Participei das orações e senti que elas são artificiais e repetitivas. Cada um deve ser capaz de pôr na oração comum suas preocupações particulares, e não ficar dizendo, sem coração, o que sempre foi dito.”

Falou, então, sobre o encontro que se realiza em junho, e seu discurso foi para pôr fogo na casa:

“É tempo de derrubar as antigas estruturas que estão podres por dentro e por fora. Nós, seminaristas, devemos atender ao apelo de uma Igreja renovada. Para isso devemos, em nosso primeiro encontro a realizar-se em Santa Maria, pensar em primeiro lugar sobre nós mesmos. É importante que definamos melhor nossa identidade. Somos educandos obedientes, sem a suficiente maturidade. Estamos sendo conduzidos como se nossa consciência não tivesse senso de orientação. Devemos, em primeiro lugar, achar melhor clareza diante do nosso compromisso social. Mal sabemos sobre o homem que devemos salvar. Mal sabemos sobre o trabalhador do campo e da cidade. Antes de dizer a Palavra, importa saber a sociologia que nos fala dos grupos que são os destinatários da nossa mensagem”. Em segunda reunião falou sobre “A iniciativa e passivismo dos seminaristas”, dizendo: “ Mal sabemos sobre o homem latino-americano que queremos salvar. Somos desta raça dispersa e subjugada, e oprimidos que somos oprimimo-nos uns aos outros. É chegada a hora de jogarmos fora o jugo. Está crescendo em todos nós a

motivação pela salvação do homem e não penas de sua alma. É preciso que cada uma aproveite os talentos próprios e da época, tendo em questão os verdadeiros postulados do reino dos céus.”

Era tempo de Páscoa e Vinícius armara um grande painel da Ressurreição com recortes de revistas e jornais que revelavam a morte do homem brasileiro. Dizia-se, também, na representação da Paixão, sobre o rosto dilacerado do Servo e sua imitação pela fisionomia humana desfigurada na má qualidade das relações sociais.

Jacó tomou como questão pessoal as paraliturgias, redescobrimo os Salmos e toda a Palavra adequando-os aos momentos celebrados. Colocava ritos novos e pessoais aos acontecimentos vivenciados.

Por esta época, aconteciam as eleições para o Diretório Acadêmico, gerido totalmente pelos seminaristas que administravam, também as verbas, aplicando-as em livros atuais e em diferentes áreas do saber. A escolha preferencial recaída sobre a psicologia e sociologia. Pelo Diretório eram trazidos conferencistas de idéias renovadoras. O departamento cultural promovia teatros de mensagem existencial: Como esquecer das tesões das gerações e das lutas do bem e do mal? Das lutas pelo espaço rural e das resistências do poderoso? Do conflito entre o demoníaco e a santidade? Da narração dos fatos simples e da angústia do homem comum?

Com a vinda de novas propostas e padres novos, a teologia começou a voltar-se para os Evangelhos e o novo Kerigma (pregação) começou a tomar conta das realidades. A exegese buscava as origens para rever os verdadeiros significados da Palavra. Entretanto, por tudo o que acontecia, os seminaristas jogavam-se aí sem muito saber por onde ir, sentindo-se, sim, mais à vontade em tudo o que faziam.

III – JOSÉ EXPLICA MELHOR A SOLANO SOBRE A ORIGEM DE TANTA MUDANÇA E DOS POSSÍVEIS CAMINHOS A SEREM TOMADOS

Depois de dois fatos ocorridos, Solano, pensou mais longamente, uma vez que estava com temor por tudo o que acontecia e o que mais podia acontecer.

Pe. Humberto pregava retiro na Sede 35, mas o interior da maioria andava vazio. O pregador mais falava que dizia, e de sua boca saíam apenas palavras. Enquanto o animador da concentração pescava desde o anoitecer, seus orientadores estavam de fraca medição em torno do lago, perto da casa. Como a seriedade estava escondida, surgiu a proposta da brincadeira. Cada um possuía seus trocados, mostrando que o voto de pobreza andava sem cor. Juntou-se pequeno valor e provocava-se alguém que, de batida, atravessasse o lago em pequeníssimo barco. A cada um que se afundava, acompanhavam as gargalhadas. Assim o jogo do bom remador foi longe e a concentração do espírito se apequenou ainda mais. Desta forma, nutriram-se de nada e a fortaleza de boas paixões se enfraqueceu.

Poucos meses depois, Alcides foi levado por grande desejo e amigos da Vila Rodrigues até à casa de Irene. Pegou gonorréia.

Percebeu-se, com maior nitidez, que os antigos costumes estavam distantes do Escolasticado São José, e que bons propósitos estavam sendo jogados fora.

Solano, para melhor esclarecer e tirar dúvidas, foi até José, perguntando se já não tinham ido longe demais, e José falou com quem tem conhecimento de causa:

“Enquanto o homem não tinha completo domínio sobre a natureza, invocava seus deuses como proteção. A partir de Sócrates e todos os companheiros, enquanto o Ocidente se fazia o grande ensaio da lógica e ciência, mais e mais começou a desconfiança dos deuses e suas leis. Por muitos anos o grito do homem foi sufocado pela intransigência, até que na Renascença a razão começou a estar à testa dos acontecimentos. Veja,

Solano, como as pinturas e esculturas do homem, neste período, começam a ser bem traçadas. Ao contrário daquelas da Idade Média, onde o homem é desfigurado, estando seu rosto desassistido de realismo. O argumento da força deu lugar à força do argumento. Houve gosto pelas idéias e intenções. Mesmo as canções se tornaram mais alegres e irreverentes. Os sentimentos de culpa começaram a ter menos conotação. A coesão da Igreja, em pouco tempo, começou a perder força por novas opiniões e posições. A autoridade dos príncipes foi posta em dúvida, já que a todos foi dado o poder de pensar sobre o bem comum. A Santa Inquisição foi posta como freio à inventividade, mas desta vez, no Ocidente, o pensamento veio mais decidido a ficar. Apesar de tanta força e fogueira, ninguém esteve disposto a renunciar do principal humano: seu pensar e querer. Ninguém conseguiu comprar, por lei ou imposição, a legítima alegria humana, que é o homem fazer seu caminho. E assim como a inteligência pede cobro à liberdade, assim também cada povo pôs cobrança à autonomia. A Revolução Francesa surgiu como fenômeno natural da Renascença.

O canto-chão deu lugar às canções populares e daí em diante a obediência não foi a virtude mais prestigiada. Até na América foram feitas as contas para ver se dava pra pôr em dia os sonhos da liberdade. Ao menos foi dado grito. Nós, pobres, não nos levamos muito a sério. Como fomos maltratados pela história, o condicionamento pegou e nos maltratamos mutuamente. O nosso trato ainda não é suficientemente digno. Tratamos de tudo como se não fosse nosso. Ainda não temos suficiente orgulho de sermos nós mesmos e qualquer presente nos paga bem. Temos ainda pouco respeito por nosso pensar e querer e muitas vezes achamos que os sentimentos e emoções são companheiros suficiente para a autonomia.

Nas duas últimas guerras, a sensação que tivemos foi de fracasso da liberdade, ou ao menos percebemos o quanto é frágil a grandeza humana. Foi então que mais forte se fez o princípio do prazer e por grandes princípios poucos davam um dedo. Afirmavam, então, que Deus

estava morto. Mas de tudo o que se fez, mal deu para acalmar o coração humano.

Na América do Sul estão surgindo os primeiros sinais de latinidade, mas ainda é cedo para se dizer que o movimento seja consistente. Temos poucos heróis que carregam consigo um modelo latino. Alguns mitos dispersos representam o desejo de dignificação do homem americano. Veja como choram por Evita; veja como se orgulham de Lopez. Mal temos dado o primeiro passo em nossa direção.

Na Igreja, Leão XIII impulsionou, mais pelo espírito da época, uma renovação. Pio XII reforçou os direitos humanos e a intimidade de cada nação. Hoje, liderados pelos teólogos holandeses, os católicos estão tentando uma nova ordem moral.

Nos seminários é enaltecida a formação da personalidade e com clareza se defende a iniciativa e afinidade. Não temos o costume de lidar com nós mesmos. É natural que erremos nos primeiros ensaios. Parece-me que não fomos longe demais. O que nos falta é o sentido de nossa verdadeira identidade. Somos capazes de mudanças, mas estas necessitam de prudência, estudos estafantes e trabalhos até a exaustão. E estamos prontos para isso? Queremos o novo e nem sempre na mera novidade reside o essencial.

Fizemos o Concílio, mas dele ainda estamos com o desencanto da tradição. Por muitos anos devemos caminhar até sabermos por onde dirigir o curso de nossa história. Temos a fome da justa inovação, sem o tempero da sabedoria. Estamos no meio do conflito. Não confiamos mais nas antigas orientações, e as novas pretensões são desenhadas com mão incerta. Temos a doutrina social que tem medo do socialismo e queremos deixar de lado o capitalismo. Não sabemos ao certo qual a melhor proposta social. Nosso inconsciente histórico está com limites e necessidade de catarse. Em vez dos velhos esquemas, novos serão introduzidos, mas até lá muita pena se acumulará. Que não esmorecemos nas iniciativas e que nos assista a disciplina para não nos perdermos na imaginação e sonhos de libertação. Estamos organizando nossas

tendências e por isso nos tornamos egocêntricos e radicais. Somos até capazes de confundir desejo com vontade, e prazer com felicidade. E parece que é isso que está acontecendo.

Não temos raízes suficientes para termos tranqüilidade. Temos ainda tão pouco de caminho que não nos sobra, por vezes, por onde retornar. E bem pior para nós que, por força ibérica, gostamos demais da sorte e circunstâncias e, como pobres, ainda nos desassistem a dignidade e a competência.

Estamos em carência de participação e quando o fazemos esquecemos o meio termo entre a autoridade e a nossa determinação. Fazemos como as crianças desassistidas pelo afeto que, quando possuem um pouco dele, a ele se agarram como se fosse o último que teriam.”

IV – SOBRE DESENCONTROS DE IDENTIDADE: DISPERSÃO DE COMPORTAMENTOS E GRANDES ANSIEDADES

Boas e belas palavras eram ditas, mas seu conteúdo não havia sido testado pelo tempo. Novas posições e percepções eram tomadas com volúpia, faltando temperança para melhor assimilação. Solano aí aprendeu que a verdade não é suficiente. É preciso ter vontade e concreta realização daquilo que foi propositado.

Solano gostava de ouvir tudo o que se dizia e coletou as melhores impressões da época sobre a formação da identidade do homem cristão e, mais especificamente, daqueles que tinham por opção a perfeição:

“Como cristão, da mesma forma o seminarista tem por finalidade de vida transformar-se em outro Cristo, busca constantemente a

transcendência na solidariedade e na fé. Perde seus encantos particulares para entregar-se à salvação do homem ferido no corpo e na alma.

Sua causa diz respeito à transformação das idéias e comportamentos que ofendem a vida para que conformam a vida aos princípios evangélicos, onde prevalece a caridade. Deve ser aquele que celebra a morte e ressurreição. Deve ser o sal da terra, tanto para dar melhor gosto como para conservá-la. Deve anunciar o que é justo e bom e denunciar o que não concerne à justa medida e à bondade. Sua piedade deve ser cristocêntrica. As virtudes teologais são suas companheiras e as humanas fazem complemento. Sua inteligência deve estar aberta à realidade e aí descobrindo ou fazendo as leis do senhor”.

Solano prestou muita atenção ao discurso de João XXIII feito aos seminaristas e dito em 61:

“Não se pode esquecer aquele vigilante sentindo de moderação e respeito dado pela tradição e aquela orientação mental, expressão da integridade. Não se pode fazer frente ao espírito desagregador e às manias de certas divagações superficiais sem a formação intelectual, religiosa e moral. Os sólidos princípios ascéticos soerguem o jovem do estado de imaturidade.

Deve, aquele que busca a perfeição, desenvolver hábitos que expressem a harmonia interior e mantê-los pela meditação, pela filosofia cristã e pela oração. Deve ter a alma alimentada em princípios criteriosos para melhor julgar os movimentos políticos e culturais e neles sustentar toda a ação.”

Pedia o Papa que fossem os seminaristas os guardadores do “Depositum Fidei”.

Havia, entretanto, uma tendência que avançava muito além da prudente e corajosa inovação. Havia firmeza nos propósitos de se derrubar as velhas estruturas, esvaziando-se a Igreja dos heróis do passado. Havia no ar a glória de quem encontrou o caminho na negação dos passos anteriores.

Quando em junho de 63 foi realizado o encontro dos seminaristas do sul, evidenciou-se a meta da construção da realidade em novos parâmetros. Entretanto, ninguém tinha muita clareza sobre eles. O discurso tornou-se veemente e o abandono à tradição questão de honra da classe. Surgiu o grito desmesurado da independência. O repetitivo deu lugar à alegria mudar.

Solano voltou entusiasmado do encontro. Sentia-se o cavaleiro da justiça e possuidor da verdade. Havia uma nova classe que não poderia ser vencida. Estavam imbuídos de nova identidade. Teriam que lutar por uma nova moral, por uma nova pregação e ordem social. A teologia dogmática seria vista com menos credibilidade e a teologia pastoral teria novas propostas. Nada mais poderia ficar como estava. As pequenas questões de castidade, pobreza e obediência pouco ou nada tinham a ver com o tamanho da nova missão. A espiritualidade devia estar sob a coordenação da automotivação. A autonomia começou a falar alto que os propósitos comunitários. Já tinha sido suficiente o uso da pedagogia pela opressão.

Solano e Vinícius percebiam que estavam mais para incendiários que para pastores da verdade, mas não podiam negar a utilização dos talentos próprios da época.

Descobriram que possuíam uma missão especial e o cotidiano se configurava com maior vitalidade.

Perceberam que a salvação do homem não se limitava à sua alma etérea e sem substância compreensível, mas a tudo o que se referia ao homem concreto. Entenderam que os limites provinham mais de erro de estrutura social e cultural, que de pecados pessoais.

Começaram a ter enlevo pelo chão e tudo o que nele acontecia.

Tomaram amor por si mesmos e por suas opiniões, pondo extraordinário encanto por tudo o que faziam.

Interpretavam os sinais dos tempos, admirando suas descobertas em relação a movimentos e idéias emergentes.

Por estas e outras razões já não mais estavam dispostos à submissão. Os superiores existiam como pano de fundo no caminho proposto.

Solano e alguns companheiros resolveram ver “El Cid”. Nem ao menos se preocuparam em avisar o Reitor ou pedir a benção. Na volta, o Reitor esperava, irritado por tamanho ato de desobediência. Do alto da escada foi pedida, ao grupo, satisfação sobre a licença e benção para sair. Solano respondeu que assim tinham decidido e que o filme estava muito bom, faltando apenas explicar que o herói espanhol matara o sogro que o chamava de traidor e impedia o casamento com a filha.

Não mais estavam dispostos a negar as próprias decisões e se concentravam em si mesmos com determinação.

Estreitaram laços com as famílias que elegiam para a prática da afetividade, resgatando o respeito caloroso por si mesmos. Faziam visitas e encontros com jovens metodistas, diminuindo preconceitos e analisando, com distensão, suas divergências.

Sabiam que a transcendência deveriam se encarnar no quotidiano, mas não possuíam nenhuma clareza de como fazê-lo. A terra, a natureza e todos os impulsos foram abraçados, sofregamente, como graça. A livre iniciativa e auto-estima foram divulgadas como leis supremas no desenvolvimento da personalidade.

Solano ficou preocupado quando, numa manhã, Pe. Fank entrou na sala com olhar estranho, apontando para direção que somente ele via. Não tinha suportado as contradições que se abatiam sobre todos. Seu espírito tinha-se partido como um prato jogado contra o chão. A aula de cosmologia apresentava um mundo quebrado que carecia de melhor explicação.

Agostinho havia escutado, no curso de Pedagogia, a lenda de um animal encantador que fora encontrado no Oriente: “O animal tinha uma encantadora beleza. Um negociante, comprador de novidades, não resistiu sem comprá-lo. Foi avisado, no entanto, sobre alguns cuidados básicos no

trato do animal. Se estes cuidados mínimos não fossem mantidos, o curioso animal se transformaria em monstro. Não podia ver luz excessiva e devia ser alimentado oportunamente. O dono do animal jamais poderia se distrair. Mal teve o animal durante alguns dias, e o descuido foi a atitude mais usual. Assim, nasceu um monstro e mais outros que se multiplicavam...” Concluiu que a natureza humana não se dá bem com nenhum excesso.

Os santos e tantos modelos tidos até então como imitáveis foram abandonados e Vinícius brincou dizendo que era tempo de desburocratizar a santidade.

A linguagem sóbria e impessoal, bem como os temas transcendentais ou, ao menos, de maior elevação, começaram a mudar rapidamente. O estilo começou a ser mais irreverente e menos comedido. Nada deveria estar oculto. O pudor lingüístico e temático deu lugar às preocupações populares e voltadas às angústias do dia-a-dia:

sobre a salvação dos homossexuais,
as relações da Igreja e Estado,
a posição da Igreja na América Latina,
sobre a liberdade dos Sacerdotes e a Laicização,
sobre a justiça entre os homens,
sobre a socialização e cristianismo,
doutrina da Igreja e Socialismo,
sobre a paternidade responsável e planejamento familiar,
a Igreja e a distribuição das terras,
a sexualidade humana.

Em todos os temas havia propostas encorajadoras da consciência pessoal, da justiça a ser resgatada nas relações sociais, da expressão autêntica e fiel aos sentimentos e aspirações reprimidas. A culpa excessiva ponderação se escondiam diante da exuberância das opiniões e naturalidade em todos os assuntos em que diziam da condição humana.

A fonte das considerações não era mais as interpretações papais sobre as escrituras, mas elas mesmas serviam de iluminação às idéias a serem assumidas.

Deus se tornou menos amarrado às emendas feitas às suas palavras. Jacó estava orgulhoso e faminto de revelá-lo sem mais ter que se apegar às formulas que se impunham à sua inspiração. Via que melhor poderia servir para os conhecimentos que se revelavam.

Meneghini soprava revolta quando falava que o sistema social era mais desigual que o sonho da realidade. Estava pronto para tomar uma espingarda e atirar na primeira autoridade. Julgava que a América Latina perderia seus vícios e complexos em cinco ou seis horas de esforço para afastar todo aquele que não fosse socialista moreno.

Solano começou a estudar todo aquilo que dizia respeito às raízes da cultura nacional. Viu o quanto traziam todos a incumbência de propósitos e ausência de seriedade nas questões vitais na construção de uma pátria. Viu e teve piedade da alma deteriorada pela pobreza. Analisou a todos que aqui chegaram, sustentando o desconforto de serem expulsos. Percebiam-se imponentes ou incapazes de gerir aquilo que lhes era vital. Sentiu-se de forças muito fracas para levar adiante empreendimento de ótima qualidade, considerando suas incertezas e material humano tão depauperado. Por outro lado, exultou ao perceber que tinha tudo a ser feito, e o que fizesse seria ótima contribuição na salvação do homem brasileiro. Sentiu-se satisfeito por considerar-se um cura de aldeia.

Solano abateu-se muito com as últimas notícias de 65 e quase preferiu ser um mendigo a ter tanta preocupação: disseram que Pe. Fank apagara sua consciência, morrendo ao confundir, numa clínica de Porto Alegre, a janela com a porta. Todos, aos poucos, calavam-se em torno de

melhor socialização. Alguém falou a Solano que país nenhum teve bom negócio social enquanto militares estivessem no poder. Estavam em alta cotação e, pelo jeito, teriam muitos anos de vida. Quando Pe. Luís, que falava sobre a Graça, percebeu que nenhum de seus discípulos ligava sobre o significado de suas palavras, irritou-se sobremaneira e saiu silencioso da sala. Solano sentiu-se um condenado. E viu que as palavras dos velhos não tinham mais vez. Ainda no início da aula, falara o velho sobre a Graça:

“Ela se revela espontaneamente e age até nas macieiras no final do inverno. Quando era criança, e lembro como se fosse ontem, as macieiras ainda de manhã estavam como mortas. Naquele ano caiu tanta neve a ponto de os mais velhos temerem sobre a vida das árvores. Mas quando ao cair da tarde voltei para a aldeia, todas estavam floridas. Minha mãe, então, disse que naquele ano teríamos maçãs como nunca.”

Disse Hermeto a Solano: “Um velho que fala assim merece mais atenção.” Irreverente, Aguinelo, consolava-se: “Que temos nós a ver com as maçãs da Alemanha?”

Havia um sopro que espalhava anjos e demônios no interior de cada um. Todos estavam tentados a comer o que não havia sido experimentado, e a invenção não se contenta em andar em caminhos parcimoniosos. Aguinelo jogou fora tudo o que adquirira, uma vez que não combinava com sua fome mudancista. Permitiu que seu coração andasse na casa das emoções. Saiu, sem conselho, ao perceber que o voto de castidade não tinha nada mais a ver com suas intenções e decisões. A ética cantava tão sem convicção que alguns riam quando se falava em pecado.

Notícias vinham de Santo Ângelo, afirmando que um pequeno grupo de seminaristas fez até orgia no açude do Santa Bárbara. De Palma Sola, afirmavam que os noviços se recusavam a tirar foto de batina e o mestre, em protesto, não apareceu ao meio deles.

Havia pouca confiança de que estivessem fazendo o melhor, e os mais velhos perguntavam: “Onde vamos chegar?” Os mais novos estavam menos preocupados com as metas finais.

Havia leituras reanimadoras: Charles Moller e suas interpretações a literatura, à luz proposta cristãs. As idéias de Bernanos em Diário de um Cura de Aldeia, e o desespero do vício humano em Poder e Glória, de Graham Greene.

Solano aprendeu algumas lições de ser peregrino, sem deixar de guardar consigo as contradições das religiões por onde passou. Começou a realizar algumas sínteses e guardar alguns princípios aprendidos e organizados em sofrimento.

Jacó afirmou que a história da salvação tinha continuidade nos acontecimentos que estavam envolvendo a todos. Alguns puseram novo ânimo com as orientações do Vaticano e outros ainda nas idéias da Ação Católica, e poucos no Movimento para um Mundo Melhor que, fazia tempo, tocava de perto os seminaristas.

Assim aprendiam a mudar, ouvindo constantemente sobre o corpo místico e sobre a responsabilidade dos cristãos na determinação da história, mas a maioria duvidava se no seminário teriam condições de praticar melhor a missão.

Solano estava incansável na busca do que mais afligia os seus e se perguntava sobre o que fazer diante do silêncio que começou a ser feito a partir de 64. Questionava sobre o mal histórico em não saber a América Latina conduzir seus destinos com autonomia. Seria incompetência, ou assim países desenvolvidos decidiam, inibindo a organização social de forma a não dar sustentação a uma política que dignificasse e desenvolvesse os povos daqui?

Foi por este tempo que se entendeu que os pobres têm dificuldades de se organizarem de modo efetivo, preferindo movimentos emocionais e conquistas de pouco alcance. A humilhação dos seus filhos era usada como constante para suportar a dor da falência humana. Lia de

alto a baixo o profeta Isaías e os Evangelhos para melhor entender os passos que deveria dar. Pensou na revitalização teológica e filosófica, tentando definir os princípios que salvaguardassem as novas propostas da qualidade humana, principalmente aqueles representativos dos costumes sociais. Não se fazia necessário um novo *Depositum Fidei*? Tinha, na cabeceira, Rahner, Tillich e Cheelebeck.

Tinha, porém, como certo, que Deus andava meio desfalecido, a julgar pela espiritualidade de seus servos.

V – ALGUNS HERÓICOS SURGEM COMO MODELOS DO NOVO TEMPO E CONSEGUEM VER MELHOR POR ONDE CAMINHAR

O período maior da identidade é amargo, pois vai da ilusão à realidade, deixando, não raro, o sentido da eficiência e da objetividade. Para sanar a subjetividade são eleitas pessoas que fizeram experiência, ou que estão a realizá-la com os mesmos propósitos. Desta forma, buscavam melhores dias para as coisas de Deus e dos homens. Sabiam que não dava para voltar atrás e que ir em frente sem apoio provocava demais a dissonância psicológica. Conforme as variações das transformações, escolhiam-se os heróis da época. Dos brasileiros, estavam bem cotados: Gustavo Corção e Tristão de Ataíde, pela fé e convicções. Estavam no mundo, e do mundo se distinguiam. Alguns, entretanto, já não mais viam neles modelos para os tempos em que Deus estava para além da alma.

Vários investiam nos anunciadores e denunciadores Pe. Le Bret e Dom Helder, que amavam os seus anunciando a justiça e por ela trabalhando com destemor.

Aqueles que gostavam da palavra e do elogio por ela ser bem dita, escolhiam Fulton Sheen, que falava da bondade de Deus como quem fala da importância da água para o corpo.

Aqueles que faziam da inteligência e pensamento essenciais virtudes, escolhiam e falavam bem de Maritain ou Paul Claudel.

Para os que tinham alma sensível, havia Frei Mujica ou Aimé Duval. Sonhavam em levar as massas para Deus, com a voz. Imaginavam que as almas tinham vôo fácil como as andorinhas que vinham da Argentina.

E os outros, de espírito ermitão, comoviam-se com Thomas Merton, afirmando que Deus quer saber dos vôos do espírito bem mais que das preocupações percebíveis.

Para não se perder tanto assim, buscavam ainda outros como Chesterton, Carrel e Papini. Bons momentos eram aqueles que, olhando para eles, percebiam que Deus não estava morto e ansiavam pelo tempo em que poderiam vê-lo melhor.

Outros ainda viam em Paulo Freire o profeta dos pobres e em 64 ficaram entristecidos quando os melhores pensadores da América Latina foram tocados de um lado para o outro como se suas idéias fossem demônios.

Foi por estes dias em que caçavam heróis para suas fortalezas que Solano perguntou a Agostinho sobre quem havia escolhido como companheiro de fé, e ouviu:

“Carrego todos comigo, desde Aristóteles a Tereza D’Ávila, sem esquecer de nenhum dos que estão falando. Acima de tudo, porém, penso nas dificuldades em possuir melhor costume e em nutrir nossa alma tão pequena. Olho em torno e vejo bons ofícios de pequenos heróis, amando sua casa com desvelo. Já passou o tempo de olhar para as estrelas. É tempo de nossa maturidade. Aprecio modelos de fabricação caseira e com eles acredito ser possível maior objetividade, melhorando a identidade e nela, principalmente, a questão da competência.”

VI – E CONVERSARAM LONGAMENTE SOBRE A EXPERIÊNCIA PEDAGÓGICA PELA QUAL PASSARAM E ESTAVAM

Parecia até que haveria reunião muito importante. E enquanto o grupo não se formava, contava-se casos e “causos” dos quais saíam algumas observações de boa valia:

O galo do pescoço vermelho enfrentava o cusco e este, pela decisão daquele, duvidava de si mesmo.

Dizia outro que cena mais interessante vira na neve de 65, ao olhar uma laranja madura presa entre as folhas e metade livre do branco. O amarelo nunca esnobou tanto assim numa laranja só.

Laurindo perguntou se aqui no sul só nos dias de neve a gauchada ficava tão à vontade. Mas a conversa ficou mais sisuda quando resolveram conversar sobre a primeira razão da conversa: o que lhes estava acontecendo e o que lhes tinha acontecido, para poderem tomar melhor direção? Afinal, o que haviam aprendido de importante em todos estes anos de reclusão e de dúvidas finais?

Falou José:

“Estou quase com um pé na estrada, mas antes de partir gostaria de apresentar algumas lições aprendidas... e de outras que ainda estão no pensamento no aguardo de melhor oportunidade.”

“Mas de todo jeito, levaremos muitos anos até aprender a nossa verdadeira lição...”, acrescentou Agostinho.

Disse Solano:

“Aprendi que é preciso ter inteligência entendida e ágil nos acontecimentos, para saber agir. Acho que a excelência do pensamento é o melhor instrumento de liberação. Nós que somos tão pobres não podemos dar-nos ao luxo do sonho mágico. É preciso, por aquilo que temos visto, ter as idéias marcadas pelo estudo e, então, buscar a melhor solução. As informações, porém, deverão ser precisas e as melhores, ao mesmo tempo que nos instruímos sobre nossa dependência. Não podemos ficar assim, chorando sobre cebolas deixadas ou perdidas. Isso só será possível se deixamos o torpor de lado, fruto de tanto trato indigno e de tanta indiferença.”

“Teu monólogo está muito intelectualizado, rapaz!” – afirmou Agostinho, e completou: “Por mais dura que tenha sido a disciplina sobre nós, não podemos esquecer da aprendizagem sobre a grandeza humana. Sabemos quase de cor onde nós, latinos, estamos feridos de morte, e urge perder o estado de humilhação e deixar de lado o trato indigno que os oprimidos costumam ter. É preciso, principalmente, perder o complexo de sermos jogados aqui. É preciso ter obediência a valores e não sermos dóceis pelo exercício da dependência. Nós temos que nos tratar com maior seriedade.”

Jacó, que era crítico e perspicaz, deu a sua opinião a respeito de suas lições:

“Considero que não seja suficiente ter a inteligência alimentada na informação e com toda provisão de recursos. Ter princípios por onde encaminhá-la é tão importante quanto o caminhante ter caminho e não apenas caminhar. Tive em conta a necessidade de alimentar as essenciais características humanas. Naturalmente que o essencial passa pelo pensamento e vai até a casa da participação. Na cidade das virtudes humanas, é importante que a todo ser humano seja dada oportunidade de fazer seus exercícios na história de suas preocupações.”

Agostinho, com pressa, acrescentou:

“Gostaria de dizer de minha meditação ao entrar na cidade das virtudes, já que nela nos fizeram residir com amarras. Todos nós

aprendemos que, pelo princípio da reciprocidade, devem ser corrigidas todas as doenças da convivência. Foi doído, mas aprendemos que não dá para aceitar o egocentrismo e o gerenciamento do bem comum com privilégios. Talvez seja este o maior limite que o pobre carrega, uma vez que o desespero o infantiliza, fazendo com que venda sua alma por qualquer preço. Além disso, nós, por estarmos historicamente ameaçados, temos dificuldades no trato digno. A educação que um pobre oferece a outro pobre condiciona-o à sua pobreza. Quando na periferia olhamos os pais lidando com seus filhos, temos a clara impressão que os gestos levam a tirar qualquer boa esperança ou lucro da vida. Assim nós, periféricos dos países desenvolvidos, temos por nós mesmos tão pouca reverência. Ao menos nestes inícios dos anos 60 aprendi que urge resgatar nossa dignidade. Na medida em que o respeito andar com desenvoltura na casa do pobre, a miséria era se ausentando.”

Vinícius, que tinha um jeito bom de ser, falou muito tranqüilo:

“Agora me entendo um pouco melhor. Com o sentido de nossa validade posto em dia, estamos encontrando razões para os exercícios de nossa vontade. Além do que foi posto, vejo ainda outras virtudes que foram tão bem aprendidas por todos nós. Vimos o quanto foi importante reservar um bom lugar para a fé, e assim superarmos nossa angústia e desespero. Foi uma boa experiência de vermos além do nosso nariz. A grandeza de espírito deixou em nós bons sentimentos que ela provoca sejam dispensáveis? Como é bom quando, às vezes, encontramos a poesia andando nas calçadas. Vê-se, então, o quanto estão machucados aqueles que não estão de bem com a dignidade.”

Hermeto, que da natureza trazia a prudência, introduziu-se na conversa com muita delicadeza: “Ouvi as conversas que mais parecem diálogos de Plantão, e fico devendo a minha opinião se não falar. Por mais que tenhamos a autonomia dos últimos tempos, não dá para esquecer a disciplina e austeridade como habitantes da alma, e através delas tirar-se o melhor do espírito humano. Evidentemente que não se pode pôr cobro ao espírito pelo prazer de andar na linha, mas pelo costume do esforço em tarefas importantes. A vontade, e não o desejo, deve modelar o espírito

humano. O bem não anda às soltas, e pressupõe o mínimo de organização. Aprendi que liberar significa, muitas vezes, segurar a mesquinhez dos apelos subjetivos. Tenho a impressão de que a razão deve se fazer cuidadosa sobre a irracionalidade, sem, entretanto sufocar a bondade da natureza.”

Disse Jacó:

“Por mim diria que colhi bom testemunho da responsabilidade. Penso que estou pronto para assumir a palavra dada. Concordo com Hermeto ao dizer que a nossa escola não conviveu com a condescendência. Aprendemos a ver o essencial e, talvez, daí nosso gosto pela simplicidade. A humildade entre nós somente nos últimos tempos deixou de ser obrigação.”

Mário, que estava pondo em dia a sua decisão de ir embora, falou, parecendo distante:

“Aprendi a ter bondade a evitar a ingenuidade. Todo o gesto e voz devem estar concentrados na verdade que sabemos o quanto custa.”

José falou da História:

“Sentimos que, principalmente a partir de João XXIII, com o nome de formação da personalidade, começou-se a privilegiar a participação nas decisões e a livre iniciativa. O espírito democrático entrou para contrabalançar a excessiva submissão colocada como norma na educação que tivemos. Assim, validou-se o gesto afetivo. Mesmo a Igreja concedeu que se desse agrado ao ser humano, ultrapassando-se os preconceitos platônicos sobre o corpo. E como é difícil encontrar o meio termo. E assim que, pelo respeito à individualidade a fuga às normas gregárias, o espontaneísmo começou a andar por aí sem muita vergonha. E deste mal não estamos livres. Em nome dos direitos que andavam perdidos, os deveres perderam sua importância. Mas o lucro desta revolução foi válido. Ao menos começamos a ter nossa identidade. Temo, porém, que pelo abuso da efervescência venha o abuso do arbítrio. Mas depois que experimentamos o gosto nós mesmos, ninguém vai nos segurar.”

Disse Vinícius:

“É no andar da carroça que as abóboras se ajeitam. Acredito que estejamos ainda longe do termo. Freud está passeando nos seminários e instintos, em várias casas, têm mais livre curso que o gado no campo. Alguns educadores estão sérias dificuldades para juntar os pedaços da alma de seus educandos. Acredito que chegará o dia em que Freud dialogará com Santo Tomás e Marx. É certo que o espírito nem sempre está enfunado de elevados propósitos. Concordo com Hermeto sobre regras comuns para encaminhar os projetos de grupo e corrigir os momentos de menor enlevo.”

Solano riu um sorriso entristecido ao falar: “Que diria Aguiuelo, se ainda estivesse presente? Penso que diria assim: - Deixamos aqui as memórias, e foi o que sobrou. Muitos partem com conflitos não superados, e alguns ficam na mesma situação. Estamos como cavalos chucros em campo desconhecido. Não sabem onde está a melhor pastagem.

Mas de minha parte, gostaria ainda de fazer o elogio de nossos educadores seminarísticos. Tiveram muito gosto pelo ser humano, e de modo especial por sua alma. Se não tiveram intimidade, não deixaram de ser cordiais. Não foram distantes, nem amigos de sobrancerias. Mantinham a distância, embora às vezes demais. Tiveram o ofício de nos desenvolver, tendo, entretanto, mais à lei do que a do que a nós mesmos como objeto de educação. Mesmo assim, nenhum de nós está aos pedaços. Não conviveram com a condescendência, já que tinham princípios a proteger. Alguns souberam, sobremaneira, reunir a bondade e a austeridade no mesmo gesto. Acredito que hoje buscariam decisões conjuntas, mas seriam vigilantes sobre o que tivesse que ser mudado. Estiveram sempre coesos no tratamento dos propósitos essenciais. Tiveram sempre a lealdade necessária para com as intenções maiores. Hoje, dariam maior chance à originalidade. Acima de tudo, estiveram preocupados com a verdade e em não fazer encômios às pequenas intenções. Foram coerentes no dizer e fazer. Seus princípios podem, hoje, serem questionados, mas os tiveram. Aprendemos que as contradições

devem ser superadas pela escolha do bem maior. E que seja feita em exaustiva comparação e à luz de criteriosas convicções.

Talvez, teriam hoje melhor entendimento e sensibilidade para enaltecer melhor as potencialidades humanas. Lembro-me como eram alegres na esperança, a ponto de não desvanecer em grandes dificuldades. Fariam, quem sabe, melhor o gesto pedagógico de tornar a alma semelhante a si mesma. Com certeza nunca deixaram que nossa alma se conformasse aos ventos das doutrinas momentâneas. Sempre fizeram com que suas idéias convivessem com o cotidiano. Hoje, saberiam melhor fazer o casamento do ser e do existir.

Nunca foram imediatistas, mas persistentes. Não fizeram como o desenhista que olha apenas por onde anda a sua mão, fizeram como aquele que olhava para onde a mão deve chegar. Tiveram sua realização pedagógica lá onde seus educandos estavam mais feridos. Tenho certeza que vários deles diriam: se estiverem feridos na participação, que participem; se estiverem feridos no pensar, que pensem; se forem preguiçosos, que trabalhem. Aprendemos também com eles a política do melhor caminho. Devemos nos aprimorar na objetividade da ação e não apenas nos gritos de reclamatória. Acredito que os gestos em torno de nós nunca foram de muito carinho e desvelo, mas donde nos vem este respeito pelo ser humano?”

Todos calaram, pois não tinham o que falar.

VII – A MAIORIA PARTE PARA A EDUCAÇÃO, FAZENDO DAS ESCOLAS A SUA MISSÃO.

Com maior decisão podiam pensar sobre o que fazer de suas vidas. Já não mais viam em tudo a compulsão da ordem. Em consultas e

medição, resolviam sobre a saída e posteriores rumos. As contradições de propósitos também entravam em questão. Havia-se deteriorado a fisionomia antiga dos compromissos da igreja, e os novos não estavam bem delineados. A angústia do internado faz com que poucos suportem esta falta de clareza nas conseqüências. Nas últimas aprendizagens, havia notícia de que Deus estava no mundo e ali fixara residência, tendo algumas sérias dificuldades para levar adiante sua salvação. Sendo assim, não estariam distanciados do chamamento que haviam escutado no interior. Reuniam os dados da ciência e da vontade e iriam ao encontro de quem lá fora deles precisasse. Embora estivesse prejudicados pelo absurdo de 64, ninguém os impediria de emprestar saber e reflexão sobre os destinos educacionais de escolas superiores, bem como das de primeiro e segundo graus.

Aprenderam a tirar bom resultado do espírito humano, e desta arte e ciência deveriam fazer sua profissão. Sentiam, ainda, que não havia inteira clareza sobre o projeto educacional, mas alguns princípios bem definidos poderiam ser tirados das conversas daqueles que sentiam que era tempo de ir embora.

Era fevereiro. Estavam embaixo do caquizeiro e conversavam um pouco mais descontraídos, pois já haviam decidido que não mais ficariam no seminário. Foram terríveis as noites que precederam à decisão. Tiveram que morrer para os propósitos anteriores e arranjar coragem para enfrentar a decepção dos pais e comunidade, para procurar onde trabalhar e, principalmente, romper com os companheiros que ficavam. De um dia para outro, deveriam viver com o que não era habitual: novas companhias que, por sua vez, tinham costumes que não lhes eram comuns; as incertezas e as decisões inteiramente pessoais; a desproteção do grupo na hora de pensar; as preocupações mais objetivas de arranjar alimento e companhia; e tantas outras situações próprias de quem tem que se haver por si em terra estranha. Nas vésperas da partida, falavam compenetrados, uma vez que estavam na mesma embarcação.

Falou Agostinho, dizendo o que levaria de melhor:

“Todas as virtudes necessárias para ser um homem razoável: o senso de competência e solidariedade, a honestidade no jogo social e humildade no convívio, a fé na Ressurreição que iluminaria qualquer gesto e, acima de tudo, o último. Não deixaria de lado a disciplina e renúncia pessoal para questões que estivessem um pouco acima de si mesmo. Até da angústia tiraria partido, fazendo dela a melhor saída.”

Acrescentou:

“Não olharei para trás, a não ser para ver por onde passei. Prezarei o meu chão e o meu educador, por mais duro que tenha sido. Farei da fidelidade aos princípios minha tábua.”

Meneghini falou endurecido: “Admito este conjunto de valores como base de vida cristã para qualquer tempo. Farei de tudo para melhorar o perfil cristão, acrescentando os postulados socialistas em qualquer proposta política. Espero que a Igreja possa assimilar, em tempo menor que o costumeiro, as afirmações já consagradas em vários países sobre a organização social e, principalmente, sobre as relações de trabalho. Ela não pode fazer o elogio da fraternidade, enquanto aplaude estruturas de governo fechadas em esquemas de capitalismo doentio.”

José afirmou, sobre as últimas virtudes:

“Sou mais das recentes conquistas, onde nossas atitudes foram revitalizadas. Seja lá no que for trabalhar, guardarei como início e como fim a perseguição da nossa identidade cultural, preservando o que é nosso e desvendando o mistério de nossos costumes. A par disso, conviverei com todos os acontecimentos, fazendo com que passem pelo crivo de minha decisão. Participarei em tudo o que me diz respeito e em tudo o que atinge o homem brasileiro. Aprendi a amar a alegria de fazer história. Renuncio completamente a Aristóteles na sua idéia de que os mais ricos podem se apossar dos menos capacitados.

Prezarei e farei de tudo para que todos prezem a realidade e dela façam boa parte de seus ofícios. Que nossos fenômenos sejam entendidos dos pés à cabeça, e que ninguém venha, por nossa incompetência, a

tomar conta de nossa terra, sementes, empresas ou, até, educação. A inteligência deverá ser nossa arma. A criação deverá palpitar em nós como coração de amante. Buscarei entender nossos costumes e raízes e fazer deles grande elogio. Sugarei o saber universal sobre o melhor encaminhamento político, mas com certeza não é este que temos. A socialização dos bens, entretanto, se faz urgente, assim como o primado da maioria. Pensarei em encontrar um modelo original, sem cair em extremos.

De Deus levarei a notícia de que se fez carne e que precisa de nós, pois do contrário teria feito coisa melhor.”

Solano olhou no relógio e viu que já era tarde. Não havia mais sinetas que lhe diziam pra dormir, e nem tampouco havia alguém que lhe impusesse o misere. Estaria, porém, marcado por todas as experiências de salvação, e mais por aquela Ressurreição. Para completar a conversa, falou:

“Teremos que, por todas as maneiras, manifestar a dignidade do aldeão ou operário. A matança do índio, a escravidão do negro, a expulsão do pobre europeu traçam em nós um péssimo perfil. Por condicionamento histórico, nos tratam como infiéis ou hereges. É urgente o resgate de nossa grandeza humana.”

Ficaram, entre os de maior participação, Jacó, Hermeto e Gebert, guardando os mesmos propósitos dos que partiram. Entre os nominados permaneceram Benetti, Tarcísio e Vergílio.

BIBLIOGRAFIA

1. ALIGHIERI, Dante. *A Divina comédia*. São Paulo, Círculo do livro.
2. ARENS, Werner. *João Batista Berthier*. VI Simpósio dos Missionários da Sagra Família, 1978.
3. ALGUNS Tópicos da Vida do Pe. João Batista Berthier. Polígrafo.
4. BARNHORN, Henrique. *Pe. João Batista Berthier*. Canoas, Ed. La Salle, 1955.
5. BERTHIER, Jean. *L'État Religieux*. Vaison-La-Romaine, Editions Bonne Presse Du Midi, 1939.
6. BREVIARUYM Romanum. Buenos Aires, Editorial Guadalupe, Hiemalis, Verna, Aestiva Autumnalis, 1950.
7. CONSTITUIÇÃO da Congregação dos Missionários da Sagrada Família. Passo Fundo, Instituto Social Pe. Berthier, 1966.
8. COMPÊNDIO do Vaticano II. Editora Vozes, 2. Ed., 1968.
9. D'ÁTREMONT, Bernardin & GILLONNAY, Bruno de. *Comunidades Indígenas, Brasileiras, Polonesas e Italianas no Rio Grande do Sul*. Porto Alegre, EST/UCS, 1976.
10. HIPPLER, Rudi. *A Obra Missionária de João Batista Berthier*. Polígrafo.
11. JOST, Eduardo. *Reflexões sobre o Fim e a Espiritualidade do Instituto da Sagrada Família*. Polígrafo.
12. LUTTERBECK, Jorge Alfredo. *Jesuítas no Sul do Brasil*. São Leopoldo, Intituto Anchietano de Pesquisas, 1977.

13. MERLOTTO, Vânia. *O Mito do Padre entre os Descendentes Italianos*. Escola Superior de Tecnologia, Porto Alegre, e Universidade de Caxias do Sul, 2. Ed., 1979.
14. MISSAL QUOTIDIANO. Beda Heckeisen. Bahia, Oficinas Tipográficas do Mosteiro de São Bento, 1949.
15. O SEMINÁRIO. Revista Mensal dos Seminaristas Maiores. Viamão, de 1957-1964.
16. RABUSKE, Arthur. *Os Inícios da Colônia Italiana do Rio Grande do Sul em Escritos de Jesuítas Alemães*. Porto Alegre, EST/UCS, 1978.
17. REB, 1944. A locução de Pio XII na Vigília de Natal, pág. 169.
18. REB, 1946. Jaime de Barros Câmara; Carta Pastoral sobre o Seminário, pág. 728.
19. REB, 1949. Luís Castanho de Almeida; Notas para a História dos seminários, pág. 114.
20. REB, 1952. Eugênio Valentini; A Vocação e a Direção dos Seminaristas, pág. 304
21. REB, 1954. Kövecses Gésa; Formação do Cleo adaptada à Época, pág. 274.
22. REB, 1955. Dr. J. M. Reuss; Formação Sacerdotal para o Novo Tempo, Página 644.
23. REB, 1958. José Locks; A Falta de Seleção dos Candidatos ao Seminário, pág. 743.
24. REB, 1963. Conclusões sobre o Primeiro Encontro de Reitores e Superiores de Seminários do Sul de Minas Gerais, pág. 784.
25. REB, 1965. Frei Constantino Koserem O.F.M.; Escolástica e “Aggiornamento” do Ensino na Igreja, pág. 28

26. REBELLO, Marques. *Antologia Escolar Brasileira*. MEC/FENAME, 1977.

27. RIZZARDO, Redovino. *Carlitas no Rio Grande do Sul*. Porto Alegre, EST/CEPAM, 1981.

28. SALVADOR, Ângelo Domingos. *Formação para a Vida Franciscana*. Porto Alegre, EST/VOZES/CEFEPAL, 1981.

As memórias descritas e, por vezes, analisadas no livro, podem servir de instrumento para avaliação e organização de uma ação educacional mais apropriada ao homem brasileiro. A experiência assimilada por Solano, que aglutina a vida de vários seminaristas, e por seus companheiros reais, reflete a angústia e alegria do homem cristão que luta para que haja melhor destino para sua sorte social e espiritual.

O Autor.



Projeto
Passo Fundo
Apoio à cultura

[Catálogo do Projeto Passo Fundo](http://www.projetopassofundo.com.br)
www.projetopassofundo.com.br

As memórias descritas e, por vezes, analisadas no livro, podem servir de instrumento para avaliação e organização de uma ação educacional mais apropriada ao homem brasileiro.

A experiência assimilada por Solano, que aglutina a vida de vários seminaristas, e por seus companheiros reais, reflete a angústia e alegria do homem cristão que luta para que haja melhor destino para sua sorte social e espiritual.

O Autor



Portal
Domínio Público
Biblioteca digital desenvolvida em software livre



Projeto
Passo Fundo
Aberto à cultura

